

MARIA DO HORTO FONTOURA CARTANA

REDE E SUPORTE SOCIAL DE FAMÍLIAS

Dissertação visando a obtenção de título de mestre, apresentada ao Curso de Mestrado em Enfermagem opção Saúde do Adulto, da Universidade Federal de Santa Catarina, realizada sob a orientação do Dr. Ingrid Elsen.

Florianópolis

1988

MARIA DO HORTO FONTOURA CARTANA

REDE E SUPORTE SOCIAL DE FAMÍLIAS

Florianópolis

1988

Aos moradores da Costa da Lagoa

## AGRADECIMENTOS

- À Ingrid, por ser como é, antes de tudo uma pessoa com o dom de ensinar.

- A meus filhos, Marcos, Taís e Carolina, e ao Chope, os melhores amigos.

- A meus pais, com quem aprendi a amar as pessoas.

- Aos docentes do Curso de Mestrado em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, pelo auxílio em ampliar horizontes.

- Aos colegas do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, pela oportunidade.

- A CAPES e CNPq, pelo auxílio financeiro.

## SUMÁRIO

	Página
1 - CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO. . . . .	7
2 - CAPÍTULO II - REVISÃO DE LITERATURA. . . . .	14
3 - CAPÍTULO III - METODOLOGIA. . . . .	29
4 - CAPÍTULO IV - RESULTADOS. . . . .	41
4.1 - Caracterização do local. . . . .	41
4.2 - Rede Social. . . . .	102
4.2.1 - Discussão dos achados sobre rede social. . . . .	137
4.3 - Suporte Social. . . . .	140
4.3.1 - Arrepartir. . . . .	140
4.3.2 - Valer. . . . .	148
5 - CAPÍTULO V - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES. . . . .	151
6 - CAPÍTULO VI - CONTRIBUIÇÕES E LIMITAÇÕES. . . . .	154
7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. . . . .	156
8 - ABSTRACT. . . . .	158

## RESUMO

Motivada pelo desejo de compreender em profundidade a quem as famílias residentes em uma localidade recorrem em busca de suporte e que tipo de suporte recebem, a autora realizou uma pesquisa exploratória sobre o assunto. Foi utilizada a etnografia, método de pesquisa qualitativo destinado a apreender o significado de um fenômeno do ponto de vista dos respondentes, e como técnica de pesquisa a observação participante. A pesquisadora, residindo seis meses continuados na vila, e por doze meses esporadicamente retornando para validação dos resultados, coletou dados de treze famílias moradoras do local, que foram os respondentes da pesquisa.

Os dados brutos foram organizados em situações nas quais outras pessoas tivessem de alguma forma tomado parte. Destas situações emergiram os temas, palavras que se repetiam frequentemente e que indicaram o tipo de suporte dado e recebido, e os tipos de relações existentes, o que constitui o suporte social.

Em relação ao suporte social observou-se uma indefinição de limites entre a família e outras relações que poderiam ser designadas como rede social, levando a ser questionado se para esta população o suporte social não é fornecido pela própria família. Outras características foram encontradas, como a importância do afeto, e a mudança das relações pessoais no tempo.

Foram identificados dois tipos de suporte, o arrearpartir e

o valer. O primeiro refere-se à ação de compartilhar algo, principalmente bens materiais, incluindo serviços, mesmo os relacionados com a saúde. O arrearpartir é ação que se desenvolve entre pessoas ligados por laços afetivos e é recíproco.

O valer refere-se a ação de prestar uma ajuda de grande importância para quem a recebe. Refere-se ao suporte em situações de emergência ou necessidade extrema, geralmente de transporte, dinheiro ou alimentos. É ação que ocorre independente dos laços afetivos, podendo mesmo acontecer entre pessoas que não se conhecem. Implica em pagamento ou retribuição de objeto igual ou semelhante.

Pode-se concluir que tanto a rede quanto o suporte social tem características diferentes dos relatados pela bibliografia consultada. Os estudos sobre o assunto, antes de serem considerados como válidos em nosso país, devem ser cuidadosamente avaliados na perspectiva de nossa cultura.

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

A enfermagem, segundo muitas de suas autoras e líderes, é uma profissão interessada e preocupada com o indivíduo de forma integral. Suas ações idealmente visam o bem-estar não apenas físico do homem, mas também todos aqueles aspectos que formam seu ser, sua individualidade.

Para alcançar estes ideais é necessário um conhecimento profundo da clientela da enfermagem. Acreditamos que, a partir da compreensão da forma como as pessoas vivem, dos valores que carregam consigo e de suas percepções acerca de seu mundo, podemos com maior facilidade e eficiência agir no sentido de contribuir para alcançar seu bem-estar.

Dentre as inúmeras facetas pouco conhecidas dos seres humanos, destacamos os relacionamentos que as pessoas mantêm entre si, e as influências destes relacionamentos em suas vidas. É bastante divulgada a noção de que o homem, sendo um ser social, necessita de seus semelhantes, entretanto se examinarmos mais atentamente esta afirmativa, veremos que ela é bem mais profunda e complexa do que aparenta.

Salvo raras exceções as pessoas mantêm contatos mais ou menos frequentes com pessoas específicas, às quais sentem-se liga-

das por algum tipo de laço, seja afetivo, de interesse, profissional, ou de outro tipo. Cada indivíduo tem pessoas definidas com as quais se relaciona, sendo que ao conjunto desses relacionamentos é dado o nome de rede social. Diversos autores definem rede social com palavras que encerram esta idéia. Assim HAMMER (1963) refere-se a "rede de vínculos nos quais uma pessoa ou unidade social está envolvida...", enquanto KAPLAN & Col. (1977) utiliza a expressão "pessoas com as quais o indivíduo se relaciona e os laços destes relacionamentos".

A rede social de um indivíduo tem grande influência em sua vida. Através da convivência prolongada as pessoas tendem a compartilhar crenças, atitudes e valores, ao mesmo tempo que desenvolvem confiança em sua rede social. É a ela, pois, que irão recorrer em primeiro lugar quando se depararem com alguma dificuldade, dúvida ou problema. A rede social, por sua vez, tentará ajudar e orientar, fornecendo o chamado suporte social.

O suporte social é estudado em diversas áreas. Suas características segundo autores como WEISS (1974), CAPLAN (1976), COBB (1976), e KAHN & QUINN (1979) são as seguintes: a) suporte instrumental, consistindo de ajuda simbólica ou material. b) suporte emocional, incluindo afeto e admiração. c) suporte de afirmação, consistindo de reforços de comportamentos, percepções e valores. d) suporte de informação e orientação.

Em relação a nossa área de interesse, a revisão da literatura indica que rede e suporte social são fatores importantes em diversos pontos do contínuo saúde-doença. Estas variáveis foram medidas em diversas situações, aparecendo como influenciadoras nos resultados. COBB (1976) realizou uma revisão de literatura sobre o assunto, encontrando que o suporte social, fornecido pela rede das populações estudadas, influenciou sempre no sentido positivo: -com-

plicações da gravidez na presença de mudanças vitais; - percentagem de nascimentos de crianças de baixo peso; - a socialização de crianças na escola; - reações da criança à hospitalização para amigdalectomia; - ocorrência de dor pós-operatória; - resultados de tratamento para tuberculose; - necessidade de esteróides em pacientes adultos asmáticos; - resultados das tentativas de parar de beber em alcoólatras; - depressão na velhice, entre outras. Mesmo levando-se em consideração as restrições metodológicas existentes nos estudos citados por este autor, o artigo fornece uma visão abrangente das possíveis ações da rede e suporte social na saúde das pessoas. Outros estudos indicam que estas variáveis interferem de maneira muito clara em situações diferentes como o desequilíbrio mental durante a gravidez (TILDEN, 1983), a habilidade de enfrentamento à hospitalização (TOLSDORF, 1976), a angústia psicológica dos moradores de uma localidade (WILCOX, 1981), o índice de mortalidade de uma população (BERKMAN & SYME, 1979), sintomas de doenças em imigrantes chineses (LIN & Col., 1979), e o auto-cuidado à saúde (HUBBARD & Col., 1984).

Frente a ações tão variadas do suporte e rede social na saúde, é importante tecermos algumas considerações sobre o assunto. Primeiramente salienta-se que as ações destas variáveis são intervenientes, e não determinantes da situação sob estudo. Em segundo lugar, suas ações são mais claramente identificadas frente a situações de crise ou estresse. Um terceiro ponto é a diversidade existente nas interpretações e mensurações da rede e suporte social entre os estudos, recomendando cautela na consideração dos resultados. Por último, as ações do suporte social são consideradas sempre positivas na bibliografia consultada; os aspectos negativos quando apontados, referem-se a ausência ou insuficiência do suporte. Percebe-se, pelo exposto, que o estudo da rede e suporte social na saúde está ainda em processo de expansão.

A maioria dos escritos sobre rede e suporte social tem enfoque pessoal. É caracterizada, medida e analisada a rede de uma única pessoa, e o suporte que esta rede oferece. É nosso interesse, entretanto, modificar esta perspectiva tomando agora o estudo destas variáveis com relação a um grupo, a família. Considerando a família um grupo social semi-aberto, podemos imaginar que também ela possui uma rede social que lhe forneça suporte em relação a diversos aspectos da vida familiar, incluindo a saúde. Pouco sabemos sobre a rede e o suporte social das famílias. Na literatura estrangeira destacamos BOTT (1957) que demonstrou haver relação entre a rede social do casal e a segregação de papéis no matrimônio, e UNGER & POWELL (1980), que analisaram a influência da rede e suporte social na adaptação das famílias a crises. Mesmo estes dois estudos pouco contribuem para o conhecimento na área, pelas limitações que apresentam, identificando-se assim uma grande carência de trabalhos sobre rede e suporte social de famílias.

Um outro ponto com respeito ao assunto merece destaque. É o contexto no qual rede e suporte social são considerados. Sendo a maioria dos trabalhos de origem estrangeira, considera as realidades de seus países, que são bastante diferentes da brasileira. Cremos que deverão ser levadas em conta as diferenças culturais, econômicas e sociais entre os países antes de tomarmos como pertinentes as afirmações dos estudos sobre o assunto. Como em nosso país o assunto não tem sido estudado na área da saúde, e está em estágio inicial em outras áreas, realizamos um estudo inicial e indutivo sobre o assunto. Exploramos em profundidade os relacionamentos mantidos pelas famílias de determinada localidade, buscando compreender seu significado na vida das pessoas, e particularmente, que funções estes relacionamentos desempenham em relação à saúde familiar, através de uma abordagem qualitativa de pesquisa.

### 1.1 - Objetivos

- Identificar as redes de suporte social de famílias vivendo em uma localidade, destacando suas características.
- Compreender as ações desempenhadas pelas redes de suporte social das famílias.

### 1.2 - Problemas

- Quais são as redes de suporte social das famílias sob estudo? Quais as características destas redes?
- Quais são as ações desempenhadas pelas redes de suporte social na vida das famílias?

### 1.3 - Definição de termos

- Rede de suporte social das famílias:

Contatos pessoais mantidos com determinada frequência pelos membros de uma família ou pela família como grupo, com indivíduos ou grupos externos. Estes contatos proporcionam à família algum tipo de suporte.

- Família

Sistema social semi-aberto formado por pessoas ligadas por laços (geralmente afetivos) que interagem entre si no desempenho de papéis e posições. (ROOGERS, 1964)

#### 1.4 - Suporte teórico

A esquematização teórica que guiará este trabalho resultou da união de conhecimentos existentes sobre rede de suporte social e aspectos da teoria de desenvolvimento da família, especialmente aqueles enunciados por DUVALL (1977).

A família, como a concebe a teoria, é um sistema social semi-aberto composto por indivíduos ligados por compromisso mútuo (geralmente afetivo) que interagem entre si no desempenho de papéis estruturados pela cultura e pela sociedade. A família tem um ciclo de vida, à semelhança dos indivíduos. Ela passa por etapas de desenvolvimento, cada uma das quais com características próprias, e nas quais certas tarefas deverão ser desempenhadas para que passem à fase seguinte.

Uma das funções mais importantes da família é a transformação de crianças em indivíduos adultos, participantes da sociedade. É a chamada socialização primária. Diversos aspectos são ensinados às crianças e jovens neste processo. Um dos aspectos que a nós interessa particularmente é a socialização em relação à saúde. A família ensinará aquilo que acredita, vivencia e valoriza em relação a saúde, e desta forma transmitirá sua "cultura de saúde" para as gerações futuras.

A família, como sistema aberto que é, mantém relações com outras famílias e indivíduos, influenciando e sendo influenciada pela cultura na qual está inserida. Cultura é aqui concebida como as formas compartilhadas de comportar-se, acreditar, valorizar e expressar-se em relação aos diversos aspectos da realidade, inclusive em relação à saúde.

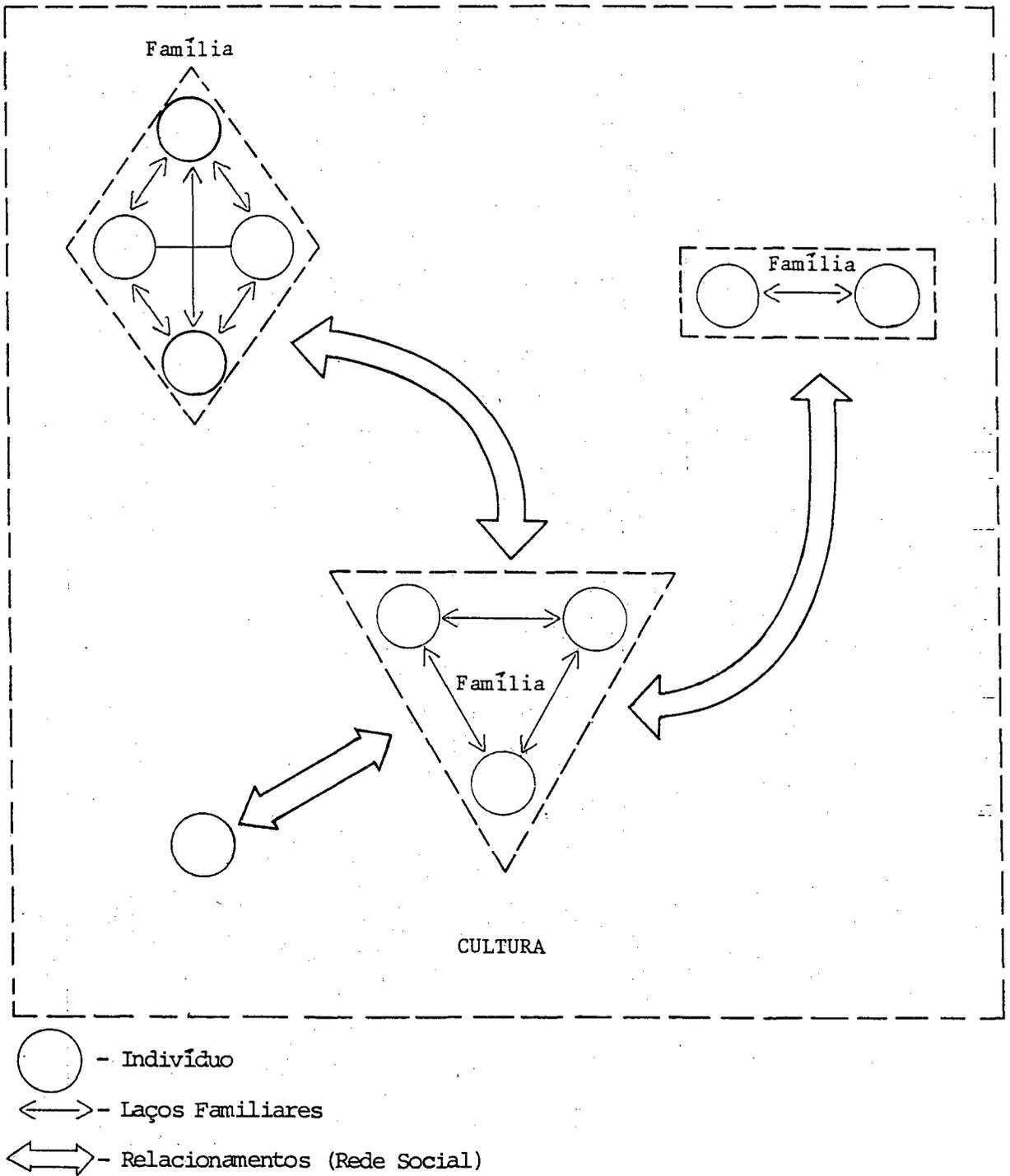


FIGURA I - Representação esquemática do suporte teórico.

## CAPÍTULO II

### REVISÃO DE LITERATURA

#### 2.1 - Considerações gerais

O estudo das redes de suporte social desenvolveu-se a partir dos anos 50 com os escritos de BOTT (1957) sobre características das redes sociais no casamento. A partir desta época, os conceitos de rede e suporte social tem recebido crescente atenção nas ciências sociais e do comportamento como sendo variável de importância em estudos tão diferentes como eleições, organização urbana, admissões hospitalares e outros, conforme refere TOLSDORF (1976).

Um dos trabalhos referidos como importante, por muitos autores, para a compreensão do assunto é o de CASSEL (1976). De um enfoque epidemiológico, Cassel oferece sua visão sobre os fatores sociais que influenciam a resistência do hospedeiro à doença. Este autor expande o conceito de meio ambiente para referir-se não só ao físico e microbiológico, mas também ao meio ambiente social. Sob esta perspectiva, Cassel refere que um fator ambiental capaz de produzir profundos efeitos na susceptibilidade do hospedeiro a agentes patogênicos é a presença de outros membros da mesma espécie. Cassel crê que a razão para haver relação entre esta variável e a doença é os processos sociais agirem como estressantes "condicionais" através de alterações produzidas no sistema neuro-endó-

crino. Ainda nesta linha de raciocínio, o autor sugere que há dois tipos de processos sociais importantes na etiologia da doença: a) os fatores estressantes, que aumentam a susceptibilidade, e b) os fatores protetores, que amortecem os efeitos dos estímulos nocivos, incluindo os fatores de estresse psicossociais. Este autor propõe que a propriedade comum aos processos psicossociais protetores (b) é a natureza, força e disponibilidade do suporte social fornecido por grupos primários mais importantes para o indivíduo. Citando evidências de pesquisas humanas e animais, autores como KAPLAN & COL. (1977) e DEAN & LIN (1977), propõem que o suporte social desempenha sua função protetora especialmente na presença de situações estressantes.

Através da revisão de literatura realizada podemos identificar uma divergência de nomenclatura com respeito ao assunto: alguns autores referem-se exclusivamente ao suporte social enquanto outros referem-se a rede de suporte social. É nossa opinião que os dois conceitos estão estreitamente ligados, um não fazendo sentido sem o outro. Entretanto, com o intuito de facilitar a compreensão do leitor, abordaremos separadamente os dois conceitos. No que se refere às ações, serão consideradas conjuntamente.

## 2.2 - Rede social

Diversos autores dedicam-se ao estudo da rede social. Seleccionamos alguns deles que, em nossa opinião esclarecem melhor o conceito, e os reunimos no Quadro I.

Analisando as definições dos autores podemos caracterizar a rede social em seus aspectos principais. Notamos que os autores referem-se a um agrupamento singular de indivíduos que mantêm relacionamentos entre si. O emprego de palavras como "vínculos", "li-

gações" e "contexto pessoal" parece indicar que as pessoas da rede social se relacionam em bases íntimas e personalizadas, estando unidas estreitamente entre si. Esta idéia é central para a compreensão da rede social, e pode ser extraída direta ou indiretamente de todos os estudos relacionados com o tema.

Outro aspecto que consideramos importante no estudo da rede social é aquele referente à presença de um foco ou origem da rede. Todos os autores citados consideram a rede social "de alguém" seja indivíduo ou grupo de indivíduos. BOTT (1957) refere-se em seu trabalho à rede social da família, colocando este grupo no centro. Há, entretanto, estudos em áreas como a Sociologia e Antropologia, onde a rede não é considerada em relação a um foco, seja individual ou grupal, porém é vista como uma fração dos relacionamentos sociais possíveis de uma determinada população. ALBUQUERQUE (1983) é um exemplo deste último enfoque de rede social. Esta autora, estudando a articulação de instituições sociais numa localidade pesqueira de Santa Catarina, identificou relações sociais individuais características desta população, sem se fixar a um determinado foco.

## QUADRO I - Rede Social

## Quadro comparativo de alguns autores

ANO	AUTOR	DEFINIÇÃO	DIMENSÕES	FOCO
1957	BOTT	Todas ou algumas das unidades sociais com as quais um indivíduo ou grupo estão em contato.		Família
1963	HAMMER	Rede de vínculos nos quais qualquer pessoa ou unidade social está envolvido.	Distância Interligação "Definição minuciosa do comportamento."	Indivíduo
1976	MITCHELL apud TOLSDORF	Um conjunto específico de ligações entre pessoas definidas, com a propriedade de que as características destas ligações podem ser usadas para interpretar o comportamento social das pessoas envolvidas.	Tamanho Densidade	Indivíduo
1977	WALKER & Col.	Aquele tipo de contato através do qual o indivíduo mantém sua identidade pessoal e recebe suporte emocional, material, de serviços, informações e novos contatos sociais.	Tamanho Densidade Força dos laços Dispersão	Indivíduo
1977	KAPLAN & Col.	Pessoas com as quais o indivíduo se comunica e os laços destes relacionamentos	Ancoramento Acessibilidade Densidade Tamanho	Indivíduo

Outro fato que deve ser levado em conta quando estudamos rede social é que esta tem caráter dinâmico, modificando-se com o decorrer do tempo e com as mudanças ocorridas no foco. Assim os relacionamentos mantidos na infância não são os mesmos da idade adulta e da velhice. Da mesma forma os indivíduos mudam seus relacionamentos quando casam, quando tem filhos, quando mudam de emprego, para citar apenas algumas situações da vida. Esta idéia é fornecida por KAHN & ANTONUCCI apud TILDEN (1983) quando se referem a "convoy". Para estes autores, a rede social sofre modificações.

no transcorrer da vida pode ser comparada a um comboio ou escolta, que toma formas diferentes no tempo. As modificações do "convoy" entretanto, não são radicais, mas progressivas. Quanto mais estreitos os laços de relacionamento, mais estáveis são estas pessoas na rede social.

As características das redes sociais são denominadas "dimensões", por alguns autores. "Densidade" é uma característica bastante citada; segundo KAPLAN & Col. (1977), densidade refere-se ao quanto os membros de uma rede relacionam-se independente da pessoa focal. BOTT (1957) dá o nome de "encadeamento" à esta mesma característica.

O tamanho da rede é outra característica apontada por autores como MITCHEL apud TOLSDORF (1976), WALKER & Col. (1977), e KAPLAN e Col. (1977). É definida como o número de indivíduos com quem a pessoa focal tem contato direto.

Distância ou dispersão é o quão longe estão as pessoas da rede umas das outras, e a facilidade de acesso. Esta dimensão é citada por HAMMER (1963), WALKER & Col. (1977) e KAPLAN & Col. (1977) estes últimos sob a denominação de acessibilidade.

Para facilitar a compreensão, podemos imaginar a rede social como uma teia de aranha (Fig, II). Bem ao centro está o indivíduo ao grupo focal. Os fios transversais, que vão em direção ao centro, representam os relacionamentos do foco, ou seja, as pessoas que fazem parte de sua rede social. Os fios que circulam o foco e ligam os fios transversais entre si representam os relacionamentos que se estabelecem independente do centro. Nesta representação, o tamanho seria o número de fios que vão em direção ao centro, e a densidade seria o número de fios circulares.

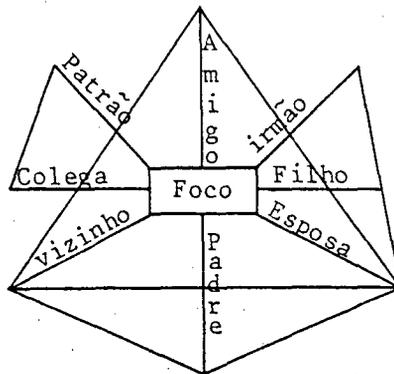


FIGURA II - Rede social focal

A rede social é importante para a compreensão do suporte social porque representa a estrutura onde se dará ou não aquele. Assim poderá haver redes que não proporcionem adequado suporte, mas não suporte sem rede.

### 2.3 - Suporte social

Suporte talvez não seja a tradução mais adequada à palavra inglesa "support". <sup>Quase</sup> 15 sentidos são apontados pelo dicionário NOVO MICHAELIS (1983) a esta palavra, e o sentido de suporte aparece ao lado de outros como assistência, apoio, sustento, ajuda e defesa. Estes parecem mais adequados ao sentido de "social support" como o entendemos. Vejamos o porque desta dúvida examinando mais detalhadamente este conceito.

O conceito de suporte social tem muitas definições, com pontos em comum. O Quadro II compara definições de alguns autores bem como outros aspectos de estudo do conceito que em nossa opinião auxiliam a compreensão.

QUADRO II - Suporte Social

ANO	AUTOR	DEFINIÇÃO	DIMENSÕES	FONTES DE SUPORTE
1976	CAPLAN	Agregado social contínuo que dá ao indivíduo a oportunidade para avaliação de si próprio e para validação de suas expectativas sobre os outros.	<p>a) Ajudam o indivíduo a mobilizar seus recursos psicológicos e enfrentar suas cargas emocionais.</p> <p>b) Definem seus encargos</p> <p>c) Dão suporte extra de material, instrumentos, dinheiro e orientações para que maneje a situação.</p>	<p>- Pessoas não-profissionais que prestam cuidados.</p> <p>- Organizações religiosas, de grupos, de assistência mútua e grupos de auto-ajuda.</p>
1974	WEISS	Relacionamentos necessários ao indivíduo. Provisões de:	<p>a) Ligação, afeto</p> <p>b) Integração social</p> <p>c) Oportunidade de cuidar</p> <p>d) Certeza de capacidade</p> <p>e) Sentimento de aliança segura</p> <p>f) Obtenção de orientação</p>	<p>a) Casamento, amizade íntima</p> <p>b) Relacionamento onde há interesses em comum</p> <p>c) Relacionamento com crianças (filhos)</p> <p>d) Relacionamento onde seja afirmada a competência do indivíduo em desempenhar um papel</p> <p>e) Família</p> <p>f) Relacionamento com pessoa digna de confiança, com autoridade.</p>
1976	COBB	Informações que conduzem o sujeito a orientar-se na matriz social para satisfação das necessidades pessoais.	<p>a) Apoio emocional</p> <p>b) Apoio de valor</p> <p>c) Apoio socializante</p>	Várias fontes, de acordo com os estudos descritos.
1983	KAHN & ANTONUCI apud TILDEN	Transações interpessoais	<p>a) Expressão de afeto: incluindo gostar, admiração, respeito.</p> <p>b) Expressão de afirmação: reforço das percepções, valores, atitudes e ações do indivíduo.</p>	Família, amigos e outros
1980	UNGER & POWELL	Utilização de diferentes membros da rede social para a satisfação das necessidades.	<p>a) Suporte instrumental: bens, materiais e serviços.</p> <p>b) Suporte emocional: comunicação ao indivíduo que ele é amado, estimado e mutuamente obrigado com os membros da rede.</p> <p>c) Suporte de referência e informação: influência os membros da família a localizar outras fontes de ajuda</p>	<p>Parentes, atendentes de farmácia, sacerdotes.</p>

Deste quadro podemos resgatar algumas idéias do suporte social. Primeiramente examinaremos os diversos conceitos apresentados em ordem cronológica.

A primeira idéia é que o conceito inclui relacionamentos pessoais positivos, com componentes de afeto. Os autores relacionados no quadro, assim como outros não citados aqui, referem-se ao suporte social como algo benéfico e positivo ao indivíduo. Temos então o primeiro ponto em comum sobre o conceito.

Outra idéia que podemos extrair é que o suporte social traz consigo componentes de ligação, a sensação de pertencer, de integração social. Aqui trazemos novamente o conceito de rede social, onde o indivíduo mantém relacionamentos com seus semelhantes, em bases pessoais. Reforçamos, pois, a idéia de que a rede social é onde se dá o suporte social. É importante notar que o relacionamento profissional não é considerado suporte social, conforme discutiremos posteriormente.

Prosseguindo a análise podemos encontrar outro ponto em comum nas definições apresentadas. É a importância dada ao suporte social na vida do indivíduo. Ele é visto como algo necessário ao indivíduo para avaliação de si próprio (CAPLAN, 1976); para seu bem-estar (WEISS, 1974) e para a satisfação de suas necessidades (COBB, 1976), (UNGER & POWELL, 1980). Os trabalhos de KAHN e ANTONUCCI apud TILDEN (1983) trazem também a idéia de que o suporte social é algo importante e necessário na vida do indivíduo.

Outro elemento importante nas definições dos autores é a idéia de reciprocidade. Este ponto é menos claro, porém pode ser deduzido pelo emprego que os autores fazem de palavras como: "Agregado social contínuo" (CAPLAN, 1976), "Relacionamentos" (WEISS, 1974), "Transações interpessoais" (KAHN e ANTONUCCI apud TILDEN, 1983). Autores como COBB (1976) e UNGER & POWELL (1980) não trazem

esta idéia claramente em suas definições, porém examinando-se os trabalhos destes autores, pode ser encontrada a noção de reciprocidade.

### .Dimensões do Suporte Social

As dimensões de um conceito, são os aspectos considerados relevantes no seu estudo. Os autores relacionados apontam diversas dimensões deste conceito, conforme podemos notar no Quadro II. Examinando um pouco mais profundamente notamos a ocorrência de similaridades entre os autores.

A dimensão mais freqüentemente apontada é a emocional, ou de afeto. WEISS (1974), diz que *ligação* é uma dimensão suprida por relacionamentos onde os participantes obtêm um sentimento de segurança e localização. COBB (1976) refere-se ao *apoio emocional* como sendo informações que conduzem o sujeito a acreditar que ele é cuidado e amado. KAHN e ANTONUCCI apud TILDEN (1983) se referem à *expressão de afeto*, incluindo gostar, admiração, respeito. UNGER & POWELL (1980) dizem que o *suporte emocional* é a comunicação do indivíduo de que ele é estimado, amado e mutuamente obrigado com os membros de sua rede. CAPLAN (1976) não faz referência a esta dimensão de suporte social.

Outra dimensão bastante enfocada é a de reforço à capacidade e valorização do indivíduo. CAPLAN (1976) dá esta idéia não nas dimensões, mas no próprio conceito, quando fala em "avaliação de si próprio". WEISS (1974) diz que *certeza da capacidade* é proporcionada por relacionamentos que atestem ao indivíduo sua competência em um papel social. COBB (1976) refere-se a *apoio de valor* como sendo informações que conduzem o sujeito a acreditar que ele é estimado e valorizado. KAHN e ANTONUCCI apud TILDEN (1983) referem-se a *afirmação* como sendo o reforço das percepções, valo-

res, atitudes e ações do indivíduo. UNGER e POWELL (1980) não apontam esta dimensão nos seus escritos sobre o suporte social, o que talvez seja devido ao fato de o estudarem em relação a família, e não em relação ao indivíduo.

Podemos notar ainda outra dimensão: a idéia de ajuda material ou financeira. Esta não aparece em todos os autores estudados, pois WEISS (1974) e COBB (1976) não fazem referência a ela. Os demais autores selecionados, CAPLAN (1976), KAHN e ANTONUCCI apud TILDEN (1983) e UNGER e POWELL (1980) citam em suas dimensões o fornecimento de material, instrumentos, dinheiro, orientação, tempo, bens e serviços.

Há outras dimensões que não são compartilhadas pela maioria dos autores citados. Entre estas citamos a *socialização* (WEISS, 1974 e (COBB, 1976), a *ajuda no enfrentamento de cargas emocionais* (CAPLAN, (1976), a *oportunidade de cuidar, sentimento de aliança segura*, e *obtenção de orientação* (WEISS, 1974) e *suporte de referência* (UNGER e POWELL, 1980).

Um aspecto importante a ser levantado sobre o suporte social é que as relações pessoais são basicamente saudáveis. É importante que isto seja considerado, pois há casos em que os relacionamentos, ao mesmo tempo são fonte de suporte e estresse. Isto ocorre, por exemplo, em relacionamentos afetivos neuróticos com episódios de violência física. Devido a estas e outras possibilidades de efeitos negativos dos relacionamentos com a rede social, é importante a avaliação da *qualidade* do suporte disponível. FIORE, BECKER & COPPEL (1983), estudando esposas que cuidam de seus maridos portadores de doença de Alzheimer, avaliaram os aspectos positivos e negativos da rede de suporte, independentemente. Os resultados deste estudo demonstraram que a depressão das esposas era prevista pela percepção *negativa* das mesmas sobre a *qualidade do suporte* mais do que o suporte percebido como positivo.

eram protetores da depressão. Este estudo indica que os efeitos negativos do suporte social considerado inadequado podem superar os efeitos protetores do suporte social adequado.

Consideramos, então, uma dimensão não citada pelos autores, a *qualidade* do suporte recebido. É um ponto que deverá ser mais avaliado quando houver referência ao suporte social, para que este conceito não seja tomado como uma panacéia para qualquer problema.

Quanto às fontes de suporte, é interessante notar a diversidade de autor para autor. São citadas pessoas tão diferentes quanto amigos, filhos, sacerdotes, grupos de auto ajuda, entre outros. Estas divergências podem indicar que o suporte social pode emergir de várias fontes, ou que o conceito ainda necessita ser trabalhado no sentido de haver maior concordância entre os autores.

#### .Necessidade e Disponibilidade de Suporte

NORBECK (1981) apresenta um modelo para a clínica e pesquisa do suporte social em enfermagem, no qual faz considerações sobre as qualidades da pessoa que influenciam as necessidades e disponibilidades de suporte. Entre estas destacam-se as variáveis idade, sexo, classe, diferenças culturais e diferenças individuais. A idade é uma variável que não tem sido suficientemente estudada, porém parece haver maior necessidade de suporte nas idades extremas: infância e velhice, paradoxalmente, a disponibilidade de ligações aumenta durante os anos de adulto jovem, permanece estável dos 35 aos 55 anos, e diminuem com a velhice.

O sexo aparece implicitamente em muitos trabalhos como uma variável que influencia as necessidades de suporte social; as mulheres necessitando mais suporte que os homens. Porém há uma dúvi-

da, as mulheres necessitam mais suporte que os homens, ou simplesmente tem mais disponibilidade do mesmo?

A classe social, ainda segundo a mesma autora, também influencia a disponibilidade de suporte social. A classe média parece ter mais suporte disponível do que a classe trabalhadora. A necessidade de suporte, entretanto, não foi determinada por classes.

As diferenças culturais são as variáveis menos estudadas quanto às disponibilidades e necessidades de suporte social.

A auto-estima, atrativos físicos, interesses, são variáveis que, interferindo na habilidade da pessoa para estabelecer contatos, provavelmente influencia a disponibilidade e necessidade de suporte social.

Ao lado destas variáveis pessoais, as variáveis da situação como crises vitais, situações estressantes crônicas e doenças agudas também influenciam a disponibilidade e necessidade de suporte.

#### 2.4 - Ações do suporte e rede social

Como já vimos anteriormente, os conceitos de rede e suporte social estão intimamente ligados. Por este fato consideraremos suas ações em conjunto. Existe uma grande variedade de pesquisas onde são estudadas as ações destas variáveis em diversas situações. Seleccionamos no Quadro III algumas delas, procurando uma visão ampla das ações destas variáveis.

As pesquisas, como se pode notar, são em sua grande maioria exploratórias, indicando que a produção de conhecimento envolvendo suporte e rede social está ainda em fase incipiente. Quanto às populações estudadas, notamos uma variedade muito grande de situações, sugerindo a importância do tema em várias situações da

vida humana.

Nota-se que há diversidade de interpretações entre os autores sobre o que é rede e suporte social. As mensurações são realizadas de diversas maneiras, desde a percepção do suporte pelo indivíduo, até variáveis demográficas que indicam indiretamente se o indivíduo tem ou não suporte, como o estado civil. Esta variedade de interpretações levanta questionamentos sobre a validade de tomarmos como pertencentes ao mesmo campo de estudo as diferentes pesquisas expostas aqui. Acreditamos, entretanto, que poderemos tomar com ressalvas as informações de pesquisas com diferentes interpretações.

As pesquisas enumeradas no quadro indicam que o suporte e rede social são considerados na maioria das vezes variáveis intervenientes. Pesquisas como as de NUCKOLS & Col. (1972), WILCOX (1981) e GORE (1978) indicam que as ações negativas para a saúde das chamadas "crises vitais" são atenuadas pela ação do suporte fornecido pela rede social.

A ação protetora do suporte social também pode ser verificada na presença de eventos estressantes, como indicam as pesquisas de CASSEL (1976), TOLSDORF (1976), LIN & Col. (1979), HIRSH (1979) e TILDEN (1983).

O trabalho de BERKMAN & SYME (1979), apesar das restrições que possam ser feitas à sua validade interna e externa, pode ser considerado um primeiro passo em relação à exploração das variáveis no índice de mortalidade de uma população. Já o estudo de HUBBARD & Col. (1984) demonstrando a associação existente entre o suporte social e as variáveis de cuidado à saúde é valioso quando consideramos a pouca prática de ações de auto-cuidado em nosso meio.

Podemos concluir que, apesar da fase inicial em que se encontram as pesquisas sobre rede e suporte social, estes são fatores que de fato influenciam a vida do indivíduo, e sua saúde.

QUADRO III  
Ações da Rede e Suporte Social

ANO	AUTOR	TIPO DE ESTUDO	RS	S.S	MENSURAÇÃO	AÇÕES
1972	NICHOLS & COL.	Exploratório. Relaciona propriedades psicossociais, crises vitais e ocorrência de complicações da gravidez.		X	Características da pessoa, de seu casamento, da família, relações sociais e definição da gravidez.	Na ocorrência de crises vitais, o suporte social age como protetor de complicações da gravidez.
1976	CASSEL	Relato de diversas pesquisas		X	Não foi medido diretamente	Aumenta a resistência do hospedeiro à situações estressantes.
1976	TOLSTOFF	Exploratório. Levantamento sobre a rede e suporte social de indivíduos hospitalizados, clínicos e psiquiátricos.	X	X	Percepção do indivíduo sobre estrutura, conteúdo e funções da rede social, e sobre recursos da rede para ajudá-lo em situação de estresse.	A percepção do indivíduo sobre o suporte fornecido pela rede está relacionado à sua habilidade de enfrentamento.
1981	WILCOX	Exploratório. Indivíduos moradores de uma localidade.	X	X	Percepção sobre o tipo de apoio potencial. Número de pessoas que apoiam	Quando há altos índices de "murchanças de vida", o suporte social protege o indivíduo da angústia psicológica. Quando os índices de M.V. são baixos, os SS não se relaciona com a angústia psicológica.
1978	CORE	Semi-experimental. Indivíduos desempregados.		X	Percepção do respondente sobre o suporte recebido.	O suporte social modifica a seriedade das respostas psicológicas e relacionadas à saúde do desempregado.
1979	BERMAN & SYME	Seguimento de uma população por 9 anos.	X		Número de ligações sociais e sua importância relativa. (estado civil, pertencer à comunidade religiosa).	As pessoas com ligações sociais e relacionamentos tem menor índice de mortalidade do que as pessoas sem estes laços. Quantos mais íntimos os laços, menor o índice.
1979	LIN & COL.	Exploratório-descritiva. Indivíduos sadios representando a população afro-americana.		X	Escala medindo interação e envolvimento com amigos, vizinhos e comunidade cultural. Não considera a família.	O suporte social contribui significante e negativamente com os sintomas de doença, na prevenção dos eventos estressantes da vida.
1979	HURSH	Pesquisa exploratória em coletivas Estudo 1: Investiga o tipo de relacionamento mais satisfatório. Estudo 2: Investiga o tipo de relacionamento mais útil na época de estresse (exame final).	X	X	Estudo 1: Entrevista semi-estruturada. Estudo 2: questionário aplicado sobre a qualidade e quantidade de suporte social-vida. Não considera família.	Estudo 1: Relacionamentos multidimensionais são mais satisfatórios. Estudo 2: Redes sociais mais densas fornecem quantidades maiores de suporte embora com menor suporte emocional.
1983	TILDEN	Pesquisa em grávidas relacionada ao estresse vital e suporte social ao desequilíbrio emocional.	X	X	Instrumento medindo o suporte fornecido por cada pessoa da rede.	O desequilíbrio emocional durante a gravidez diminui como função da diminuição do estresse vital e do aumento do suporte social.
1984	HUBBARD & COL.	Exploratório. Procura relações entre suporte social e práticas de auto-cuidado.		X	O quão adequado o indivíduo percebe o seu suporte social.	Existe uma associação positiva entre suporte social e as variáveis de cuidado à saúde.

## CAPÍTULO III

### METODOLOGIA

#### 3.1 - Tipo de Pesquisa

O estudo inicial de um assunto complexo, como é o propósito deste trabalho requer a adoção de um método adequado de pesquisa. Como já referimos na introdução, elegemos uma abordagem qualitativa para este estudo. Nossa opção baseou-se no desejo de apreender em profundidade o significado das experiências das famílias como relação à rede social e ao suporte que oferecem, mais do que verificar conhecimentos já consagrados em outros países sobre o assunto. Nas palavras de PARSE & Col. (1985), a abordagem qualitativa identifica as características e significado das experiências humanas como descritas pelos sujeitos e interpretadas pelo pesquisador em vários níveis de abstração.

~~A abordagem qualitativa~~ possui diversos métodos, cada um deles indicado a determinada situação ou objeto de pesquisa. O método selecionado para este estudo é a etnografia. É um método derivado da antropologia, tendo em Malinowski (1976) um marco como pesquisador. Este autor enfatiza a importância de compreender o ponto de vista nativo e sua relação com a vida para alcançar a sua visão do seu mundo. A etnografia é definida por PARSE & Col. (1985) como um ramo da antropologia interessado em descrições científicas de grupos culturais. O pesquisador entra no mundo dos participantes

e explora com eles os símbolos, rituais e costumes de seu mundo. Através de um exaustivo processo de observação, questionamentos e validação, o pesquisador amplia o conhecimento pessoal de uma cultura particular e registra o mundo dos outros, como eles o percebem.

A etnografia foi selecionada como método deste estudo por ser um método adequado a exploração de aspectos culturais de um grupo. Sendo nosso objetivo estudar a rede e o suporte social de famílias na sua vida diária, este método responde de maneira adequada às proposições de estudo detalhado e profundo do tema.

A etnografia, segundo RAGUCCI (1972) utiliza dados "emics" e "etics". Os aspectos "emics" referem-se àqueles dados oriundos da semântica ou significados inerentes à organização cultural do conhecimento. A classificação "emic" é limitada ou específica a uma cultura e tenta descobrir e descrever os sistemas de comportamento de uma dada cultura em seus próprios termos. Os aspectos "etics" são comuns a mais de uma cultura e podem ser utilizados para comparações inter-culturais.

Os aspectos "etics" da população neste estudo serão levantados pela coleta de dados referentes a símbolos, rituais, costumes, aspectos políticos, religiosos, históricos, educacionais e outros, compartilhados pelas famílias da localidade. Desta maneira esperamos nos aproximar de uma visão global do meio ambiente cultural onde vivem.

Os aspectos "etics" serão levantados utilizando-se a etnociência. Neste tipo de estudo, o pesquisador baseia-se no conhecimento das pessoas através de seus valores escritos e falados (semântica) com o fim de obter uma narração detalhada de como as pessoas conhecem, classificam e interpretam suas formas de viver e o universo. A ênfase neste tipo de trabalho é a linguagem, que é es-

tudada profundamente. Segundo EVANESHKO & KAY (1982) a unidade básica da pesquisa etnociência é a categoria. Citando WATSON & WATSON (1969), aquelas autoras dizem que todos os grupos arbitrariamente organizam o conhecimento baseados em semelhanças e diferenças designadas culturalmente, colocando alguns itens em uma categoria como opostos a outros.

Na etnografia, a técnica de pesquisa selecionada para este estudo é a observação participante. Esta técnica é, antes de mais nada um estado da mente, uma referência para viver no campo. Na observação participante o pesquisador não é uma pessoa separada da vida e das atividades das pessoas sob estudo, mas é também um participante daquele círculo de atividades. Parte-se do pressuposto que tornando-se uma pessoa familiar e conhecida o pesquisador tem acesso a informações mais reais e completas do que aquelas obtidas pelos métodos tradicionais de coleta de dados.

LEININGER (1985) apresenta um modelo geral do processo de observação participante. Usando uma analogia com o teatro, a autora compara o processo de familiarização do pesquisador como estar "em frente" ou "atrás do palco" para os informantes sob estudo. Na observação participante o pesquisador almeja ir para "atrás" do palco. Para que isto acontecesse, fixei residência na localidade, alugando uma das casas por um período de seis meses, durante os quais mantive contatos frequentes, ao menos uma vez por semana, com as famílias.

O modelo concebido por LEININGER (1985) para ajudar o pesquisador a sistematizar a observação participante foi utilizado nas suas quatro fases:

1ª fase — Ênfase na observação. Teve duração aproximada de um mês. Foram realizadas atividades que pudessem expor a pesquisadora aos moradores: passeios aos diferentes locais da vila.

comparecimento às missas, festas e bailes, ida às compras com as mulheres, brincadeiras com as crianças. Nestas atividades procurei dizer sempre o meu nome, quem eu era, e que estava ali para fazer uma pesquisa sobre como eles viviam. O sistema de comunicação oral da vila que é muito eficiente, foi de grande auxílio para a divulgação dos dados relativos à minha pessoa. Em breve todos sabiam quase tudo o meu respeito, mais eu ainda era uma estranha não era confiável.

2.<sup>a</sup> fase — Esta fase caracteriza-se, segundo Leininger por ser uma continuação da observação, ao mesmo tempo que inicia a participação. Já conhecida pelos moradores da vila, eu parti então para a coleta de dados e impressões sobre ela de uma maneira geral: sua história, seus problemas, suas atividades econômicas, serviços, o transporte e outros aspectos. A demonstração de interesse foi prontamente respondida pelos habitantes. Eles se prontificaram a mostrar lugares, contar impressões e histórias antigas. Isto possibilitou que eu os conhecesse mais, já identificava algumas famílias, podia dizer onde moravam, ao mesmo tempo que eles aproveitavam para perguntar sobre a minha família, meu trabalho, o local de onde eu vinha, e estas informações eram passadas de uns para os outros. Neste processo foi muito útil uma atividade desenvolvida quase por acaso: a fotografia. Fotografar os locais e os respondentes é uma das técnicas utilizadas pela etnografia e a ela me dediquei nesta fase. Comecei a fotografar locais, pessoas, principalmente as crianças que, muito curiosas, estavam sempre por perto. Isto deu às pessoas e a mim uma excelente oportunidade para aumentarmos nosso conhecimento uns dos outros. Ao final do segundo mês, eu já estava bem mais familiarizada com eles; já conhecia seus filhos, sabia seus nomes, tinha-os visitado e recebido sua visita.

3.<sup>a</sup> fase — A ênfase neste período é a participação. Considero esta fase iniciada quando pedi e recebi autorização para rea-

lizar a pesquisa das treze famílias do estudo. Eles já participavam da dinâmica do trabalho. Com visitas semanais às famílias fiz então o acompanhamento de suas vidas por um período de quatro meses. As visitas não seguiam um roteiro, eu simplesmente perguntava como estavam, e o que tinham feito durante a semana. Os relatos vinham logo, abertos, ricos em detalhes, eles realmente apreciaram contar coisas, mostrar como era sua vida, se fazer conhecer. Cada informação relativa à rede e suporte social era checada em visitas posteriores, com diferentes membros da família, e outras pessoas.

4.<sup>a</sup> fase — Esta fase tem o objetivo de limitar ou encerrar a participação do pesquisador no campo, voltando a ênfase a recair novamente na observação, agora reflexiva, das situações sob estudo. Esta fase foi a de mais longa duração, estendendo-se até o final do ano de mil novecentos e oitenta e sete. Embora não estando mais morando na vila, eu retornava ao campo segundo minhas possibilidades a fim de continuar o processo de análise e avaliação dos resultados com as famílias respondentes.

### 3.2 - Registro de dados

Os dados obtidos através das observações e entrevistas foram registrados de forma escrita, em duas vias, para maior segurança dos mesmos. Foram realizados três tipos de registros:

a) As entrevistas propriamente ditas, escritas em minha casa, após serem realizadas. Não utilizei gravador por suspeitar, como de fato se confirmou, que este aparelho iria inibir os respondentes e a mim.

b) Os Memos, que são reflexões escritas sobre aspectos que considerei importantes para compreensão do local, tais como: pesca, atividades religiosas, crianças, entre outros.

c) O diário de campo, onde procurava registrar as atividades desenvolvidas, e as minhas impressões e sentimentos.

Os registros foram guardados da seguinte forma: uma cópia enviada quinzenalmente para a orientadora, e o original mantido em minha casa, longe do alcance dos respondentes, a fim de não haver leitura por parte de outras pessoas.

### 3.3 - Local da Pesquisa

Para atingir os objetivos propostos era necessário que a pesquisadora pudesse estar junto com as famílias durante um tempo prolongado. Isto me levou a decidir morar em uma localidade onde pudesse encontrar as famílias frequentemente e conviver de forma constante com elas.

O local selecionado foi uma vila pesqueira localizada no litoral de Santa Catarina, denominada Costa da Lagoa. A vila é de tamanho reduzido, com aproximadamente duzentas casas. Seu tamanho foi uma das razões da sua escolha. Uma vila maior poderia ser difícil de conhecer, e possivelmente as relações sociais seriam mais dispersas.

A vila é um tanto isolada geograficamente, por ser de difícil acesso. O isolamento foi considerado positivo por proporcionar maior ênfase nas relações de suporte social.

Maiores detalhes sobre a vila podem ser encontrados no capítulo referentes aos resultados.

### 3.4 - População em Estudo

A população foi constituída pelas famílias residentes na

vila. Da população de aproximadamente duzentas famílias foram selecionadas treze que foram os informantes destes estudo. O principal critério utilizado foi o desejo de participar, já que era imprescindível que houvesse uma grande confiança para coletar os dados sobre o assunto desta pesquisa.

Quase pode-se dizer que as próprias famílias me escolheram, e não o contrário. Foram famílias cujos membros demonstraram interesse ativo nas minhas atividades, apreciavam contar suas experiências, gostavam de conversar e tinham facilidade em fazê-lo.

Algumas famílias foram identificadas como informantes-chaves. É o caso da família número um, com a qual a pesquisadora pode obter dados relevantes sobre muitos aspectos tanto da vida da população, como sobre o objeto central deste trabalho, a rede e o suporte social.

### 3.5 - Solicitação para participação na pesquisa e garantia dos direitos humanos

Os moradores da vila foram informados logo nos primeiros contatos, que meu objetivo era fazer uma pesquisa com eles, descobrir como viviam. Os dados utilizados na pesquisa foram somente os coletados com a expressa permissão dos respondentes, embora houvesse um número muito grande de informações fornecidas por outros moradores.

Para solicitar a permissão das famílias, em um contato inicial ou explicava a eles os objetivos do estudo, o que esperava deles, o que faria com os resultados, a garantia de que seria mantido seu anonimato, e seu direito de abandonar a pesquisa caso assim o desejassem. Após sanadas as dúvidas que surgiam era solicitada ao casal, ou a pessoa mais velha de cada família que avaliasse a pro-

posição e tomasse uma decisão sobre a participação ou não na pesquisa. Todas as famílias solicitadas aceitaram e nenhuma delas abandonou a pesquisa.

Os resultados apresentados nesta monografia foram os citados pelas pessoas de cada família, porém seu anonimato foi garantido pelo uso de nomes e características diferentes.

Maiores detalhes sobre a população sob estudo aparecem no capítulo dos resultados, no item descrição das famílias.

### 3.6 - Análise dos dados

Na metodologia qualitativa, e particularmente na etnografia, a coleta e a análise dos dados não são atividades excludentes como na metodologia quantitativa, mas simultâneas. SCHATZMANN & STRAUSS (1973) idealizaram um espiral para demonstrar o processo de coleta-análise dos dados em sua complexidade crescente. Segundo estes autores, simultaneamente à coleta de dados surgem novas dimensões de compreensão e novas dimensões. Por este motivo, a análise dos dados nesta pesquisa foi simultânea à coleta de dados.

Os dados brutos foram classificados inicialmente pelo destaque das situações descritas ou observadas nas quais outras pessoas tivessem tomado parte de alguma maneira, a fim de caracterizar as pessoas (rede social) e suas atividades (suporte social) nas situações vividas pelas famílias.

As situações consideradas em seu contexto sofreram então um processo preliminar de categorização. Esta categorização inicial, foi submetida novamente aos informantes, visando sua validação e procedendo-se as correções necessárias.

A linguagem dos informantes foi mantida tal qual é utilizada, visando preservar a identidade cultural dos respondentes. Por este motivo, a palavra "arrepartir" é usada, ao invés do "repartir", que seria a grafia correta.

### 3.7 - Instrumentos para coleta de dados

#### 3.7.1 - A pesquisadora

O principal instrumento de coleta de dados na pesquisa etnográfica é o próprio pesquisador. Neste trabalho tomei um papel de aprendizagem ativa, tentando assimilar a maior quantidade possível de conhecimentos acerca do campo de estudo. Os dados obtidos foram registrados o mais fielmente possível, assim como as minhas próprias reações e sentimentos, de modo que pudesse avaliar a extensão de minha influência no meio.

Mantive um diário de campo, onde registrei tudo o que ocorria, com o fim de proporcionar um registro da validade, confiabilidade e sensibilidade das observações.

#### 3.1.2 - Genograma

O genograma é um instrumento que fornece a representação gráfica da estrutura familiar, desenvolvido por Bowen (1980). Este instrumento é composto por diversos símbolos representando os relacionamentos familiares e característicos dos membros. Este instrumento foi utilizado com o objetivo de fornecer uma visão geral e captar a configuração familiar conforme vivenciada pelos informantes. A representação gráfica foi feita juntamente com a família, e foi bastante valiosa para identificar o que os respondentes consideravam como sendo família.

A validade deste instrumento foi determinada pela observação da configuração familiar durante as entrevistas. A seguir apresentamos um modelo real do genograma de uma das famílias respondentes.

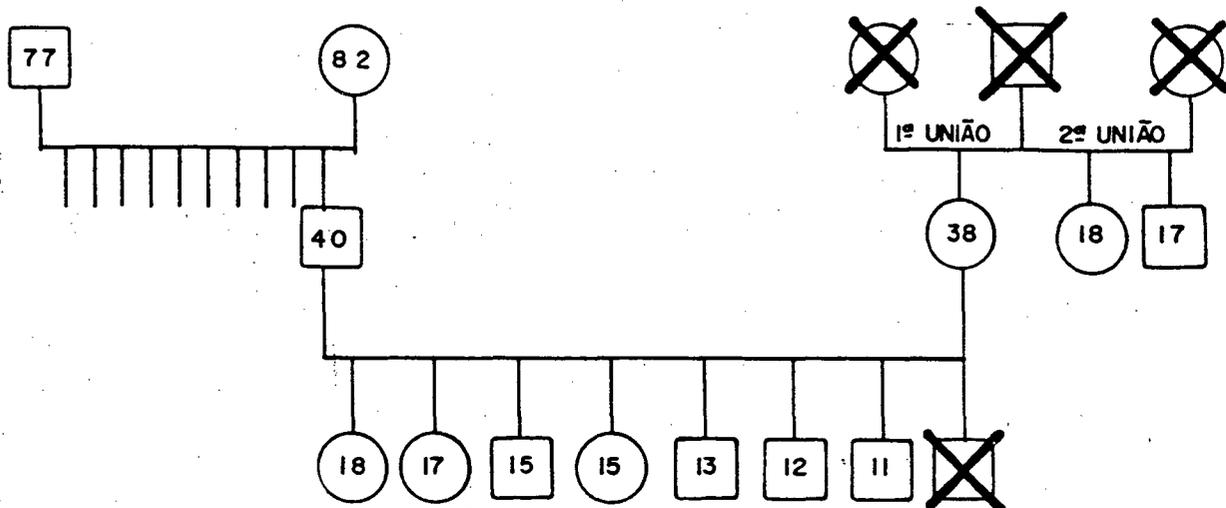


FIGURA III - GENOCRAMA - FAMÍLIA Nº "X"

### 3.8 - Cuidados tomados na realização do trabalho

A pesquisa qualitativa tem formas diferentes de avaliar o rigor ou a qualidade científica dos estudos, daqueles tradicionalmente usadas pelo método quantitativo. Autores divergem em apontar critérios de rigor dos trabalhos e como alcançar uma melhor qualidade dos mesmos.

Nesta pesquisa alguns cuidados na metodologia foram tomados, entretanto, como foi difícil classificá-los dentro das diversas classificações apresentadas pelos autores, optamos por simplesmente relacionar os cuidados tomados.

#### 3.8.1 - Tempo de permanência

O fato de morar na vila por seis meses e durante todo o ano seguinte retornar frequentemente ao campo, proporcionou, ao lado da intimidade com os informantes, a oportunidade de fazer confir-

mações frequentes nos dados obtidos. Por outro lado, aspectos gerais da vila como hábitos, atividades econômicas, alimentação e outros foram mais facilmente levantados devido ao tempo de permanência prolongado.

### 3.8.2 - Confirmação das informações

Não era difícil obter a confirmação das informações obtidas. Como veremos a seguir, praticamente não há como esconder alguma coisa na vila, todos estão a par da vida de todos. Caso eu suspeitasse de que uma família estivesse ocultando ou contradizendo-se em uma informação, eu confirmava com outra pessoa no decorrer de uma conversa qualquer.

### 3.8.3 - Anotações

O maior número possível de informações foi registrado, tendo sempre a preocupação de registrar a linguagem e expressões utilizadas pelos respondentes. As anotações foram uma das maiores dificuldades encontradas, pois o fato de morar no local, unido ao costume de visitas, faziam com que o tempo destinado às anotações fosse reduzido. Muitas vezes as anotações tinham de ser feitas à noite, depois que as pessoas saíssem da casa em que eu morava.

### 3.8.4 - Diários de campo, memos e entrevistas

O registro nestes instrumentos da maior parte possível de sensações e sentimentos que experienciei no desenrolar do trabalho, fez com que se tornasse mais fácil avaliar o quanto meus pensamentos e tendências influenciaram a visão do objeto.

### 3.8.5 - Saídas do campo

Aproximadamente de quinze em quinze dias, aos fins de semana, eu deixava o campo e ia realizar outras atividades. Estes períodos de afastamento eram destinados a manter uma perspectiva de pesquisadora e não tornar-me por demais envolvida no meio, o que poderia tornar distorcida a visão da realidade.

## CAPÍTULO IV

### RESULTADOS

Os resultados obtidos através da análise dos dados foram divididos em três itens. O primeiro consiste na descrição geral de aspectos da vila da Costa da Lagoa. A inclusão destes dados objetiva proporcionar uma compreensão do contexto no qual a rede e o suporte social se encontram.

Em segundo lugar, aparecem as características da rede social: as relações interpessoais da vila, e as relações familiares juntamente com as características da família.

Por último, o suporte social é objeto central do escrito, com ênfase em como este aspecto é compartilhado pelas famílias.

#### 4.1 - Caracterização do Local

A vila onde foi realizado este trabalho denomina-se Costa da Lagoa. Está localizada às margens da Lagoa da Conceição, na ilha de Santa Catarina. A Costa, como é comumente chamada, está encravada nos morros existentes na região, ao longo das praias da Lagoa, e devido a esta característica apresenta uma forma alongada

e estreita, com aproximadamente cinco quilômetros de comprimento e largura máxima deduzentos metros. As casas ocupam na sua maior parte os terrenos planos existentes, mas há muitas delas que se equilibram nas encostas, "subindo" morros acima.

A vila da Costa da Lagoa se estende no sentido norte-sul, ao longo da margem interna da Lagoa da Conceição, de tal modo que à frente da vila está a Lagoa, e após esta, o chamado "campo", com a faixa de terra que separa a lagoa do mar, onde está localizada a Reserva Florestal do Rio Vermelho. Subindo-se em um dos altos morros pode-se ver até o mar, proporcionando uma vista muito bonita.

Assim como a Costa, existem outros grupamentos de casa em torno da Lagoa da Conceição:

*"... O retiro fica na Lagoa, depois da ponte, onde tem as barraquinhas. Tem a Freguesia da Lagoa que é onde fica o Andrino, tem o canto da Lagoa, tem o Retiro da Lagoa, a Barra da Lagoa, a Costa da Lagoa e ainda o Rio Vermelho da Lagoa, que fica lá do outro lado. Tudo em volta da Lagoa que é esse mar aí."  
(Nair, fam. 6)*

Dessas localidades a Lagoa, ou Freguesia da Lagoa é a mais importante para os moradores. Lá os eles se abastecem dos alimentos que não produzem, comercializam os produtos da pesca e rendas, compram remédios, onde as crianças maiores frequentam a escola, e outras atividades. Muitos moradores da Freguesia são aparentados com os da Costa, e lá moram muitos compadres e amigos. É também na Freguesia onde são tomados os ônibus que os levam ao centro da cidade.

As outras vilas têm importância menor, sendo mais locais de onde são arranjados casamentos, ou de trabalho ocasional. Antigamente a Barra da Lagoa desempenhava um papel importante na vida dos moradores da Costa, principalmente em relação à saúde, como

pode-se notar pelas expressões seguintes.

"Nesse tempo não tinha essas lancha, a gente tinha de ir de canoa, e a benzedeira era lá na Barra. Eu fui mais ela. Quando nós chegamos lá a benzedeira não tava. Aí eu me lembrei que tinha outra lá na Freguesia. Nós viemo a pé de lá da Barra até a casa da benzedeira. A Ana era pequena, quase não guentava andar." (Vilma, família 11)

"Quando os filho ficava doente ia benzê... Aqui na Costa não tinha (benzedeira). A gente ia na barra, na siã H., que benzia." (Leda, família 7)

Outro local igualmente importante antigamente era a vila de Ratonés, local principalmente de comércio.

"... subia o morro de Ratone todo o dia prá vendê as minha renda, e peixe..." (Celso, família 1)

Quem chega à Costa, vindo pela Lagoa, pode ver grupamentos de casas desigualmente distribuídas. Elas se agrupam em núcleos, a maioria dos quais pertencentes a um mesmo ramo familiar, abrangendo várias gerações. Isto se deve ao costume dos filhos e netos construírem suas casas no mesmo terreno dos pais e avós. Cada um desses "núcleos" tem um nome que é usado por todos, referindo-se às características geográficas dos lugares. Há nomes como "praia do sul", "ponta da areia", "praia seca", "ponta grossa", "saquinho" e outros.

Os moradores utilizam-se de duas expressões para os deslocamentos que fazem no sentido norte-sul: subir e descer. Considerando a Lagoa como um rio, com nascente no Rio Vermelho e foz no Canal da Barra, "subir" quer dizer, para os moradores, ir em direção Norte, em direção ao ponto mais distante da Freguesia, e "descer", o sentido inverso.

Atravessando toda a vila no sentido do comprimento, existe

o chamado "caminho", uma trilha que permite o ir e vir dos moradores. O caminho é de largura variável passando bem próximo das casas, e tem trechos bastante acidentados, atravessando locais com grandes pedras, com mato nativo, e córregos. O mesmo caminho se prolonga em direção à Freguesia da Lagoa, no sentido Sul e em direção à Rationes, subindo o morro. Esta via é conservada limpa de mato por dois empregados da prefeitura moradores da vila.

O isolamento geográfico é um aspecto importante da Costa da Lagoa. O acesso à vila só pode ser feito a pé ou de barco. A pé o trajeto é longo e acidentado, são aproximadamente três horas de caminhada entre a vila e a Freguesia, e uma hora, morro acima até o Rationes.

Esses caminhos já foram bastante utilizados para o deslocamento, mas hoje só em ocasiões especiais como a necessidade de pegar determinado horário de ônibus para a cidade, e inexistência de barcos. Na grande maioria das vezes os moradores se utilizam de barcos a motor ou canoas a remo ou a vela para o seu deslocamento, ou transporte. Os barcos a motor são maiores, e mais valorizados pelos moradores que as canoas. Estas são feitas com tronco ocado de uma árvore nativa conhecida como gapuruvu, e impelidos a remo, ou com uma taquara que impele tocando no fundo da Lagoa, o 'varão', ou ainda a vela, feita de lona ou outro material resistente. Estas canoas são utilizadas principalmente para pequenas distâncias e pequenas cargas; qualquer pessoa, homem, mulher ou criança, sabe manejar uma canoa.

Os barcos a motor, maiores e mais valorizados, são utilizados para transporte de pessoas, assim como qualquer material necessário às atividades da vila. Pede-se ver neles móveis, materiais de construção, compras para as casas, suprimentos para os bares, caixas de som para o baile, animais (vacas, cabras, porcos) e naturalmente rede caixas de peixe, e todo o material de pesca.

Os barcos da Costa da Lagoa equivalem aos automóveis da cidade. Somente as famílias mais "ricas" segundo seu ponto de vista, as possuem. Ter lancha significa que a pessoa 'está bem de vida'. As lanchas, quando não estão em uso ficam ancoradas, ou amarradas em trapiches próximos das casas. Na Freguesia da Lagoa também existem trapiches para o atracamento, cada um deles específico para determinados barcos.

Existe um serviço de transporte público por barco ligando a Costa à Freguesia da Lagoa. São dois barcos, chamados "lanchas de linha", um maior e outro menor, com bancos para sentar, cobertura de madeira, proteção lateral plástica para chuva, e salva-vidas. Os barqueiros são contratados pela prefeitura de Florianópolis, e cumprem quatro horários no sentido Freguesia - Costa e quatro no sentido inverso. A implantação do serviço público de barco é recente, foi feita em 1986. Os moradores compram passes de menor valor que a passagem normalmente cobrada para os não moradores, com exceção dos funcionários do posto e professores.

Caso não tome os barcos 'de linha', a pessoa pode também alugar barcos 'de passeio' para ir para a Costa. O preço dos barcos 'de passeio' é muitas vezes superior ao da passagem paga pelos moradores. Os moradores raramente tomam esses barcos, que são pertencentes a pessoas da Freguesia. Eles normalmente, quando o transporte público não está a disposição, pedem 'carona' nos barcos de seus conhecidos.

A vila da Costa da Lagoa é um local bonito. O conjunto de casas coloridas entre os morros e a Lagoa faz um contraste interessante, que poderia servir como atração turística. Lá existem engenhos antigos, córregos, cascatas, praias com água límpida, trechos de mata nativa. Entretanto, a exploração de seu potencial turístico é incipiente. Afora alguns passeios de barco para turis-

tas, sua existência é ignorada até mesmo por muitos moradores da capital. A única infra-estrutura para atender os ocasionais visitantes é um bar localizado no trapiche central da vila, localizado na Ponta da Areia. Este bar só abre no verão, e serve comidas típicas como camarão, pirão, peixe frito e outras. É de um morador da vila, que também é pescador.

### Serviços Públicos

A vila da Costa da Lagoa está ligada administrativamente à todos os agrupamentos populacionais em torno da Lagoa da Conceição. É uma localidade que dispõe de poucos benefícios públicos. Em termos de saneamento dispõe de água encanada não tratada, não tem sistema de esgotos, nem recolhimento de lixo. Dispõe de luz elétrica e recentemente foi servida de transporte público. Tem como serviços ainda uma escola de primeiro grau incompleto e um posto de saúde.

#### Abastecimento de água

É individualizado, feito por meio de 'borrachas' isto é, canos emborrachados que ligam os córregos provenientes dos morros com as casas. Cada casa tem seu próprio encanamento, que é construído e mantido pelos moradores. Como existem diversos grupamentos de casas, cada um deles utiliza um córrego mais próximo para captação da água. Geralmente a água é captada em uma porção onde existem pedras para evitar que areia ou sujeira penetre nos canos. Às vezes no local da captação é feita uma pequena represa de pedras ou tijolos e ali é fixado o cano, captando a água corrente que é conduzida até o interior da casa, geralmente cozinha, tanque de roupas e banheiro. Poucas casas têm reservatórios de água. Mesmo quando dispõem, a torneira da cozinha é abastecida com água diretamente do córrego.

A água, portanto, é consumida sem tratamento de espécie alguma. Apesar disto apresenta aspecto e sabor agradável. Os moradores não costumam realizar nenhum tratamento domiciliar para a água, ela é consumida da mesma forma como é captada.

Este sistema de encanamento é relativamente recente, conforme mostra este morador:

"A água é muito boa. Terem encanado foi uma coisa boa pois antes tinha que pegá com balde ou lata no córrego lá em baixo." (Artur, Família 1)

Existiu um plano governamental para canalização de água do principal riacho que desce do morro, que serviria para abastecimento da vila da Barra da Lagoa. Foi construída uma barragem no córrego com início de tubulação e comporta. O plano não foi desenvolvido e a obra, inacabada, está abandonada. O terreno onde está localizada pertence ao governo municipal, e é mantido, limpo por um empregado da prefeitura, que ocasionalmente fecha a comporta formando um pequeno lago de água doce, local muito apreciado para tomar banho nos meses de calor. O local é conhecido como "empresa". A "empresa" é lugar apreciado para piqueniques, passeios e churrascadas.

O córrego da empresa é o maior em volume de água e está localizado bem no "centro" da vila, onde se localiza a maior parte das casas. Os moradores captam água para suas casas acima da "empresa", onde o córrego forma uma cachoeira. Abaixo, onde o córrego passa no caminho, é aproveitado para lavagem de roupas.

#### Destino dos dejetos e lixo

Não há sistema público de tratamento de dejetos. As casas geralmente lançam os resíduos nos córregos sendo que algumas pou-

cas utilizam-se de fossas. Os moradores não têm preocupação quanto a poluir os córregos ou a Lagoa. Eles referem que o volume de dejetos é pequeno em relação à água da Lagoa.

O lixo é colocado em buracos rasos cavados nos quintais, ou à flor da terra. Ocasionalmente são queimados. Não há local público para o lixo, cada família dá destino ao lixo que produz.

### .Energia Elétrica

Há aproximadamente seis anos foi instalada a rede elétrica, na vila, vindo da Freguesia da Lagoa. A energia elétrica foi um avanço em termos de comodidade para os moradores.

*"... Outra coisa boa foi a luz, que colocaram faz uns cinco ano prá trás." (Artur, Família 1)*

Com a energia elétrica apareceram os eletrodomésticos como as geladeiras que antes eram a gás, o liquidificador, muito utilizado para fazer o pirão de feijão, a televisão, que é bastante difundida, e a utilização de baterias para ligar o sulbrim que facilitou em muito a pesca do camarão. Além disto, a própria iluminação das casas é bastante valorizada como um avanço em termos de conforto.

### .Escola

A escola é municipal, oferecendo o primeiro grau incompleto, desde o pré-escolar até a quarta série. É um prédio de alvenaria localizado à beira da Lagoa, é mantido por serventes e zeladores moradores do local, e conta ainda com merendeiras, também moradoras.

Quando iniciou-se a coleta de dados haviam duas professoras. A diretora, a única professora nascida e moradora da Costa,

acumulava o ensino para a segunda, terceira e quarta série. Uma professora de fora, ministrava aula para o pré-escolar e primeira série.

Praticamente todas as crianças com idade frequentam a escola, as poucas exceções são aqueles que adoecem ou são "tolos". As mães acompanham o progresso das crianças, comparando o ensino das duas professoras, e manifestando, sua opinião sobre cada uma delas.

No início da coleta de dados, muitos moradores manifestaram-se descontentes com a professora que ministrava aulas para o pré-escolar e a primeira série. Eram frequentes as comparações entre a professora moradora do lugar, competente e pontual e a professora de fora, segundo eles, que não era boa. Depoimentos diversos mostram este sentimento:

"A professora que nós temo, a que é daqui, vai pro colégio a sete e meia da manhã, ela vai de canoa e sai ao meio dia. Agora essa moça que vem da cidade da lagoa não sei donde, chega à veiz as nove hora e às onze já tá indo embora. Eu não acho isto certo, pro meu pensamento tá errado. (Manoela Família 13)

"Como é que a menina pode aprendê alguma coisa desse jeito? Essa professora vem um dia e falta dois. Amanhã com certeza ela-não vem porque é sexta. É sempre assim... Ela falta quase todo o dia e quando vem fica só um pouco. Assim não podem ir mesmo pra frente essas criança." (Noenia, Família 9)

"... eu não gosto do jeito que essa professora da aula não. A maioria das crianças não aprendem nada." (Marisa, Família 4)

Entretanto, apesar de descontentes, os moradores não tomam iniciativa no sentido de melhorar o ensino. Suas reclamações não passam do nível pessoal, entre os próprios moradores. Também não vão à própria professora envolvida.

A situação da escola sofreu modificações no decorrer do

tempo. Foram designadas mais professores para a escola local, e estes passaram a residir na própria vila.

*"O José do coleginho? Ele é muito bozinho. As professora tão morando ali naquela casa que era do O. menos uma que casô com o irmão do S." (Neusa, Família 1)*

A opinião dos moradores quanto ao ensino prestado pela escola melhorou consideravelmente com as novas professoras. O fato dos professores residirem na localidade possivelmente contribuiu para este fato, porém o principal fator é certamente o progresso das crianças nos estudos.

Terminado a quarta série na escola local, tanto rapazes como as meninas, caso desejem continuar seus estudos terão de se deslocarem para a Freguesia, onde há a continuação do primeiro grau. Poucos fazem isto. Alguns, a maioria entram para as atividades produtivas disponíveis a pesca ou emprego doméstico, levados pela necessidade de ajudar aos pais. Outros, as meninas principalmente, não vem sentido em continuar os estudos:

*"Estudei sô até a 4.<sup>a</sup> série e não quis mais. Eu acho que não adianta estudã. Lá na Lagoa sô tem até a 8.<sup>a</sup> série. E depois? ...a gente tem que voltã prã casa ou se casã, não adianta nada." (Beatriz, 15 anos)*

Em relação a escolaridade da população a maioria é semi-alfabetizada. Sabem escrever seu nome, fazer contas rudimentares e não vão além disso. Isto, segundo depoimentos, é devido ao fato de que a escola é relativamente recente, e antigamente não havia onde estudar; Os demais, que frequentaram a escola atual, tem dificuldade em ler e escrever devido as precárias condições de ensino.

.Posto de Saúde

O posto de saúde conta com o serviço de um médico e um dentista, moradores de fora, e dois auxiliares de saúde, moradores da Costa. Sua atuação é principalmente curativa, com consultas no posto ou visitas domiciliares por parte do médico, e extrações por parte do dentista. A opinião dos moradores sobre o atendimento no posto varia, muitos têm restrições à falta de medicamentos e material, às frequentes ausências do médico e dentista, bem como ao não cumprimento do horário de atendimento.

"Nós tamo sem médico... já faz mais de semana que o L. não vem mais... Aqui na Costa é assim: ninguém fica muito tempo. Quando agente pega a se acostumã, troca tudo de novo... Agora o posto tá lá, aberto, mais só com as enfermeira, sem médico, sem remédio. O que adianta um posto assim?" (Artur, Família 1)

"O médico vem agora só dois dia por semana, não tem remédio. Eu acho que o pessoal daqui devia si reuni pra dá um jeito, achã uma solução. No meu pensã o médico devia di ficã aqui das oito da manhã às 6 da tarde porque se algum fica doente de tarde tem de i na cidade porque o médico sã fica de manhã." (Helena, Família 5)

"O médico não veio mais, não é? Eu e as minhas vizinha ficamo cuidando quando passa na lancha do D. que traz ele, e ele não vem. Já faz três dia que não vem. O dentista a veiz vem, a veiz não vem." (Jandira, Família 13)

Os "enfermeiros" para os moradores da Costa da Lagoa são os auxiliares de saúde. Eles são contratados, pela Prefeitura Municipal de Florianópolis para atuar em horário integral, para o atendimento de problemas simples. São pessoas muito apreciadas pela população, embora sem muita fé na sua capacidade de resolução dos problemas.

"O posto fica aberto di tarde, mais pra que? Não tem médico, tem poco remédio e as enfermeira sabem pouco sem o médico pra dizêo que faça. Nem uma injeção na veia elas aplicam, a senhora vê..." (Nívia, Família 5)

"Ele é muito estudioso, muito esforçado. Ele trabalhava de enfermeiro aqui no posto, depois transferiram ele lá pra Barra porque disseram que ele é muito bom e lá tem mais serviço. Ele agora tá fazendo uma prova. Se ele passã ele vai sê médico. Quando a mãe de le morreu ele fazia tudo em casa: ajudava as irmã na ropa, fazia comida, tudo, ele é muito bom menino." (Eulália, entrevista informal)

### Habitações

As moradias na Costa da Lagoa apresentam grande uniformidade quanto a seu aspecto, há pouca variação no que se refere às características a seguir enumeradas. Exceção deve ser feita àquelas casas que, embora sejam ali localizadas, pertencem a pessoas moradoras de outros locais, que as utilizam para descansar fins de semana ou temporada de férias. Vejamos alguns aspectos das casas dos moradores permanentes do lugar:

- Localização: Costumam construir casas próximas umas das outras para aproveitamento do terreno. Os filhos e netos costumam fazer sua casa no mesmo terreno dos pais, e como as famílias são geralmente grandes há bastante proximidade entre as casas. Não é costume erguer muros ou cercas entre as casas, o quintal de uma casa e o da contígua muitas vezes se confundem. Do caminho pode-se passar diretamente para o terreno de uma casa e deste para o seu interior.

Devido ao fato de ocuparem com suas casas o terreno de seus pais e avós, há muitos agrupamentos de casas pertencentes ao mesmo ramo familiar, com várias gerações convivendo juntas. Isto facilita o contato permanente e íntimo entre seus membros, da mesma forma que aguça os desentendimentos e brigas.

O mais comum na divisão dos terrenos é que sejam divididos igualmente entre todos os filhos, sejam homens ou mulheres. As filhas mulheres, embora tenham direito à sua parte do terreno, cos-

tumam vendê-la e ir morar com o marido na casa que ele construir na sua parte de terra que lhe couber. Esta regra tem exceções, não é cem por cento seguida, como por exemplo, quando o marido não tem terra por herdar, ou quando a filha é por demais apegada, ou depende da família original.

A questão de repartir a terra frequentemente entra na conversa de casais mais idosos. Um exemplo é este depoimento, do avô da família 1.

*"Eu já fiz a repartição do meu terreno aqui prá não dá confusão depois que eu morrê. Como nōis temo três filho, dividi o terreno em três parte, a da V. da J. e do A. No da V. (2ª filha) já tem a casa do C. (neto) é do O. (neto) e esta aqui onde nōs tamo. A do A (filho) é onde tã a casa dele prá trás, ali dá prá fazê mais casa pros filhos dele; e a da J. (1.ª filha) é ali na beira da praia onde eu tenho o meu rancho. Eu te já pensei em arreparti a terra antes de eu morrê mais desisti porque não quero mora a favor dos filho."*

Um fato que vem modificando este costume é a escassez de terrenos pertencentes aos moradores. Antigamente os terrenos tinham muitos metros de fundo, subindo os morros acima, e às vezes continuando do outro lado. Com o passar do tempo, e com o decréscimo da atividade agrícola, muitos proprietários venderam os terrenos dos morros, reservando para si apenas a faixa junto a Lagoa. Um dos moradores não se conformou com o fato:

*"(Os terrenos) tã tudo vendido... Eu não digo prá senhora que são uns ignorante? Venderam por preço de banana um tempo atrás e agora que o preço do terreno tã bom não tem mais nada prá vendê e ainda ficaram sem terra prá plantã..." (Emílio, Família 4)*

- Características Gerais: As casas geralmente são de tamanho pequeno, com cinquenta metros quadrados em média, construídas um pouco acima do nível do terreno; de forma que é necessário uma

escada de dois ou três degraus para se entrar.

Na sua grande maioria são casas de madeira, com fundações de tijolos ou pedras e cobertas com telhas comuns, de barro. Algumas casas, raras, são de alvenaria, ter uma casa de alvenaria é sinal de que a família está em boas condições financeiras. Existem também casas mistas, com paredes externas de tijolo e divisões internas de tijolo, madeira, ou partes, geralmente o banheiro e a cozinha em alvenaria.

Moradores mais idosos contam como eram as moradias quando eram jovens.

"Antes era muito diferente. As casa eram de barro só tinha umas de madeira. Eu mesmo me criei em casa de barro sem piso. Era muito menor, isto cresceu muito duns tempo prá cá." (Artur, Família 1)

"Isto aqui tá muito deferente do que era. Agora tá bonito. No meu tempo as casa era de barro com teiado de paia. A gente cobre as casa com paia o não chave dentro. Eu me criei numa casa assim como eu digo prá senhora." (Letícia, Família 13)

"Esta casa é bem velha. Diz que foi feito no tempo dos escravo. Diz que judiavam muito dos preto naquele tempo, faziam dos trabalho muito e davam de corda. Eles dormiam não era na casa, era na, como é mesmo nome?... É isto, senzala." (Neusa, Família 12)

- Distribuição do espaço interno: Há no mínimo uma sala, quarto e cozinha. Quando a família é grande há quartos a mais para os meninos e as meninas. As instalações sanitárias são variáveis, em casas construídas mais recentemente estão integradas no corpo da casa, nas mais antigas localizam-se separadas, sendo constituídas de apenas uma instalação sanitária precária para os dejetos. É comum não disporem de chuveiro, sendo o banho tomado em bacias. O urinol também é bastante utilizado. É comum não fazer portas externas, separando os cômodos. No quarto do casal pode haver uma

cortina de pano comum servindo de porta.

- Mobiliário

Na sala: mesas e cadeiras, às vezes bancos longos simples, de madeira. Algumas casas têm sofás e cadeiras estofadas, mesinhas de centro, e espelhos, são as casas de pessoas com mais posses. Quando há televisão também fica na sala. A televisão é quase uma constante, somente os casais que estão começando a mobiliar a casa, ou aqueles que são considerados bem pobres não tem este eletrodoméstico.

Na cozinha: Costumeiramente existem o fogão a gás e a lenda, construído de alvenaria com chapa de ferro. Geladeira também se localiza na cozinha, ou na próxima a ela. Geralmente há uma mesa na cozinha, onde fazem as refeições. Mesmo que não haja nenhuma outra pia na casa, na cozinha sempre existe uma, onde é lavada a louça. Geralmente o armário para guardar a louça se localiza em um balcão abaixo da pia. As panelas muito brilhantes, são guardadas como um troféu acima do fogão, presas à parede por cordas colocadas horizontalmente, tendo por fundo um pano colorido.

No quarto: Como os quartos são geralmente bastante pequenos, seu mobiliário se restringe a camas de casal de solteiros, ou beliches. Algumas vezes há armários, baús ou guarda-roupas que servem a toda a família.

- Fachada: As casas são dispostas em dois sentidos principais, de frente para o caminho ou de frente para a lagoa. As fachadas são geralmente constituídas por duas a três janelas, do quarto do casal e da sala. Há normalmente duas portas laterais, uma para a sala e uma para a cozinha. As paredes e as janelas da fachada são pintadas em cores contrastantes. Há poucas casas brancas, muitas vermelhas, azuis, verdes, amarelas.

### Aspectos gerais da população

A população da vila é composta por aproximadamente mil pessoas, em sua grande maioria de cor branca, seguindo-se o número de mestiços.

"...já teve muito (negro) antigamente. Hoje em dia só tem pardo. Os negro foram saindo foram indo embora, e os que ficaram foram casando com branco até que restô esses pardo aí... mais negro mesmo não tem mais." (Artur, Família 1)

A faixa etária predominante é de escolares, adolescentes e jovens adultos. Esta distribuição populacional, com pequeno número de pré-escolares e lactentes é devido ao que parece, à introdução do uso de pílula anticoncepcional pelas mulheres em idade reprodutiva, fato que é relativamente recente nesta população. O número de filhos por casal em famílias há pouco formadas foi notavelmente reduzido, quando comparado com famílias de mais tempo. Este assunto será mais discutido no setor descritivo de famílias.

Pode-se dizer que a Costa da Lagoa é uma vila pesqueira, por ser esta a atividade principal dos moradores: sua principal fonte de renda entretanto iremos descrever mais detalhadamente as atividades dos moradores, a seguir.

#### Trabalho

As atividades da população da Costa da Lagoa são bem definidas para cada grupo etário e sexo. Cada pessoa tem funções a desempenhar, funções estas claramente definidas e que são esperadas dela. Desvios são reprovados ou aceitos com relutância.

Em relação às atividades economicamente rentáveis a divisão entre os sexos é clara: os homens têm a pesca como principal fonte de rendimentos. As mulheres por sua vez fazem renda de bilro

e/ou descascam siris para vender-lhes a carne. .

"... aqui cada um tem o seu serviço. Assim como eu não possi a rede ele não pode fazê a cumida." (Marta, Família 8)

A idade para o pescador é variável, indo desde que o menino apresenta força suficiente para o manejo do material, por volta dos dez anos de idade, até enquanto tem capacidade física, por volta dos 60 ou 70 anos. As crianças, meninos, freqüentemente não vão além da 4.<sup>a</sup> série do 1.<sup>o</sup> grau, o ensino disponível na vila, e já abandonam o estudo, ou conciliam estudo com a pesca.

"A senhora sabe, nossa vida aqui é esta, os home tem que pescã e prá isso não carece estudo. Ele já tem a sua canoa, já mata seu camarão. O maior também pesca, chega da aula, larga os livro, come e vai matã o camarão. Trabalha muito, o coitado, mais o que é que vai se fazê? (Sobre os filhos, 13 e 15 anos) (Miriam, Família 8)

Os locais onde a pesca é praticada são: a própria Lagoa da Conceição, o mar da Barra da Lagoa, saindo 'embarcado' em barcos de companhias pesqueiras ou ainda na chamada 'safra' no Rio Grande do Sul.

A pesca na Lagoa da Conceição é feita por praticamente todos os homens da Costa. Aqueles que tem outras atividades pescam à noite ou nos fins de semana.

"O coitado do meu genro trabalha muito, ele é empregado da firma... Ele sai cedo, de manhã, e volta de tardezinha. Nem bem chega em casa sô toma um cafezinho e sai de novo prá pescaria, passa a noite pescando e de manhã vai de novo. É uma vida muito triste..." (Filomena, Família 7)

Os peixes são capturados por meio de redes dispostas em

círculos, atividade que é denominada 'lancear rede', por meio de tarráfas denominada 'tarrafiar', por linha e anzol, ou ainda por espinhéis. Lancear rede é uma atividade familiar ou de grupos de amigos, já que são necessários dois barcos, e no mínimo quatro pessoas para fazê-lo; é necessário rede própria, que nem todos os moradores possuem. Já tarrafiar é uma atividade bastante comum, feita individualmente quando o pescador necessita peixe para o almoço ou jantar de sua família.

Ainda na Lagoa da Conceição é realizada a principal atividade econômica da Costa: 'Matar camarão'. Esta atividade é realizada a noite, quando não há vento ou lua clara. Ao anoitecer os homens se deslocam nas canoas e remem em direção ao chamado "campo", do lado oposto da lagoa, onde há areia branca no fundo, e é bastante raso, fatos necessários à tarefa. Os pescadores permanecem em sua canoa, com o equipamento para a pesca: o chapéu com o 'sulibrim', que é um chapéu de palha comum, geralmente amarrado sob o queixo, munido de um farol de automóvel, ligado a uma bateria que passa o dia ligada à rede elétrica da casa. Quando anoitece o farol é ligado e os pescadores focam aos lados da canoa, procurando localizar, camarões e sirispelo brilho da luz refletidos nos olhos desses animais. Quando são localizados são capturados por meio da 'bernunça', uma espécie de armadilha, composta de um cabo longo (um metro e meio a dois metros), tendo em uma das extremidades uma pequena bolsa feita de rede com armação de ferro ou arame grosso; um fio que corre ao longo do cabo e é segurado pelo pescador aciona a tampa, também de rede, que prende a pesca no seu interior. Dessa forma, de um em um são capturados os camarões ou siris, ou ainda alguns pequenos peixes. Alguns homens levam café em garrafas térmicas para passar a noite. Outros ficam até determinada hora da madrugada, e então voltam para casa, jantam e vão dormir. Pela manhã eles, seus filhos ou mulheres vão à Freguesia vender o produto da pesca, e após o almoço dormem novamente para recomeçar à

noite. A captura de camarões é impossível quando há vento, pois neste caso não se pode divisar o reflexo da luz, e a claridade da lua também impede que seja feita. A produção de um pescador varia segundo a época do ano. Os meses de calor a produção é maior, pois os camarões são mais 'grados', um pescador pode pegar em torno de dez quilos ou mais. O produto da pesca é vendido a compradores determinados, que esperam o produto na Freguesia, próximo ao trapiche onde atracam os barcos que vem da Costa.

Alguns pescadores recebem imediatamente o dinheiro pelo camarão. Outros ficam 'na conta' do comprador que o pagará eventualmente, por dias ou semana. Com o produto da venda do camarão é que o pescador sustenta sua família, é a principal fonte de renda da vila. Um dos pescadores expressa bem a importância desta atividade:

"... (o camarão) tá fraco, quase não dá prá nada. Mais a gente tem de ir sempre que pode porque é só dali que sai o pão. É do camarão que eu sustento seis boca... eu trabalho só prá comê e vesti, porque um dinheirinho não dá prá guardá." (Homem, Família 4)

Outras modalidades de pesca realizadas na Lagoa da Conceição, como lançar rede, tarrafiar, pesca de espinhel, ou linha são utilizadas prioritariamente para prover peixes para o consumo diário.

A pesca no mar é realizada pelos pescadores que tem barcos a motor especiais, do tipo maior que os usados na Lagoa, e redes próprias para pesca deste tipo. Não são muitos os moradores que dispõe deste equipamento; estes empregam outros para a realização da pesca; o fato de trabalhar para alguém fazendo parte da tripulação é chamado 'vaga na rede'. Geralmente os que tem "vaga na rede" são rapazes solteiros. Os barcos saem para o mar através do Canal da Barra, é atividade de curtos períodos, não ultrapassando

um dia.

Pescar embarcado é ocupação para poucos moradores da Costa da Lagoa. Os barcos, pesqueiros de alto mar, são pertencentes a companhias de Itajaí, Santos ou Rio Grande. Os pescadores permanecem longos períodos longe de casa, no mar, porém os salários são altos e um trabalho embarcado é aspiração de muitos pescadores, especialmente os solteiros.

Um último local importante para os moradores é a pesca no Rio Grande do Sul, Chamam "ir ao Rio Grande" a pesca sazonal para a "safra" de peixe. O que leva os pescadores ao Rio Grande é a necessidade de conseguir mais dinheiro que o da venda dos camarões. Geralmente quem vão são os jovens prestes a casar, ou os casados quando desejam constuir ou melhorar sua casa. Um pescador, o pai da família 2, conta como é esta experiência:

"Eu já trabalhei lá... já trabalhei no Rio Grande, em São Lourenço, no Arroio Sujo ... Conheço Pelotas, é uma cidade grande... Trabalhei na pesca. Muita gente daqui vai pra lá... Eu fui umas quantas vez. Quando nós cá semo eu ia sempre pra lá, a vez vinha a casa, ficava três dia, sete dia e já voltava outra vez... A gente tem que fazê assim, é nosso ofício... À vez vale a pena, à vez não vale; tem vez que não dá pra quase nada, depende... da sorte, do tempo, do companheiro, (pesca) é de barco. Eles tem uns barco grande, maior que esses daqui, que tem radar, rádio, rede, tudo... Os companheiro jogam a rede na água e depois puxam tudo a braço. As conta são assim: se a senhora é dona da parelha (equipamento, barco, rancho), a senhora fica com 10 parte e mais uma pelo seu corpo, que a senhora também trabalha. Os pescador fica com as outra 10 parte pra reparti entre eles. A comida é repartida pela metade. O dono paga e os pescador também paga. Mesmo assim vale a pena que vê essa coisa aqui eu fiz ela com a pescaria no Rio Grande. Não fiz tudo duma vez só não, fui fazendo devagarinho. Ainda não tá pronta mais a gente tem pelo menos duas telha pra cubri a cabeça." (Joaquim Família 2)

atividades; alguns são empregados da Prefeitura Municipal de Florianópolis; os barqueiros das lanchas públicas, os responsáveis pela conservação do caminho e pela "empresa", o sistema de coleta de água. Outros tem profissões autônomas: eletricitas, encanadores, pedreiros, "farinheiros" (trabalhadores de engenhos de farinha), donos de bar, de peixarias, e outros. Estas atividades, além da pesca são consideradas ideais para o sustento da família, e muitos homens aspiram ter outro serviço, esperando que sua vida seja mais fácil:

*"A vida do pescador não é fácil, não tem futuro. Se ao menos fizessem uma estrada a gente podia pegã um trabalho na cidade... um emprego que a gente pudesse tã em casa a noite e no fim do mês tivesse aquele dinheirinho certo..." (Libório, Família 4)*

Alguns homens também tem como atividade complementar o plantio de raças de mandioca, feijão e café, a criação de porcos, vacas e cabras, atividades que são compartilhadas por toda a família, com tarefas específicas para mulheres e crianças.

Em relação ao trabalho remunerado de mulheres, este é considerado suplementar ao do homem, exceto nos casos de solteiras, ou viúvas. As atividade mais comuns são a confecção de renda e carne do siri. A grande maioria das mulheres da Costa sabem fazer renda de bilro, que aprenderam com suas mães ou avós. A renda é fabricada a partir de um molde, o "pique", que é feito de papelão, colocado em cima de uma almofada cilíndrica feita de tecido recheada de palha. O trabalho é executado com linha de algodão fino ou mais grossa, de acordo com a preferência da rendeira. Geralmente a linha é branca, pois cores fortes como o vermelho, segundo elas "puxa a vista", isto é, cansativa. Existem vários tipos de "piques": a bandeja, a golinha, os guardanapos de vários tamanhos, as bolsas e outros. A partir de um modelo pode ser reproduzido mais

piques. A renda é feita com o auxílio de pares de bilros, que são chamados "birros" pelos rendeiras, são pequenas peças de madeira com formato alongado, compostas por um corpo que é colocado na mão da rendeira, uma haste, onde é enrolada a linha, e uma pequena cabeça para a linha não escapar. São atados aos pares, com a linha, e prendidos ao pique por alfinetes. O trabalho é desenvolvido seguindo-se o esquema. Os pontos básicos são a "perna cheia", o "meio ponto" e a "correntinha". A comercialização é feita com as donas das barracas dispostas ao longo da Avenida das Rendas na Freguesia. Esta atividade está em desuso, porque o retorno financeiro não é compensador, e as moças preferem tornar-se empregadas domésticas do que rendeiras. Outra atividade remunerada importante é descascar siris e vender-lhes a carne. Os siris que são pescados à noite, pela manhã são cozidos em água e sal, geralmente em grandes latas ou panelas, com fogo de lenha. Depois de esfriar, mulheres e crianças abrem-nos e retiram a carne. Ela é posteriormente lavada várias vezes, e embalada em sacos plásticos. É vendida da mesma forma que o camarão. É preferida por muitas mulheres ao fabrico da renda, porque dá mais lucro. A renda implica em comprar a linha, e já a carne de siri é mais valorizada e não tem despesas. As duas atividades são realizadas no intervalo dos trabalhos domésticos, geralmente depois do almoço e enquanto o homem está dormindo. Um exemplo da rotina da mulher casada é o seguinte:

"As crianças tão maiores, então eu comeci de novo a fazer renda. (Faz renda) No intervalo... Assim, esta hora eu faço, daqui a pouco eu paro, depois, de tarde, eu pego de novo. É assim, eu levanto às cinco, levo o camarão que ele pescou, faço o café, faço a mamadeira deles, boto o feijão a cozinhar, lavo a roupa. As criança acordam às oito, tomam o café, os pequeno tomam a mamadeira e saem pra rua pra brincã. Eu arrumo a casa, lavo a roupa, às nove hora quando as outra (mulheres) tão botando o feijão no fogo eu já tô com ele cozido. Aí eu sento pra fazê renda. Lá pelas onze eu para com a renda e apronto o almoço. Depois eu descanso, lavo a louça e pego de novo até a hora do café."

(Gasparina, Família 4)

Não é considerado correto pela maioria dos moradores, a mulher casada desempenhar funções remuneradas além das descritas acima. Como é aceito que o homem é quem deve sustentar a casa, as mulheres devem restringir-se ao trabalho que não as afaste de casa. Mesmo assim, algumas tem empregos: na escola, como serventes e professora, e no posto, como atendentes. Estas mulheres são exceções e não recebem as sanções da comunidade. Há um caso de uma mulher viúva que é dona de um bar, e trabalha nele.

As moças solteiras são quase sempre empregadas como domésticas, porém a família (principalmente a mãe) tem o cuidado de colocá-las em casas de pessoas conhecidas, ou que tenham algum vínculo com a Costa. As moças geralmente trabalham durante toda a semana, dormem no emprego, e sábado vão para a casa dos pais. Como as meninas desde cedo auxiliam a mãe nos trabalhos domésticos, são muitas vezes empregadas com a idade de 9-10 anos. O rendimento do trabalho é freqüentemente repartido com os pais, mas pertence a elas.

*"As menina tão bem. Eu vim trazê a minha menor. Ela tá trabalhando, a senhora sabe? Ela tá na casa da tia. É, D. Maria, a vida tá difícil, o que a gente ganha mal da prá comida, então eu botei ela lá prá trabalhã. Ela fica toda a semana, e vem na sexta se tem festa, baile a tia traz até aqui, e ela vai. Tem que sê assim. D. Maria, porque com todas aquelas boca e a carestia que tá as coisa, não dá." (Albertina Família 7)*

Outras atividades das mulheres e meninas são as domésticas: "ir à fonte", isto é, lavar a roupa de toda a família, cozinhar as diversas refeições do dia, tendo o cuidado de sempre ter comida pronta para o marido, arrumar e lavar a casa e cuidar os filhos e as demais. <sup>o quê</sup> Estas atividades são consideradas as mais importantes da mulher casada, e são prioritárias às demais.

"Ela trabalha muito a pobre da minha filha. Faz todo o serviço da casa, tem os três filhos doente pra cuidã e ainda tem o marido pescador que a senhora sabe, pescador que tudo a hora, que comida pronta, e roupa limpa quando chega do mar. É pior do que empregada." (Genoveva, Família 11)

..."Eu ajudo a mãe na casa... é que o pai e os meus irmão chegam a qualquer hora pra comê e tem que lavã a roupa de pescaria deles. Quando termina tudo eu passeio vô na casa das minhas prima, brinco com os meus primo pequeno." (K, 15 anos, entrevista informal)

Além das atividades acima citadas, a criação de galinhas, e outros animais domésticos de pequeno porte como cabras e patos também é da responsabilidade da mulher.

"...tô matando esse frango, mas tenho tanta pena! Eu não gosto de matã. Este é o último machinho de dez que eu comprei. Vieram cinco machos. As feminha eu não mato, deixo pra bota ovo." (Bárbara, Família 3)

### Lazer

A vila da Costa da Lagoa tem suas regras para o Lazer. Nem todas as atividades de lazer são aceitas pela população, e estas são específicas para cada idade e sexo. Existem dias e horários em que o lazer é praticado. Alguns moradores, principalmente os moços e moças se ressentem de falta de atividades de lazer, como estes dois depoimentos sugerem:

"Aqui na Costa não tem nada pra gente fazê. A gente vai nos bar, conversa... falta o que fazê pra passã o tempo." (Entrevista informal, moça 18 anos)

"Eles (filhos) não gosta muito da Costa. Nem eu gosto, parece que aqui não tem jeito de nada... Não tem escola boa... não tem o que faça pra diverti." (Paulina, Família 5)

Apesar destes depoimentos, as atividades de lazer existentes são muito concorridas e esperadas ansiosamente pelos morado-

res. As principais são: os bailes, jogos de futebol, o bar, visitas aos parentes e/ou amigos, e nos meses quentes, banhos nas praias.

Os bailes são certamente a principal diversão dos moradores. São realizados duas vezes por mês, aos fins de semana. Os fins de semana em que são realizados os bailes são previamente combinados com o dono do salão, e divulgados amplamente de um para outro morador. Cada baile é dividido em dois, um sábado à noite, começando a noite, às vinte e duas hs e estendendo-se até às quatro ou cinco horas da madrugada, chamado de "discoteque", frequentado principalmente por jovens solteiros. Domingo o baile começa mais cedo, às dezoito horas e termina por volta da meia noite; este baile é chamado "vanerão", e é destinado principalmente aos casais e aos mais velhos. A divisão dos dois bailes não é exclusiva para um e outro público, há mistura dos dois, sendo mais frequente as moças solteiras frequentarem o "vanerão" junto com seus pais, ou homens casados frequentarem a "discoteque" para dançar com as moças solteiras.

*"Eu vò nos baile, danço com um e com outro mais não namoro nenhum. ... Eu vò porque é só o que tem prá gente fazê... Eu danço só vanerão, que eu não gosto muito. Eu danço com os moço e os velho. A gente vai no baile então a gente tem que dançã com qualquê um que venha tirã a gente, eu penso assim."*  
(K, 15 anos, entrevista informal)

O baile é um ponto de encontro dos namorados, e onde os casais se divertem. Era costume toda a família ir no baile, mesmo crianças pequenas, após aprenderem a caminhar; este costume foi proibido pelo dono do salão, porque as crianças atrapalhavam os mais velhos. Após esta proibição, vão somente as crianças maiores, acima de determinada idade, quando deixam de ser 'rapaz pequeno', por volta de sete anos de idade. A entrada no baile é paga, o preço é diferente para homens e mulheres, algumas vezes estas não pagam.

O local onde se realiza o baile inicialmente era em uma casa comum, da qual foram retiradas as divisões internas. Após, foi construído um salão especial para o baile, ao lado da igreja. A aparelhagem de som vem de barco no sábado, e domingo é levada embora. É alugada pelo "dono" do baile. Também são vendidas bebidas, pela mesma pessoa. Os bailes são um costume antigo, porém antigamente era diferente...

... "Naquele tempo, D. Maria, os baile tinha uma mesa de café com bolo, com rosca e tudo o que era bom." (Edith, Família 1)

Sendo uma atividade de lazer importante para a população, com grande afluência de pessoas, os bailes são vistos com restrições e desagrado por muitos moradores, devido às brigas que ocorrem.

... "no baile do outro fim de semana duas moças daqui se pegaram. Era a L. filha da V. e a outra era minha prima. A minha prima estava conversando com o namorado da L. que é primo dela também. Aí chegou a L. e deu dois tapa na cara da outra porque ela estava roubando o namorado dela." (K, entrevista informal)

Outros apresentam restrições devido aos costumes modificados desde o seu tempo, principalmente com relação às mocinhas.

"É minha neta que eu tô criando. De verdade, é ela que tá nos criando, porque dois velho já não prestam pra muita coisa. As outras filha estão de empregada na cidade. Eu só deixo ela ir ao baile acompanhada pois hoje em dia a coisa tá feia. A senhora não vê porque não sai de casa de noite, se não a senhora ia vê estas menina pelos canto com os namorados." (Artur, Família 1)

"As menina hoje são muito diferente do meu tempo. Parece que elas não se dão ao respeito. Nesses baile que tem só se vê elas com home casado, com solteiro, tudo. Não sei se é a tal da maconha que eles assopram na cara

delas, que deixa elas meio tola e faz o que eles que..." (Ieda, Família 12)

E, finalmente, a principal restrição, é em relação do uso da maconha, que consideram um grande mal, e causadora de mudanças de comportamento e doenças. Segundo muitos moradores, é comum o uso de maconha nos bailes:

"Esses dia ele foi no baile, e lá deram não sei o quê prá ele e ele ficou bem tolo. Eu digo pros meus filho não deixá esses pequeno i no baile, lá sô acontece coisa ruim." (Entrevista informal, 64 anos, Mulher)

"A senhora se lembra a uns ano atrás não se via gente como ela (filha tola). Isto é por causa da maconha. Hoje em dia os môço sô que bebê e fumã maconha. As moça saem de noite com os namorado, vão aos baile..." (Sineão, Família 11)

Outra forma de lazer divulgada na Costa, embora consideravelmente menos que o baile, é o jogo de futebol. Os homens e meninos gostam de praticar este esporte em domingos, quase sempre pela manhã. É um esporte masculino, jogado enquanto as mulheres prepararam o almoço de domingo. Não são muitos os moradores que gostam de jogar futebol, porém alguns apreciam o suficiente para disputar campeonatos nas outras vilas, onde integram os times. Os locais de jogo são o campo ao lado da escola ou em um terreno próximo a uma das casas da vila.

Há ainda as atividades de lazer desenvolvidas quando não é hora ou dia destinados ao trabalho, como os bares, para os homens, e as visitas para as mulheres. Os bares são pontos de encontro dos homens, principalmente nos fins de semana, e nos dias de semana, após o descanso do meio-dia, antes de saírem novamente para a pesca de noite. Nos bares eles bebem, conversam e jogam dominó; alguns bebem bastante, e então voltam para casa, ou vão ao baile. Beber bastante a ponto de ficar embriagado é considerado normal para

o homem, desde que ele não pare de trabalhar por causa da bebida. Com relação às mulheres, a principal diversão dos fins de semana, aqui entendidos como sábados à tarde e domingos, é a visita a parentes, principalmente os pais, irmãs ou irmãos, que moram longe de sua casa. As visitas são feitas geralmente com a companhia dos filhos menores, ocasião em que gostam de contar as novidades, e ouvir o que aconteceu naquela parte da vila.

Uma mulher casada explica o papel que estas visitas tem na sua rotina de vida:

"Eu levanto de manhã, faço café, tomo depois pego a arrumã a casa, varrer, fazê as cama, depois vô à fonte, e quando termino volto pra casa e faço o almoço. Depois que eu arrumo a cozinha me deito um pouco e quando levanto já tã na hora do café. Depois eu faço um pouco de renda ou casco siri e depois a janta. Sô paro no domingo de tarde, quando vô na casa da mãe ou das minha irmã." (Heloisa, Família 4)

Na época de calor os jovens e crianças costumam banhar-se nas praias da lagoa ou na "empresa", onde fecham as comportas, formando um pequeno lago. Como a lagoa é funda logo após a margem, as mães tem medo de deixar as crianças brincarem sozinhas na água, então as acompanham, ou recomendam para que as mocinhas maiores cuidem dos menores. O horário mais utilizado para o banho de praia é após o descanso do meio-dia, por volta das quinze horas.

### .Religião

A religião tem papel importante na vida social da Costa da Lagoa. A religião católica é a dominante, e em toda a população conheci apenas uma pessoa de outra religião, denominada "dos cren-tes".

A construção da igreja é de madeira, localizada na parte central da vila, próxima a escola, ao posto de saúde e ao salão de

baile. É um local simples, com tamanho de uma casa comum da localidade e já está bastante pequena para o tamanho da população. Em dias de missa fica cheia de gente, com muitas pessoas em pé.

As missas são realizadas aos segundos e quartos domingos de cada mês. O padre vem de barco, e logo antes de iniciar a celebração são estourados foguetes para avisar a população.

As atividades da igreja são organizadas por uma comissão de moradores denominada "diretoria", composta por alguns casais. Essas pessoas organizam as atividades, controlam as receitas e as despesas, limpam e arrumam o local e desempenham outras atividades.

As missas são importantes reuniões sociais onde todos se encontram, onde as pessoas exibem suas melhores roupas, onde até são realizados pequenos negócios. Também é local excelente para falar da vida alheia, para encontrar parentes que moram no outro extremo da vila, para namorar e outras finalidades.

O capelão tende a falar assuntos que os moradores vivenciam como a pesca, o perdão aos que fizeram mal, a fidelidade conjugal, e a ajuda aos necessitados.

As atividades religiosas são acompanhadas principalmente pelas mulheres. Os homens têm suas restrições à religião, alguns expõem claramente seu ponto de vista, como este morador:

"Eu não acredito que o padre perdoe os pecado que a gente faz... A senhora que vê um exemplo: nós dois cometemo um pecado, eu e a senhora. Agora a senhora acredita que *í lã* e *falã* tudo pro padre faz Deus perdoá o nosso pecado? Faz nada! Então em vez de *falã* com o empregado fala direto com o patrão, em vez de *falã* com o padre, pede perdão pra Deus direto." (Anibal, Família 3)

Além da missa, existem outras atividades religiosas que

costumam acontecer, como o terço, rezado na igreja nos domingos que não tem missa, isto é no primeiro e terceiro domingo de cada mês. Os terços são realizados às dezoito horas e conduzidos por alguma das senhoras da "diretoria" da igreja, ou pelo rapaz que também é o sacristão das missas. O comparecimento de pessoas ao terço é bem inferior ao da missa.

Existem as "santinhas", pequenos oratórios com imagem de uma santa, que são transferidas de casa em casa com o objetivo de fazer orações ou pedidos em casa, com a família reunida. Geralmente a dona da casa acende uma vela e coloca aos pés da imagem. A família que tem a santinha deve passá-lo o dia seguinte para um vizinho. No pé da imagem há um lugar para esmolas que segundo o padre em um de seus sermões, servem para ajudar os seminaristas pobres. O padre frisa porém, que se houver famílias necessitadas na comunidade, este dinheiro deve ser destinado a eles.

A "Bandeira do Divino" é outro costume religioso; algumas pessoas usando túnicas vermelhas, empunham a Bandeira do Divino, uma longa vela em cima de um bastão, e saem de casa em casa pela vila. São anunciadas por um tambor batendo em cadência. Em cada casa "arreiam o santo" e o dono da casa coloca uma doação em dinheiro em uma bandeija que trazem junto. Antigamente eram cantadas músicas em cada casa, porém hoje isto não é mais feito. O costume está em franco desuso, as pessoas não conseguem mais explicar seu significado nem finalidade.

Uma moradora dá seu parecer sobre a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, outra festa religiosa de importância:

"Se a senhora ficar fevereiro a senhora vai ver coisa linda é a festa de N.Sra. dos Navegantes. O nosso mar fica cheinho, cheinho de lancha e canoa, tudo efetada. Eles fazem a procissão por tudo aí, e depois voltam. O povo! o povo! Vai todo o mundo na canoa. Eu não, eu não posso mais entrá numa canoa, mais eu fico olhando ali da igreja" (Tia "Nona")

Por ocasião ao Natal, foi realizada uma novena, sob a orientação do padre. Segundo sua orientação, a vila foi dividida em zonas, cada uma delas com uma senhora responsável. Em dois dias por semana, cada vez na cada de uma família, os vizinhos daquela zona se reúnem e acompanham os cantos e orações de um folheto distribuído pelo padre. O horário da novena é ao anoitecer e comparecem principalmente as vizinhas mulheres, seus filhos e filhas. Quando as pessoas não se dão bem com os donos da casa em que está sendo realizado a novena, não comparecem a elas. No final, próximo ao natal, foi realizada uma coleta de gêneros roupas ou dinheiro, para ajudar as pessoas pobres da vila. Cada zona se encarregou de um pobre, ou família de pobres, isto é, pessoa que consideraram mais carentes que eles próprios.

Durante o período de coleta de dados foi realizada a primeira festa de primeira comunhão da Costa da Lagoa, no dia vinte e dois de novembro de mil novecentos e oitenta e seis. Foram vinte e oito moças e rapazes preparados por três catequistas moradores da vila.

Além da primeira comunhão estava em andamento a implantação de um grupo de jovens, preparação para a crisma e para o casamento religioso dos casais que fugiram no período.

Observa-se que a religião é uma das mais importantes fontes de integração da população. A igreja, e as tradições religiosas católicas tem a capacidade de movimentar os moradores, agrupá-los, uní-los para um mesmo objetivo. Esta capacidade contrasta com a acomodação em outros setores, como a educação, a saúde, o lazer, o transporte, onde a regra é não se envolver, deixar como está.

## .Alimentação

A alimentação da população da Costa da Lagoa é bastante característica. A alimentação é um item importante na vida dos moradores, e está intimamente ligada à saúde e ao bem-estar, o que é indicado pelas expressões abaixo:

"... quando eu adoeço fico com fastio. Eu tô só com a janta do mei-dia de onte e um cafezinho de noite. Agora já tá me apetecendo um cafezinho com peixe." (Genoveva, Família 1)

"Cumê não engorda ninguém não senhora... Ora, é a pessoa tá bem feliz, bem satisfeita." (Célia, Família 6)

A alimentação da população tem características bastante homogêneas. O tipo de alimento é basicamente o mesmo, as famílias fazem as refeições à mesma hora, e tem o mesmo número de refeições.

Com relação às refeições, as famílias costumam tomar seis refeições por dia: o café da manhã, o café das nove, o almoço, também chamado de janta, o café da tarde, a janta ou ceia, e ainda a última refeição tomada quando o homem retorna da pescaria. Duas moradoras exemplificam a composição das diversas refeições:

"Aqui na Costa é assim. Tomamo café da manhã, depois de novo às nove hora, depois o almoço, às treis hora café de novo e depois a ceia... (o café) é com pão, manteiga, bolo, com o que tiver. É no almoço é feijão com arroz, carne, peixe." (Amélia, Família 2)

"Aqui na Costa é assim, café da manhã com pão, bolo, o que tiver. Às 9 hora, café de novo, com peixe, siri e acompanha farinha. Ao meio-dia janta, à tarde, aĩ pelas treis hora, café com pão novamente, e à noite, ceia. É assim..." (Castorina, Família 1)

Além das refeições propriamente ditas, há ainda o hábito do 'aparadinho' o cafezinho sem acompanhamento, tomado à qualquer hora, e oferecido às visitas. O aparadinho é um café ralo, açuca-

rado, que é coado em sacos de pano, e 'aparado' em bules de cerâmica. É um gesto de boas vindas.

"...precisa sim, precisa! Quando chega uma visita em casa tem que oferecer um café aparadinho." (Jane, Família 1)

O café é ainda tomado junto com as refeições. Costuma ser guardado em garrafas térmicas, ou, caso a família não tenha, é repassado no coador com mais pó cada vez em que é tomado. A quantidade de café gasta por uma família é bastante grande, como pode ser visto pelo depoimento desta mulher:

"Aqui em casa se toma muito café. Olha, de manhã eu já fiz três, no almoço duas, que o marido gosta de tomá junto com a comida, e agora essas três e ainda tem lá no bule (está falando em quantidades de garrafas térmicas)" (Michele, Família 8)

O café que ingerem é comprado nas vendas ou no mercado, ou pode ser colhido nas roças de café existentes no local. Existem muitos pés de café na Costa; ainda remanescentes de quando o local era praticamente auto-suficiente em termos de alimentação, ou plantados para consumo ou para venda... Muitos moradores colhem, secam, descascam e torram seu próprio café. Outros vendem o produto, reservando apenas um pouco para seu consumo.

Com a implantação do congelamento de preços em mil novecentos e oitenta e seis e a escassez de alimentos que o seguiu, os moradores ressentiram-se da falta dos alimentos. Moradores mais idosos comparam a situação desta época com a anterior.

"Eu nunca vi, nos oitenta e três ano que já vivi, uma miséria tão grande... Olhe, D. Maria, esse nosso pocinho aí era uma fatura de peixe... Nós podia não tê dinheiro, mais não passava fome não. Agora a senhora vê, se não fosse o ovo o que a gente ia cumê? Aque-la carne congelada mais é ruim, não dá de cumê..." (Cecília, família 1)

"Jā faz prā mais de cinco dia que não dā nada (a pesca). A gente ē obrigada a ĩ a venda. E mesmo assim não tem nada prā comprā, não tem carne, não tem galinha..." (Salvador, Família 10)

Referindo-se ao tempo de antigamente, os moradores afirmam que eram tempos de fartura, onde o que contava era a comida ā disposiçāo.

"Quando eu era moça, era muito deferente. Não tinha isso de camarāo, os home vivia da pesca de arrasto, que hoje tã proibida. A gente ā veiz fazia varal de peixe; hoje em dia não se vē mais disso. Nunca faltava comida, pois tinha fartura de peixe, tinha muito engenho de cana e de farinha, plantavam feijāo... Hoje ē tudo a troca de dinheiro, os home vendem o peixe prā poder comprar a galinha, e arranjar dinheiro prā pagar as prestaçāo. Antes a gente arrepartia cuia de farinha, sacco de feijāo e hoje? Se a gente quiser tem dē ter dinheiro prā pagar, se não passa fome." (Beatriz, Família 13)

"Antes era mais deferente... Naquele tempo ninguem tinha dinheiro mais tambem não precisava. A gente tinha tudo, farinha e açucar dos engenho, cafē, feijāo, peixe... atē caçaça tinha. E todo o mundo trabalhava. Quem não tinha nada, o avō ou outros que tinha davam o terreno prāquele plantā, e assim não passavam necessidade... quem plantava ficava com duas parte e o dono do terreno com uma. Quantas vez a Eulālia ali da frente ia prā roça com os filho... E a gente tambem trabalhava, tinha trabalho o ano todo, primeiro fazē farinha, depois moē cana, colhē cafē, planta mandioca... E não era essa miséria que tem ē hoje. Ninguem comprava comida, a farinha não vinha em saquinho. Era de paiol, e na hora da comida a gente ia pegā de bacia. Ninguem conhecia açucar branco, era daquele preto, e tinha tambem a guarapa, o melado..." (Alzira, Família 3)

Outros não tem boas recordaçōes do tempo de antigamente.

Recordam-se das dificuldades que passavam:

"A gente passō muito trabalho prā criā estas 10 criança. Muitas veiz eu cumia uma colher de pirāo prā eles comer trēs. E hoje, a senhora veja: a gente se mata forneando farinha, matando camarāo prā podē botā na mesa o

feijão a farinha, a veiz carne, e eles: não gosto, não quero... Hoje em dia não gosto disto, não como aquilo..." (João Baptista, Família 7)

Com respeito à composição das refeições, a maioria das famílias segue as mesmas normas. No café-da-manhã, tomado ao clarear do dia, antes de saírem para vender o produto da pesca, é tomado café puro com açúcar acompanhado de pão comprado na venda, bolacha, ou bolo. O café das nove horas geralmente é acompanhado de um "salgado", como pirão, peixe frito, siri. Algumas pessoas gostam da "piroquinha", como demonstra a descrição seguinte.

"A neta traz uma caneca de café, uma bacia pequena com farinha e um peixe frito. Aline prova o café com a colher, esfria um pouco assoprando. Explica. "Não pode sê muito quente, senão escalda a farinha e não presta." De pois que esfria um pouco vai colocando farinha (de mandioca) na caneca até que fique uma espécie de mingau. Então ela coloca colheradas de piroca na boca, e pega pequenos pedaços de peixe e come tudo junto. Quando termina a neta traz uma bacia com água e um pano. Aline lava as mãos e a boca (por fora) e seca na toalha." (Dia 18.09.86 Família 1)

Outro acompanhamento do café das nove horas é a "polenta", cuja receita é a seguinte:

"(Se faz) É com farinha de milho fina. Eu faço assim: boto a água prá fervê com canela, cravo, açúcar e laranjinha azeda (limão) e com o arroz. Quando ele já tá cozido eu boto a farinha devagar e vou mexendo. Depois eu tiro do fogo e continuo mexendo mais um pouco. Aí em boto no prato e deixo esfriar... Se é forte? Ah! Se a gente come polenta no café da manhã talvez até não almoce." (Carla, Família 11)

Outro acompanhamento que é usado para o café das nove é o bolo de chapa. Este depoimento também fala sobre o pão disponível na venda.

"A gente bota farinha de milho e de trigo, água, açúcar, e se tem erva doce, canela. Se tem bota o fermento. Mistura tudo, bota em cima numa folha de bananeira no fogão. É melhor que esses pão de venda. Esses pão são tão ruim, são velho! A Eva compra só de sexta à sexta. E um pão daqueles não dá aqui em casa, tem de ser dois..." (Magda, Fam. 10)

Muitos moradores aproveitam a hora que vão vender o produto da pesca na Freguesia para comprar pão na padaria que existe lá, trazendo o produto fresco para o café das nove. Do mesmo modo as crianças que vão à aula à tarde, trazem-no quando retornam. Esse pão é apreciado.

O almoço, ou "janta" é a principal refeição do dia. É tomada geralmente com toda a família reunida, e segue passos específicos, como: o primeiro a se servir é o dono da casa, após este os mais velhos, ou visitas, os filhos, e por último a dona-da-casa. Esta refeição é composta principalmente pelo feijão e a farinha de mandioca misturados constituindo o "pirão", o peixe preparado de diversas formas ou, na falta deste, a galinha, carne, lingüiça, ou ovo, e às vezes o que chamam "verdura" principalmente repolho, e o macarrão e/ou arroz. Uma descrição de uma refeição pode ajudar a compreender melhor a dinâmica da "janta".

"A dona-da-casa me serve siris num prato. São enormes os maiores que já vi. Ela diz que eu coma à vontade, estão de fato muito bons. Os filhos menores (3 anos e 5 anos) olham e pedem uma guerrinha. A mãe dá; o pai quebra para a filha menor que come com gosto. O pai diz que deixem a Maria comer porque eles comem todo o dia e eu não. A dona-da-casa serve o almoço para mim e para marido: feijão passado no liquidificador para o pirão, arroz, macarrão, repolho refogado e galinha ensopada com batatas. O gosto da comida é bom; aparece bem o gosto do pimentão e do cominho. O macarrão é do fininho, todo quebrado, acho que ela quebrou para

cozinhar. Tem molho na massa, um molho que parece ser o da galinha; pela cor tem massa de tomate ou colorau. O repolho refogado ela chama de repolho frito, tem pimenta, tomate e cebola cortados em pequenos pedaços, parece que está nadando no azeite; apesar disto está gostoso. A galinha é cortada em pequenos pedaços, e refogada com batata e molho, também está boa. O marido senta-se na mesa, ela coloca feijão no seu prato, enche até a 1.<sup>a</sup> borda. Ele bota farinha e mistura tudo para ficar pirão. Depois de comer um pouco, põe no mesmo prato todos os outros tipos de comida. Agora o prato ficou cheio até a borda, e ele parte para o "ataque". Ela me serve do mesmo modo. Ela e ele dizem que eu me sirva à vontade, pois tem mais comida nas panelas. Enquanto eu e o marido almoçamos, a mulher faz os sucos, nos serve e serve almoço aos dois filhos menores, que sentam no chão para almoçar. A menina só quis macarrão e galinhã. O menino quis pirão e macarrão. Ela (esposa) diz que irá almoçar depois, quando os outros dois filhos voltarem da escola. O ambiente é calmo, não parece haver conflito. As crianças não comem nada, deixam o prato quase cheio, a mãe explica que eles comeram fruta antes do almoço, por isto não estão com fome; mas não insiste nem briga com eles. O marido diz que tem que se apressar, senão vai perder a lancha, ele diz para mim que fique à vontade, e desculpe ele não poder ficar para conversar. Eu digo que não tem importância. A mulher enche uma bacia com água, coloca um sabonete dentro, ele pega a escova com pasta, escova os dentes e lava as mãos e a boca com o sabonete. Isto tudo na mesma cozinha onde estamos almoçando, e na mesma pia, uma vez que na casa não tem banheiro.

Depois que o marido se despede e sai, ela senta na mesa (que tem lugar para três pessoas) e serve seu prato igual ao do marido e almoça comigo. Ela diz à filha que pegue uma laranja para comer. A menina traz. Ela parte a laranja em quatro com casca e a

menina come. Esqueci de dizer que o marido também comeu uma laranja de sobremesa.

Chega a filha mais velha (9 anos) que estava no colégio. A mãe serve a menina, ela amoça bem, diz que está com fome porque a merenda foi ruim. Eu pergunto o que era a merenda. Ela diz que era sopa, estava ruim porque tinha muita verdura, e ela não gosta de verdura.

Logo após almoçar a menina ajuda a mãe a secar a louça, que a mãe lava.

Chega o outro filho deles, um menino com 10 anos, que também estava no colégio. A irmã aquece a comida para ele.

Ao ler esta descrição é preciso que seja ressaltado que esta refeição é comum no que se refere à dinâmica, não quanto aos alimentos, estes são especiais pela presença de um elemento estranho, a pesquisadora. Quando há visitas, os alimentos tendem a ser mais elaborados que o normal.

#### Saúde e Doença

O aspecto saúde para os moradores da Costa da Lagoa está intrinsecamente ligado a outros aspectos da sua vida cotidiana. Trabalho ou atividades, alimentação, relações interpessoais, idade e saúde são os aspectos norteadores de sua vida. Um depoimento de uma das mulheres, a mulher da família 8 diz algo sobre esta integração:

"Eu vô levando, com a graça de Deus. Sábado mesmo eu fui na casa da minha irmã, e o meu cunhado tava falando nisso. Ele disse: 'Não sei como a B. pode sê assim, tão alegre, tão satisfeita... Trabalha que sô vendo, e doente, tem um monte de filho prá criã, e vê sô como ela tá... vermelha, satisfeita...' Eu disse prá ele assim: Claro que eu tô satisfeita! Posso trabalhã, posso cuidã dos meus

*filho, é verdade que eu sô doente, mais com a graça de Deus não tanto que não posso fazê as coisa. E depois, trabalhã é a alegria do pobre." (Ângela, família 8)*

*"O dinheiro vai todo prá cumida. A cumida é a saúde, é o que eu penso." (Leonço, Fam. 2)*

A separação do aspecto saúde é artificial, entretanto optamos por destacá-lo aqui, por entendermos que sua descrição facilitará a compreensão do todo da vida desta população. Por outro lado, os conceitos de saúde, a avaliação do estado de saúde, os tipos de doença e os tratamentos usuais nesta população são consideravelmente diferentes dos adotados ou recomendados pelo sistema formal de saúde, do qual fazemos parte. Compreender a forma como é pensada e praticada a saúde nesta e em outras populações poderá auxiliar a melhor dirigir programas específicos respeitando suas crenças e obtendo resultados mais expressivos.

Para cada idade a população adota parâmetros de atividade, alimentação, relações e auto-avaliação que são utilizados para as definições de saúde e doença em sua vida cotidiana. As faixas etárias são um pouco diferentes das que costumamos adotar, nos serviços tradicionais de saúde. São elas:

a) Nenê: desde o nascimento até o início da marcha independente.

*"Prá mim é nenê até que começa a engatinhã, quando anda não é mais nenê." (Márcia, Família 6)*

*"Nenê é até começã a andã." (Ana, Fam. 2)*

b) Rapaz pequeno: a expressão é usada para os dois sexos. Refere-se à idade imediatamente após a anterior, aproximadamente um ano, até o início da idade em que a criança começa a exercer alguma atividade, agora dividida por sexo: as meninas ajudar a mãe nas tarefas domésticas, o menino ajudar o pai com a pesca. Alguns

falam no limite superior desta fase em sete anos, outros até dez anos. De toda a forma, nesta idade a principal característica é a não exigência de atividades produtivas. É a idade das brincadeiras.

"Rapaz pequeno é até 10 ano." (Mara, Família 2)

c) Moças ou raparigas e Moços ou rapazes

São duas nomenclaturas para cada sexo, usadas indistintamente, referindo-se à idade do início da puberdade, e no nível social, ao início do trabalho, estendendo-se até o casamento ou, para os homens, a independência dos pais. Esta é a mais indefinida das faixas etárias em termos numéricos, as pessoas quando solicitadas a dizer a que idade correspondia, davam informações do tipo: "É como a fulana ou como o fulano". Para as mulheres o termo "moça" refere-se ainda à virgindade. Falando das relações sexuais antes do casamento, uma moradora dá sua visão em que está claro o uso da palavra neste sentido:

"As mãe não falam nada desse assunto com as filha, dizem que não é assunto pra moça direita sabê..." (R, 18 anos)

d) Mulher e Homem

São as pessoas adultas, geralmente casadas; o termo mulher é usado para aquelas após o casamento, mesmo que tenham pouca idade. Homem são adultos tanto casados como solteiros, desde que economicamente ativos. Parece ser também importante o fato de morar com os pais; enquanto moram juntos são rapazes, e após saírem são homens, como sugere a seguinte expressão:

"A V. é assim, D. Maria. Ela que determina o que os filho faz, até os filho home casado e ela que determina. Isso não tá certo, a se-

*nhora não acha? Se eles são rapaz solteiro e mora com sua mãe, tá certo, mais se já são home casado não."* (Cândido, Família 1)

e) Velho ou velha

O conceito de terceira idade para os respondentes refere-se ao decréscimo da capacidade para o trabalho.

*"Os velho são os que não pode trabalhã mais."*  
(Graça, Família 6)

*"O velho agora nada faz, já fez muito na sua vida. A velha também acabou-se seu prazo."*  
(Neusa, Família 1)

.Conceitos de saúde, doenças e tratamentos para cada faixa etária

- Nenê

Quando solicitados a dizer como é um nenê com saúde e doente, as respondentes usam as expressões seguintes:

*"Nenê com saúde ele brinca, come, faz brincadeira; e quando tá doente fica murcho, não come, tem febre."* (Suzana, Família 6)

*"Nenê sadio é divertidinho, alegrinho, come, não tem fastio, brinca, se diverte; com seis meis pega a engatinhã... Nenê doente geme, tem fastio, chora, não tem nada que agrade, nem água, nem comida."* (Berenice, Família 1)

Observa-se nestas definições que há uniformidade quanto aos sinais indicativos de saúde e doença: a atividade, o desenvolvimento psicomotor, o apetite, e a presença de sinais como gemência e febre. Estes sinais são observados pelos adultos, sem a intermediação do sistema formal de saúde, é a própria família que avalia a situação de seus nenês.

Falando de sua neta, o avô da família 1 dá outros indicadores de nenê que recuperou a saúde:

... "ela tã melhorzinha, com a graça de Deus, já dorme toda a noite, que ela não dormia, tã bonitinha, gordinha, as perninha chega a tẽ ruguinha... ela tã se acertando com o leite, ela tã fazendo cocô bem direitinho, que antes ela tava presa..." (Lúcia, Família 1)

Na expressão acima nota-se a comparação da situação atual do bebê com a anterior. É a avaliação comparativa da saúde tendo como parâmetro a própria criança anteriormente. Desta forma são avaliados também os tratamentos a que submetem os nenês.

Com relação às doenças relatadas que afetam esta faixa etária, são principalmente aquelas que modificam os sinais de saúde acima citados:

"Ela morreu com 5 mês. Deu vômito, ela não gozava a comida, aĩ teve febre alta, e foi, foi até que morreu." (Carolina, Família 12)

"...porque elas passavam a noite toda com febre." (Abílio, Família 12)

"Apareceu doença na boquinha dela, empolinha, ela não pega bem na mamadeira." (Mercedes, Família 11)

"Ela tinha uma tosse que não passava por nada." (Lúcia, família 11)

"Criou pustema nas perninha do nenê." (Olívia, Família 1)

Existe uma doença chamada 'arca caída', que é bastante difundida nesta população. Trata-se de uma doença específica para os nenês. Uma avó dá sua explicação bastante ilustrativa:

"Esta doença dá quando a gente segura a criança assim por debaixo dos braço. Estas arquinha que a gente tem aqui (costelas) saem do lugar e caem prá baixo... aĩ a criança fica com dor, vomita, tem fastio, dá froxura, e vai descaindo." (Carmem, Família 1)

Esta doença é especial, pois só pode ser tratada por benzedeira. Em muitas crianças é identificada esta doença, os sinais

são os seguintes:

"...arca caída é quando cai estas arquinha aqui lá da criança. Aí a criança fica com diarreia, vômito e não tem paradeiro (...).pega o cotovelinho do nenê e encosta assim no joelho do outro lado. Se encosta a criança não tá com arca caída; se não encosta, tá." (Dulce, Família 12)

O tratamento para arca caída é específico: tem de ser benzedura.

"A gente tem de acreditã em tudo, Maria. Sabe, quando a O. (filha) era pequena, tinha uns oito mês deu uma doença nela que era só vômito, diarreia e febre. Ela vomitava que era uma coisa, toda a hora, toda a hora. Eu levei ela acho que foi umas três veiz no doutor, e cada remédio que eles dava só piorava. Aí eu resolví levã ela prá benzê numa benzedeira lá da Lagoa. A benzedeira viu ela e disse que era arca caída. A senhora conhece arca caída?... Pois é, os médico não conhece. A benzedeira disse que iava tudo inchado aqui lá nela e já ia começã a cruzã as arquinha. Isso era na quinta-feira; ela disse que se eu não levasse ela, no domingo eu enterrava ela." (Amanda, Família 2)

"A gente não pode levã a criança no médico senão ele diz que é pontada e trata prá pontada, que afronta a arca caída. A gente benze muito de arca caída. Tem que benzê três veiz." (Francisca, Família 8)

"Eu não sei benzê não... eu sei que ela puxa o ladinho da criança assim e enfaixa prá arquinha, í pro lugar, mais as palavra eu não sei." (Raquel, Família 1)

Observa-se que esta doença tem sua etiologia, diagnóstico, tratamento eletivo e evolução bem definidos, situados à margem do sistema formal de saúde. Inclusive, para os moradores, o diagnóstico e tratamento médico piora o quadro e é errôneo; os médicos não conhecem a arca caída. Há uma avaliação do sistema formal de saúde, comparativamente com as benzedadeiras, sendo depreciativa para aquele.

Outra doença que afeta os nenês é a bruxa, ou bruxura. É

um problema não mais eminentemente de causa física, como o anterior, mas de causa sobrenatural. É menos difundido que a arca caída, porém também é causa de preocupação para muitas mães moradoras da Costa da Lagoa:

"Agora o meu netinho pequeno tá tão doentinho! Ele tá com bruxa, é feiticeira que faz mal pra criança. Ela (mãe) disse que ele não dormia de noite, ficava andando pela casa com os olhinho pra cima e não queria comê nada. Aí ela achô que era bruxa porque a mais velhinha dela já teve." (Laura, Família 11)

"Bruxura... é bruxa que entra pelo buraco da fechadura de noite e chupa o sangue dos anjinho pelo céu da boca aqui lá neles. A criança vai descaindo, descaindo, e se a mãe não leva pra benzê a criança morre. Essa bruxa não é gente viva, é como um espírito. A outra filhinha dela teve bruxura e quase morreu, ela não sabia." (Iva, Família 1)

Observa-se nos dois relatos, da avô e da bisavô da mesma criança, que a causa sobrenatural tem reflexos na saúde da criança com relação à alimentação ("não queria comê nada", "descaindo"), e com relação a atividade (não dormia a noite).

O diagnóstico é comparativo com outra criança, no caso a irmã, e o prognóstico não é bom ("quase morreu, ela não sabia") quando não tratada convenientemente.

O tratamento da bruxura também é específico. É feito por benzedeira. É necessário que a benzedeira tenha competência, que saiba benzer este tipo de doença.

"...então ela tá levando numa benzedeira da lagoa que é muito boa pra benzê bruxa. Essa a gente tem de benzê nove veiz." (Laura, Família 11)

Afora os tratamentos específicos para as doenças acima citadas, a arca caída e a bruxura, os moradores costumam procurar tratamento nos postos de saúde local e da Freguesia da Lagoa, na

farmácia ali localizada, no Hospital Infantil de Florianópolis, ou ainda utilizar chás e benzeduras domésticas, bastante difundidas. Cada situação exige um tipo de tratamento, escolhido entre os demais. Caso o tratamento escolhido não se revele eficiente, é mudado para outro sucessivamente, até que encontrem um eficiente.

"Eu levei ela aqui no posto, levei ela no hospital infantil no R. (farmácia) até que eu levei ela no Dr. na Lagoa, que acerta muito com ela." (Rosângela, Família 11)

"A senhora pode não acreditá, mais a gente tem de fazê tudo pelos filho. A senhora tá vendo que não é doença de médico, senão ele tinha curado." (Júlia, Família 1)

"Do tombo resultô que ele não andô quando chegô a hora. Eu corri este mundo de Deus atrás de tratamento, benzedor, tudo. Uns me ensinaram a passã escuma de siri nas juntinha dele, outros me mandaram passã banha de porco. Nada adiantô." (Mariana, Família 5)

"Ontem ela parecia mortinha, mais nós levamo ela no Hospital Infantil e ela já tá mais melhor." (Sofia, Família 2)

Em relação aos procedimentos preventivos para os nenês, a vacinação é um hábito adquirido mais recentemente.

"Nenhum dos meus filho é vacinado, não tinha vacina. Hoje tá tudo diferente, não é como quando eu me criei." (Lígia, Família 5, 46 anos)

"A gente vê na televisão como a vacina faz bem prá criança. Quando não tinha o posto a gente levava no Departamento prá vaciná. As minha já tomaram todas as vacina." (Conceição Família 4, 35 anos)

As mães, as principais responsáveis pelos cuidados dos pequenos tomam certos cuidados para que estes não adoçam, como explica a mãe da família 5.

"Se a criança tá na cama não levã ela prá rua, não dá certos tipo de comida que eles não tão acostumado desde pequeno. E também outras coisa, não deixã urinado, não deixã

sujo, não deixā botā as coisa na mão porque podia levā prā boca..." (Lígia, Família 5)

### Rapaz pequeno

Definindo o que é rapaz pequeno com saúde e doente, os respondentes utilizam expressões como:

"Quando tem saúde brincam, dançam, farreiam, fazem de tudo... sō não comem pedra eles. Quando tão doente vão prā cama, não comem, tem gripe, dor de cabeça..." (Silvia, Família 6)

"Quando sã sadio fala, chama, brinca, a vida deles é brincã." (Marília, Família 2)

"Quando é sadio logo se vê... brinça, pula, corre, dá risada. Quando tã num canto, parada, logo se sabe que não tã bem. Quando tem saúde ela também come bem, e quando tã doente não quē comê." (Margarida, Família 13)

Aqui, como na faixa etária anterior, a atividade e a alimentação são os indicadores utilizados para avaliação do estado de saúde dos "rapaz pequeno". Os principais problemas ou doenças nesta faixa etária são: a magreza.

"Ele tã tão magrinho, Maria! Ele tã com menos quilo que o D. (irmão menor) ele tã magrinho demais." Diz que feijão com arroz sustenta, mais ele sō come feijão com arroz e tã magrinho desse jeito. (Marília, Família, 2)

"às veiz eu penso que ela é magra assim por causa dos cabelo. Diz que quem tem os cabelo comprido e que nunca cortô, os cabelo chama o sangue prā raiz e não deixa ele circulā pelo corpo." (Regina, Família 4)

### Os vermes

"Eles tem vermes desta qualidade bem pequeninha que morrem com o ar, logo depois que eles faz cocô. Quē vê é no dia da força da lua o que essas criança passa mal por causa dos vermes; a força da lua é quando a lua é, quando é mesmo cheia, ou nova, que é a que tem mais força. Nesses dia os bicho dentro

deles fica louco." (Pedro, Família 4)

"Ela tem vermes, tadinha... a gente conhece que a criança tem vermes por umas mancha branca que dá na pele, e ela tá cheia daquelas mancha." (Solange, Família 5)

### .Acidentes

"Duas criança tinham parece três ou quatro anos, e viram o pai de um matã um porco, um porco deles. Daí foram brincã, o maiorzinho pegô o menor, amarrô as mão e os pē, tacô al cool e tacô fogo." (Emília, Família 5).

"a última vez que eu levei ela no médico foi quando ela quebrô o braço, uma vez o esquerdo e outra o direito..." (Sônia, Família 4)

"...ê queimado, eu tava com o fogo aceso ali no lado da casa, quando eu vi ele já tinha botado o pezinho." (Terezinha, Família 2)

### .Situações agudas

"O M. tá com ataque de bronquite. Eu deitei prá descansã depois do almoço e ele fugiu e foi tomã banho na praia. Agora tá cansado e com febre." (Marieta, Família 2)

"Eu já tive disintrataçã. Tinha vômito e diarrêia. Eu fiquei na cama, aí a mãe me levô no hospital. Eles me deram prá tomã uma coisa vermelha, mais é ruim, é um gosto doce e azedo." (B, 10 anos)

### .Situações crônicas

"O M. não tá bem. Tá com dor de dente, fastio, não come nada, tá magrinho." (Zilda, Família 2)

### .Doenças sobrenaturais

"Eu fui lá numa benzedeira do ITACORIBI. Ela disse que o mesmo espírito que tá no M (filho) tá passando prá D (filho). Eu já vim mesmo que a D. tá diferente. Ela tá teimosa, briga com os otro. Olha, quando eu tô assim na pia e ela quē uma coisa, ela empurra e se eu não saio ela me morde. Olha aqui!" (Gilda, Família 2)

### .Doenças comuns

"Eu vi que ela se coçava muito, nas perna, na barriga, no peito... ele disse que era sarna." (Leonilda, Família 5)

"Hoje mesmo eu tirei um bicho-de-pê da R. (filha). Diz que é dos cachorro e gato. As criança vão brincar no porão que é onde os cachorro e gato dos vizinho dormem." (Adélia, Família 4)

### .Problemas dentários

Os dentes decíduos da grande maioria das crianças tem sérios problemas de cáries, aliás comuns desde esta idade até a velhice. As crianças não tem hábito da escovação regular, apenas algumas que frequentam a pré-escola utilizam a escovação após a merenda. As dores de dente são comuns, porém são mais referidas na próxima faixa etária. Quando cai um dente decíduo as crianças o jogam por cima da casa até que fique preso no telhado, e dizem este versinho:

"São João, São João,  
Leva este dente podre  
E me dá um são."

### .Tratamentos

Em relação aos tratamentos, os locais procurados são os mesmos da idade anterior, com introdução dos tratamentos alternativos como a homeopatia, como relata esta mãe:

"Ela é uma criança muito sã, nunca teve doença... Eu sempre trato ela com a homeopatia, eu consigo na farmácia, digo o que ela tem e eles dão os remédio. Ela nunca pôs remédio de médico na boca." (Clotilde, 32 anos)

### .Outros tratamentos, recomendados por benzedeiças:

"A mulher disse que era um espírito que tava nele. Disse que era pra eu dá uma vela, mandá rezá uma missa e dá uma mesa de inocente. Mesa de inocente é assim, a gente faz comida e dá pra sete criança com menos de sete ano."

O espírito que tã no M. sô quis cafê, então ou fiz." (Sandra, Família 2)

Os cuidados preventivos referem-se prioritariamente à prevenção de acidentes:

"A senhora sabe, eu brigo com eles prã eles não brincã com faca, com fogo, brigo com a mulhẽ prã ela não deixã o cabo das panela assim virado prã fora prã não acontecê nada de ruim. Eu tenho pensão e'os meu filho. Eles são criança, não conhece os perigo." (Paulo, Família 2)

"Tem coisa, Maria, que a gente não deve de fazê na frente das criança. A gente não deve de fazê nada que não quẽ que as criança faça." (Iracema, Família 5)

#### .Moços ou rapazes e moças ou raparigas

Em relação aos conceitõs de saúde e doença aparece o seguinte para esta faixa etária:

"... brincam, se divertem, vão ao baile, brincam com as colega, tomam banho na praia e nã empresa, vão à escola, namoram, ajudam a mãe no serviço da casa, os rapaz ajudam o pai a remendã a rede. Quando tão doente não quẽ brincã, ficam em casa, ficam triste, chorando, vão prã casa, chamam as colega prã brincã na cama." (M., 13 anos)

"Moça quando tem saúde faz trabalho de mulher, não sente nada." (Sônia, Família 2)

"O moço sai na canoa mata camarão, vai prã redinha. Quando o moço ou a moça tão doente arreclamam de dor de cabeça, aí a mãe faz chã, leva no médico." (Artur, Família 1)

Nestes conceitos já aparece a descrição dos sintomas pela própria pessoa, como "arreclamam de dor de cabeça"; "não quẽ brincã"; "não sente nada". Parece ser o início da vida adulta, a ser vista a seguir, quando a avaliação da saúde é feita principalmente pelo próprio indivíduo, porém ainda sem a responsabilidade do tratamento, indicada pela expressão: "aí a mãe faz chã, leva no

médico."

As atividades descritas como pertencentes a pessoas sadias nesta idade são mescladas, as produtivas ("mata camarão", e "faz o trabalho de mulher") ao lado daquelas de lazer ("brincam, vão ao baile, namoram"). O rapaz ou rapariga com saúde deve então ter seus momentos de trabalho e lazer.

Os problemas de saúde relatados nesta faixa etária são:

#### .Os acidentes

"Uma vez um vizinho ali de baixo... tava arrumando o motor da lancha e a hélice andô e machucô toda a perna dele." (Antônia, entrevista informal)

"Antes disto ele quebrô o queixo, e eu nem soube. Soldou-se sozinho. Outra vez bateu o joelho numa pedra e teve de levã pontos. Não há quem possa com a vida dele." (Telma, Família 1).

#### .A gripe

"Ah, olha sô minha menina, tadinha! tã com febre. Hoje eu inda perguntei se ela tinha passado batom, de tão brilhante que tava a boca. E os olho? caído! É tudo da gripe. A gripe dã é do vento sul e da chuva." (Valquiria, Família 1)

"Canseira"

Eu tenho canseira de vez em quando. Eu tenho de ficã deitada, a mãe não deixa eu levanta." (A, 11 anos)

"O outro terminô a quarta série e foi uns dia na Lagoa. Logo no primeiro dia ele se atrasô e perdeu a lancha, ai teve de vir a pé, chegô aqui cansado e molhado, pois tava chovendo. Ele sofre de bronquite, como a senhora Sabe." (Valquiria, Família 1)

Observa-se nas duas doenças anteriores, a gripe e a canseira, a presença de condições climáticas como causadoras do mal. Para algumas situações de doença esta é uma constante. Vamos notar

na próxima faixa etária, que está também ligada à recaída das mulheres no pós-parto.

Outro problema muito apontado para os moços nesta fase é a maconha. Como apontado anteriormente no setor relativo ao lazer, é dito que nos bailes os rapazes fazem largo uso deste tóxico. Os pais e avós, por seu lado, apontam este costume como causa de problemas de saúde:

*"A senhora quē sabē porque tã dando essas doença tudo? É por causa desses veneno que anda por aĩ, essas maconha, essas coisa."*  
(Érica, Família 12)

Segundo depoimento de uma moça, o uso da maconha é um problema dos rapazes:

*"É, tem alguns quē fumam... Eles trabalham, Maria, eles pescam camarão e então tem o seu dinheiro... prá comprã, (eles conseguem) da Lagoa, dos rapaz de lá. Alguns dos maior tão passando prá Cocaína também. Eles botam na bebida. Eles ficam assim valente, parece que a pessoa fica feliz. Eu não fumo, mais uns amigo meu fumam e eu já vi."* (R, 18 anos)

Em relação aos tratamentos desta faixa etária não são diferentes das demais. Para o problema da maconha não é referido nenhum tratamento, apenas os conselhos dos mais velhos, e os cuidados com as moças e moços menores.

O aspecto preventivo é pouco enfatizado para moços e moças. Os cuidados para não ficar doentes restringem-se a não tomar frio ou chuva, nem expor-se vento sul.

#### .Homem e mulher

Em relação ao conceito de saúde, esta faixa etária, é dividida claramente por sexo. Nota-se o predomínio do item atividade

de: o trabalho de casa para as mulheres, e a pesca para os homens.

Dentro dos conceitos destaca-se o "sentir" do indivíduo. A avaliação do próprio estado comparativamente com o estado anterior é um parâmetro importante. É a própria pessoa, quem tem a maior responsabilidade em dizer se está com saúde ou doente.

"A mulher quando tem saúde faz a volta da casa, a sua renda. Alguma é empregada, sai e vai. Mais aqui na Costa mulher casada não é empregada. Quando a mulher é doente arreclama de dor de cabeça, sente dor no estômago, na barriga." (Otília, Família 1)

"Uma mulher que tem saúde trabalha, faz o seu serviço, a não se que seja preguiçosa e mandriana. Quando é doente não tem disposição pra fazer o seu serviço, não tem apetite, sente que o corpo já não é mais o mesmo de antes." (Ieci, Família 13)

"O home que tem saúde trabalha, pesca... quando tá doente ele só que durmi." (Clarice, Família 7)

"Homem com saúde não vai ao médico, vai trabalhã, a veiz passa quatro a cinco meis que não vem a casa quando tá pescando. Vai ao bar, mais não sai de casa, quando é solteiro namora no caminho com as moça. Homem doente doi isso, doi aquilo... é como o S... (marido). O S. tá sempre doente." (Denise, Família 2)

As doenças ou problemas referidos são muitos. Optamos por agrupá-los segundo as semelhanças, relatando juntamente com o tratamento, imaginando que esta apresentação facilitará a compreensão dos relatos.

### .Recaída

É uma doença própria do puerpério. É doença grave, pode levar a morte.

"E a gente não pode facilitar com a recaída. Eu sei o que é isto. A senhora sabe, D. Maria, a mulher que teve família tem que ter muito cuidado com o que faz, com o que come,

senão pode morrê e nem sabe porque..." (Otilia, Família 1)

#### .As causas da recaída

"Porque eu vi defunto, e diz que não presta vê defunto quando a gente tã de resguardo. Outra coisa que dã recaída certa é o vento sul." (Loiva, Família 6)

"Toda a carne fria não presta a mulhê comê: paca, marreco, pato, gambã, tatu, camarão, si ri, nada disso pode comê. Pato, camarão e si ri atê seis meis, o resto atê um ano." (Otilia, Família 1)

"Como eu ia dizendo, no resguardo a mulher não pode pegã vento sul, senão dã recaída nela. Eu mesma-tive duas vez recaída. Eu quase morrã. Eu tinha tido família. fazia três dia. Quando eu voltei tinha muita ropa prã lavã, e fui ã fonte. Bateu o rebojão e eu não vi..." (Clarice, Família 7)

#### .Os sintomas são os seguintes

"O sangue parô e subiu prã cabeça. Deu-me uma dor de cabeça, uma febre..." (Clarice, Família 7)

"Nem queira saber: dã um frio, dor nas costa, dor de cabeça, fastio, dor por dentro..." (Loiva, Família 6)

"Ela foi ã cidade. Ela piorô da doença e desceu. Ela tava bem doente, parece que foi uma recaída ou outra coisa assim... dor de cabeça, tonteira..." (Celina, 4, mulher)

#### .Para não ter a recaída

"A mulhê tem que fazê resguardo. Prã machinho são quarenta dia, prã feminha trinta. A gente não pode lavã a cabeça, nem pegã vento nem frio. Tomã banho só do corpo prã baixo". (Loiva, Família 6)

"Quando a mulhê tem família tem de ficã de resguardo, nê?: Ah, não pode pegã vento. Não se lava a cabeça por trinta dia se o filho for mulhê e por 40 se for home... Não sei, deve di sê porque o menino é mais forte..." (Marina, Família 9)

"É, avô e a mãe que entendem dessas coisa cuidam da minha comida, não deixam eu pegã vento, nem frio, nem lavã roupa na umidade..." (Ieda, Família 1).

Quanto ao tratamento da recaída, são poucos os dados. Parece que o tratamento não é da recaída em si, mas de seus sintomas.

"Eu não fiz nada, eles é que foram na farmácia, compraram remédio e me deram..." (Loiva, Família 6)

### .Nervos

É doença bastante comum, de grande incidência tanto em homens quanto em mulheres. Apresenta graduações de intensidade, desde uma simples alteração sem maior significado até a "doença da loucura". Vejamos como se manifestam os moradores ilustrando estas variações:

"Eu ando nervoso, tô com problema nos nervo... Assim, ando nervoso, brigo com a mulher, com as criança... Qualquer barulho que elas faz eu já me estoro, brigo..." (Marco, Família 4)

"Não tô muito boa, tô com uma dor de cabeça que não passa. Eu acho que é dos nervo que eu tenho..." (Irene, Família 4)

"Ele tem a doença da loucura, já faz dez ano que ele tem esse problema. Desde deu um ataca nele, e ele começô a botã escuma pela boca, aã pegô a piorã..." (Hilda, Família 7)

### .Os sintomas dos nervos

"Dor de cabeça, e depois me dã uma tremura, eu fico com raiva de tudo, brigo..." (Gladis,, Família 4)

"eu peguei a sentã falta de ar. Parecia que eu ia assufocã, me dava um aperto aqui (peito) e eu não podia tomã ar..." (Georgina, 18 anos, grãvida)

"Quando me dá a crise eu fico toda inchada, fico co'as mãos roxa e torcida, fico cansada, a vista preteia. Aí eu desmaio e só fico boa depois de arrota (vomitar)..." (Eneida, Família 8)

"Ele é muito brabo, ruim, c/os irmão, eu não posso com ele. Se ele fica atacado é capaz de dá em todos nós. A gente não pode contrariá ele." (Eda, Família 7)

"A O. não tá tomando mais o remédio dos nervo que ela tomava, e daí ela fica assim falando, falando sem pará e eles não aguentam." (Celi, Família 3)

Não há referência à causa dos nervos. O tratamento é dependente do grau de gravidade. No caso da "doença de loucura" é difícil e tem várias etapas.

"Nós já andemo por tudo isso aí com ele. Nos médico, nos benzedor, na macumba... Ele teve internado no hospital São José três mês. Depois ele ficô tomando remédio sempre, sempre. Ele não pode ficá sem tomá o remédio um dia senão dá o ataque de novo. Depois que ele entrô prá igreja dos crente melhorô 10 por cento (Angelina, Família 7)

Quando é simples, pode ser tratado com chás caseiros:

"eu tenho de tomá um chá de capim-limão, aquela moita lá. Depois já fico boa." (Almerinda Família 1).

Ou uma simples mudança de atividade:

"É por isso que eu fico aqui, fazendo rede..." (Plínio, Família 4)

Ou ainda, com medicação de farmácia:

"Se sofro! Sofro muito! Mais o remédio acabou e agora eu não tenho dinheiro prá comprá mais porque a M. não me dá." (Dejanira, Família 3)

### Velho e velha

Conceituando velho ou velha nota-se que é esperado que nesta idade as pessoas apresentem algum problema de saúde, porém permanece a necessidade de desempenharem alguma atividade, adequada à idade, para que sejam considerados sadios.

"Eu não conheço nenhum velho sadio. Quando ele não é muito doente, ele trabalha, en- cherga, anda, ele não se arreia de velho. Eles têm dor, reumatismo, mocotô inchado, dor nas perna, e nos joelho mais mesmo assim eles pica lenha, faz uns trabalhinho assim... não pode é pescã, fazê tudo o que fazia quando era moça." (Carmem, Família 6)

"Velho sadio é quando tem disposição prá tra- balhã, não é cansado, faz o seu serviço. O velho e a velha são doente quando eles não pode trabalhã, dependem dos outro." (Casta- rina, Família 13)

"Velho que tem saúde é assim como o pai. O pai tem 66 ano mais tem saúde. À vez sente zipra, de treis em treis ou de quatro em quatro meis, mais tem saúde, gosta de traba- lhã... O velho com saúde cuida do gado, plan- ta cebola, alho, feijão, é alegre, anda li- geiro, é trabalhador. Velho doente sofre de asma, é preocupado com os neto, assim como a..." (Alzira, Família 2)

Dentre as doenças desta idade podemos destacar duas que, embora não sejam exclusivas, isto é, apareçam também em outras faixas etárias, são bastante frequentes aqui. É o caso da zipra e da coluna.

### .Zipra

A zipra guarda semelhança com a arca caída dos bebês com relação ao tratamento eletivo. Trata-se de uma doença que não pode ser tratada por medicamentos, especialmente injeção. A zipra é te- mida por ser doença grave, que se não convenientemente tratada po- de levar a pessoa à morte.

A zipra tem sintomatologia própria, que é a seguinte:

"A zipra é uma doença muito ruim que dá nas pessoa. Dá um inchaço, dá calor por dentro." (Entrevista informal, mulher)

"eu passei tão mal, uma dor de cabeça, uma febre. Onte eu passei o dia deitada, não co- mi nada, nada..." (Neusa, Família 3)

As causas da zipra são principalmente feridas ou erupções de pele que "arruinam", levando ao agravamento do quadro.

"Me saiu uma empola preta na mão e deu zipra. Eu não sei o que é, nunca tive empola preta." (Mercedes, Família 3)

"Primeiro criou uma pustema numa perninha Inchô, inchô, abriu uma boca e saiu um pouco de pus, mais não saiu todo. Ela pegou a não querê comê, foi ficando vermelho ali, saiu outro do outro lado." (Genoveva, Família 7)

"Ano passado também deu essa coceira nela que virou zipra. Foi assim: eu vi que ela tava com coceira nas perninha mais achei que não era nada... Quando eu voltei ela tava chorando e não podia firmã a perninha. Eu achei que tava quebrada. Então eu vi que a perninha tava inchada e benzê prá zipra." (Letícia, Família 4)

"Já me deu a zipra nesta perna aqui. Foi uma vez que eu achei que tava com bicho-de-pê, aí pedi prá M. Ela pegou uma agulha, mexeu e disse que não era. No dia seguinte eu levantei com tudo inchado nesta perna desde aqui (debaixo do joelho). Aí eu vi que era zipra." (Artur, Família 1)

"Dá onde a pessoa tem ferida. No braço, na cabeça..." (Entrevista informal)

### .Zipra, zipela e zipelão

"...A zipra vira zipela e depois zipelão. O zipelão é muito ruim, a pessoa pode morrer. No zipelão a perna fica empolada e vermelha. Dá língua na virilha, tanto na zipra, a zipela é o zipelão." (Entrevista informal)

"O médico que me tratou disse que já era zipelão porque já tava toda empolada." (Artur, Família 1)

O tratamento da zipra é caseiro, somado à benzedura. Porém nos casos graves costumam procurar o recurso de saúde formal:

"Se a pessoa tem zipra ela toma azeite doce com água morna ou café azedo com cachaça e benze. Aí sara." (Entrevista informal)

"Então eu tomei água morna com azeite doce, depois tomei café azedo com cachaça, mais

nada adiantô, aĩ eu fui na cidade, no hospital." (Artur, Família 1)

"A mãe benzeu, deu azeite doce com água que é o remédio prá zipra... Aĩ eu achei que era demais e levei no hospital." (Entrevista informal)

"Fui no posto, eles me deram um comprimido, o C. queria me dá uma injeção. Eu não dei." (Mercedes, Família 3)

..."dei prá ela azeite doce com água... é esse azeite de cozinha. Aĩ eu vi que ela não melhorava então levei ela no Hospital Infantil." (Letícia, Família 4)

### Situações e procedimentos que agravam a zipra

"O... , faz uns três ano, machucô o dedo do pé jogando bola e a professora mandô ele lavar o pé na lagoa. Deu zipra nele e ele morreu." (Letícia, Família 4)

"Mais o que é isto, Marreco? Injeção com zipra? Vais morrê, ein?" (Mercedes, Família 3)

"A pessoa com zipra não pode ir de cá pro campo... porque piora." (Entrevista informal)

"Os médico não conhecem a zipra. Inda bem que este sabia porque se eles tratam pro têtano, com injeção, o doente morre." (Letícia, Família 4)

"No hospital diz que não sabem o que é a zipra. Lá chamam o têtano, mais não é a mesma coisa. Aqui nós tratemo de zipra, zipela e zipelão." (Entrevista informal)

Observa-se novamente aqui, a semelhança da doença arcaica caída, que os respondentes consideram que o sistema formal de saúde, representado pelo profissional médico não conhece a zipra, e quando aparece um caso, é tratado para outra coisa, no caso o têtano.

### Reumatismo

Com alta incidência nesta faixa etária também aparecem os problemas de coluna e o reumatismo, às vezes referidos como "dor nas costas", "dor nas juntas", ou simplesmente "coluna". Optamos por reunir estas em uma só classificação, por entendermos que, pa-

ra a população estão todos reunidos desta forma, são por assim dizer, sintomas de uma mesma doença, ou facetas do mesmo mal; o reumatismo causado pela idade. São sintomas deste problema:

"prã puxã esta perna, que tō que não me aguento de dor, é o reumatismo." (Artur, Fam. 1)

"...bem minha filha, sō as perna que às vez fica boba, mais isto é do reumatismo, é da idade..." (Marta, Família 13)

"Eu atē saī prã pescã mais quando tava lã no campo de deu-me uma dor nas costas que eu não guentei, tive de voltã prã casa..." (Hugo, Família 10)

"...eu tō doente. D. Maria. É uma dor nas junta que não me dã sossego. Passa duma junta prã outra e a veiz não me deixa fazê o serviço direito. As junta incha a veiz é nos pē, depois passa pros joelho, pros cotovelo... É coisa mais triste..." (Manoela, Fam. 10)

"Eu não tō bem de saúde. Tenho uma dor nas costa, não sei se é coluna ou rins! Eu trabalho um pouco na casa e tenho que me sentã senão não aguento..." (Paulina, Família 12)

"Eu tō com uma dor neste braço que é demais. Dói-me aqui em cima e passa prã todo o braço, quē vê é de noite, como dói." (Ida, Família 7)

"Agora tō bem a vista do que tive, mais eu tive mal, Maria... É a coluna. Na semana passada... eu comecei a senti dor nas costa. Eu deixei, pensei que ia passã mais não passō, foi piorando, piorando atē que eu não podia mais aguentã... Eu não podia me alevantã sozinha, não podia me abaixã prã fazê o meu serviço..." (Francisca, Família 4.1)

O tratamento para o reumatismo depende principalmente da gravidade do quadro, vai de um simples posicionamento que diminua a dor até tratamentos com especialistas, médicos ou não. Vejamos alguns dos tratamentos utilizados:

"aī eu disse pro marido: 'eu vō logo na cidade antes que isto piore, porque passã sozinho não vai e eu não tō podendo trabalhã'. Aī sábado eu fui no Hospital Universitário. O médico me examinô e disse que eu tinha de ficã em repouso não podia fazê nada, tinha de ficã deitada e me deu umas injeção prã

tomã uma por dia." (Edith, Família 4)

A mesma pessoa, após o tratamento descrito acima procurou outra opção para a solução de seu problema, descrita abaixo:

"Eu fui num home lã do mercado que bota a coluna no lugar, e fiquei boa até agora. É um home muito bom. Ele mede os braço da gente prã vê o que tem. Ele bota os braço da gente prã tras assim... e depois aperta a gente prã coluna i pro lugar. Ele segura a gente por trás e puxa os ombro com os braço." (Edith, Família 4)

"O que a gente pode fazê, minha filha?. A veiz eu tomo chã, mais não adianta. Quando eu me lavo, eu esfrego assim com água quente e parece que melhora. Remédio eu não tomo, porque não posso comprã e ai no posto não tem remédio prã rosmatismo." (Neusa, Fam. 13)

"De noite quando tã doendo muito em boto ele embaixo do travesseiro assim e deito em cima. É o que me faz durmã. Parece que o braço fica tolo e assim não dói." (Vilma, Família 7)

"...ele até deitô no chã prã vê se dava uma aliviada, mais nada. Eu puxei um pouco com álcool, mais não melhorô muito." (Helena, Família 10)

### Conclusão

A descrição do aspecto saúde, como é visto pela população da Costa da Lagoa nos leva a algumas considerações.

Em primeiro lugar, podemos observar que há grande uniformidade na classificação das doenças por faixa etária. Os moradores compartilham os mesmos conhecimentos sobre os vários problemas de saúde que afetam cada idade, o mesmo acontecendo com as causas, e os tratamentos. Para atuar na saúde desta população é imprescindível que o profissional tenha conhecimento desta classificação sob pena de agir dicotamizado da realidade.

A seguir, observa-se que a população julga o sistema for-

mal de saúde segundo seus próprios parâmetros, baseando-se principalmente na capacidade de resolução dos problemas de saúde. Não são receptores passivos das ações de saúde, mas antes, são observadores seletivos destas ações, as quais aceitam ou rejeitam segundo a opinião que desenvolvem. As opiniões que formam são compartilhadas com os demais, de forma que se estabelece uma imagem do serviço formal de saúde.

O posto de saúde da vila, hospitais de Florianópolis e outros serviços formais são opções, dentre muitas outras, a que os moradores seletivamente recorrem, de acordo com o que conhecem sobre o problema que se apresenta. Bastante ilustrativo é o caso de doenças desconhecidas por estes serviços, como a arca caída, a bruxura e a zipra, onde o tratamento a ser seguido não pode ser o tradicionalmente prescrito pelos médicos, sob pena de piora do quadro. Por último é importante ressaltar novamente a integração da saúde com outros aspectos de sua vida, o trabalho, a alimentação e as relações sociais posicionando os conceitos de saúde bastante próximos àquele preconizado pela Organização Mundial de Saúde, ainda em vigor.

#### 4.2 - Rede social

Para identificar as redes sociais das famílias respondentes neste trabalho tentamos inicialmente analisar nas diversas situações identificadas nas quais pessoas fora da família tiveram de alguma forma interferência. Logo surgiu dificuldade na identificação da família pois, como veremos a seguir, não há limite claro entre este grupo e o restante da população, embora hajam critérios que indiquem quem faz parte da família.

Por isto neste item, relativo à rede social, descreveremos primeiro as famílias da Costa da Lagoa, enfocando o que é família, sua formação, as características da família como tamanho, relações do casal, relações dos pais e filhos e relações entre irmãos.

A seguir nos dedicaremos à descrição das relações interpessoais, com considerações gerais sobre os relacionamentos, os problemas nas relações interpessoais, as relações pessoais especiais, o ficar só ou ser sozinha e as relações formais e relações familiares.

## As famílias da Costa da Lagoa

Para os moradores da Costa da Lagoa a palavra família é usada para referir-se aos filhos. Usam-na para substituir o que costumamos, em linguagem corriqueira, chamar "ter filhos", ou seja: a hora do parto, como na expressão seguinte:

*"...mais eu não tive mais notícia se ela já teve família." (Vera, família 11)*

Estendendo mais o uso da palavras, certos moradores usam-na para designar a sua descendência, abrangendo filhos, netos e até bisnetos, como na expressão seguinte, expressando preocupação:

*"Eu choro porque tenho pena da minha família. O A., coitado, aqueles filho prá da de cumê, a B. benza Deus, tão boa moça, a C, coitada, com aquele anjinho, não teve sorte na vida... O que vai sê deles, meu Deus?" (Hortência, Família 1)*

Observa-se que o uso que fazem da palavra família é distinto daquele costumeiramente feito. Nesta população família refere-se principalmente à descendência consangüínea, enquanto costumeiramente incluímos os cônjuges, as ascendentes, e por vezes os colaterais, como tios e primos.

Entretanto, o conceito de família proposto por DUVALL e HILL (ROOGERS, 1964), por ser abrangente engloba o sentido dado pelos moradores. Segundo estes autores, a família é definida como um sistema formado por pessoas em interação entre si, possuindo determinados papéis e posições definidas pela sociedade na qual a família ocupa uma posição especial e própria.

Para este trabalho optamos por considerar uma família como o grupo de pessoas moradoras da mesma casa. Compartilhar o mesmo

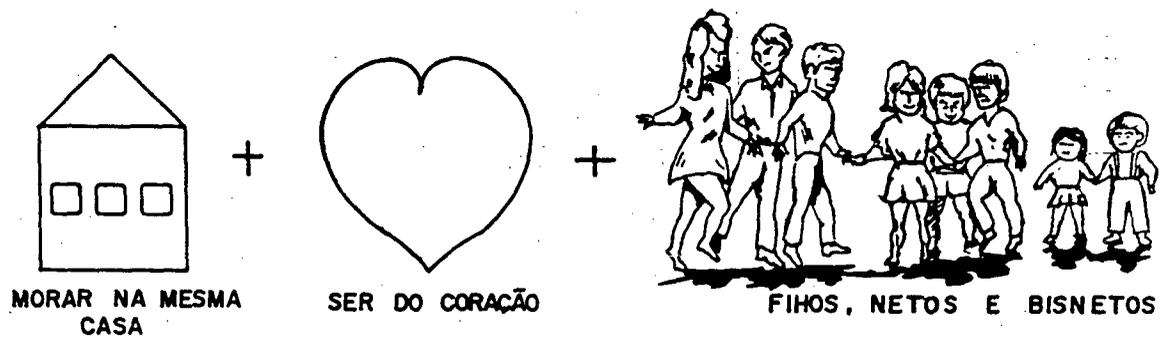


FIGURA Nº IV - O QUE É FAMÍLIA

teto parece ser um dos indicadores de família no sentido comumente usado. Geralmente as pessoas que moram em uma casa são o casal e seus filhos; porém há casos em que os arranjos são diferentes. Como por exemplo, quando os avós criam alguns netos, ou uma tia abriga e sustenta sobrinhos, ou viúvos compartilham sua casa com filhos ou filhas. Há também casos de mulheres que vivem sozinhas viúvas ou solteiras.

As famílias que foram os respondentes deste trabalho, num total de treze, tinham o desenho tradicional, ou seja, o casal e seus filhos em dez e variações deste desenho em três. Esta diferenciação objetivou observar no que esta condição alterava os resultados.

O fato de ter optado por designar uma família como os moradores de uma mesma casa, permitiu observar um outro aspecto importante na definição desta palavra para os respondentes. Considerando-se o universo de parentes de um mesmo indivíduo, existem alguns que, mesmo não morando na mesma casa, são considerados família. São os 'do coração', aqueles com os quais as relações são mais positivas, mais afetuosas; podemos dizer que os parentes do coração são os preferidos aos demais no mesmo grau de parentesco.

*"Eu gosto muito da minha irmã. Ela e o M são os meu irmão do coração." (Amália, Fam. 4)*

*"Parece que sempre as mãe e os pai têm um filho preferido, que gosta mais, não é? Mais eu não tenho filho preferido, eu gosto deles igual, todos são do coração..." (Cacilda, família 11)*

Os parentes "do coração" são também parte da família, mesmo que não morem sob o mesmo teto. As relações com eles são especiais, diferenciando-as das costumeiras com os outros parentes do mesmo grau. Vejamos um exemplo destas relações:

"...a minha irmã deu um mau passo e se separou do marido... Meu pai, minha mãe e os irmãos não queriam sabê dela, 'aquela puta' diziam. Mais eu não, sempre fiquei do lado dela, sempre apoiei ela, ia visitá ela..."  
(Leonor, Família 4)

"A L. diz que eu não gosto dela, que eu só gosto da D. porque eu vô visitá ela, eu levo coisa prá ela..." (Núbia, Família 11)

Podemos dizer, portanto, que família para os respondentes, refere-se à descendência, ou seja: os filhos, às vezes incluindo também netos e bisnetos. Também pode referir-se aos moradores aparentados de uma mesma casa, incluindo-se ainda algumas pessoas que, embora não morem juntas, são consideradas especiais por serem parentes "do coração".

#### .A formação da família

Existe uma "idade de casar", tanto para os homens quanto para as mulheres. É em torno dos dezessete anos para as mulheres e vinte anos para os homens. Acima desta idade particularmente as mulheres terão alguma dificuldade para casar, por considerarem que passou do tempo.

A moça é considerada pronta para casar quando, ao atingir a idade, tiver a sua "caixa", isto é, o enxoval que deve levar ao casar.

"Caixa é os preparo da moça prá casá. Acho que dizem assim porque antigamente botava-se numas caixa grande, que também chamavam mala. Botam de tudo que a moça precisa, toalha de mesa, e banho, jogo de lençol, colcha, toalha de prato, roupa prá ela, camisola do dia, panela, prato, tigela, talher... tudo. As moça quando foge deve tê tudo isto prá sua casa..." (Janete, Família 5)

Não é indispensável que a rapariga tenha sua caixa completa, porém é esperado que ela tenha alguma coisa. Com o rendimento

de seu trabalho como domésticas ou rendeiras as moças vão comprando progressivamente os objetos que necessitam. O mesmo faz a mãe, a madrinha, avô, tia, ou outra figura feminina ligada afetivamente à moça.

Quanto ao rapaz, este é considerado pronto para o casamento ao atingir a idade antes citada, ocasião em que já é capaz de sustentar uma família com o seu trabalho. Alguns moços já tem sua casa construída antes do casamento, porém não são a totalidade, já que construir sua casa e mobiliá-la convenientemente, sendo caro, exige seu deslocamento para a safra de pesca em sucessivas vezes. Construir uma casa e mobiliá-la é responsabilidade do moço, e posteriormente do homem.

Os namorados costumam fugir e posteriormente casarem-se. É uma prática geral, aceita por todos, inclusive pelas famílias de origem do novo casal. Esta prática é usada objetivando evitar os gastos com o casamento formal, tais como igreja, vestimenta, festas e outros. Também é usada quando a moça engravida, ou quando o casamento não é do agrado das famílias do rapaz ou da moça.

Este costume também é denominado "roubar a moça". Geralmente é feito à noite, com a combinação prévia do casal. Os pais de ambos geralmente sabem ou suspeitam que a moça está próxima da fuga. Os namorados podem passar a primeira noite oficialmente juntos em casa de alguma família amiga, seja avós de um dos dois, padrinhos, amigos ou outros, ou ainda, quando não existe esta possibilidade, atravessam para o "campo" de canoa.

Vejamos algumas expressões que confirmam as afirmações acima:

*"O noivo não tem pressa não! Nós não queremos que ela arranje noivo antes de tã tudo pronto. Depois sim, pode namorã e logo casã. A senhora não ouviu dizê que água fervida duas*

vez não presta? É preciso que se aproveite a hora do fogo." (Rute, Família 1)

"Aqui os rapaz constrói a casa antes. Ele comprô os tijolo, depois que terminã de pagã as prestação ele compra as tábua, depois vai comprando até terminã o material, aí faz a casa." (Vanda, Família 11)

"Este quarto já serviu prã muita coisa. Quando a L casô veio prã cá e ficô um tempo, enquanto a casinha dela não ficava pronta; e a N. também morô aqui. As duas neta..." (Iracema, Família 1)

"...Lã um dia ele combinava com a moça de noitinha e aí quando davam pela falta da moça já sabiam que ela tinha fugido. Eles iam prã casa de alguém, de um irmão, de um tio... E se a moça era filha de viúva ã veiz voltavam prã morã com a mãe dela. ã veiz ficavam morando ã favor dos parente. Era assim." (Zuleica, Família 13)

Após a primeira noite passada juntos já são considerados casados. Vão então para a casa do rapz, ou permanecem na casa para a qual fugiram até construírem sua própria casa. Ter sua própria casa é importante para a nova família, considerando os transtornos que morar com outra família pode acarretar.

"...tem que tê nem que seja um terreninho prã botã a sua casinha. Morã a favor dos outro não dã certo, D.Maria. Inda mais assim, quem tã começando a vida." (Inácia, Fam. 1)

"Quando ele robô a moça, não, antes dele robã, eles tavam namorando, e ele veio aqui em casa prã pedi conselho.. Ele tava com idêia de morã com a sogra, mais eu disse: 'com a sogra não dã'... depois ele queria morã com o irmão dela que é lã da praia seca, eu disse que também não dava... Aí eu disse: 'se tu que mesmo casã com a moça avô te dã um terreno prã construí a tua casinha...'" (Deolinda, Família 12)

Hã casos em que o casal que foge são namorados de longa data, outros em que a fuga surpreende os moradores por ser inesperada, isto é, dois que não tinham antes demonstrado maior interesse um pelo outro. A fuga é menos um acontecimento romântico do que um arranjo prático, onde o rapaz consegue uma moça que cuidará de

sua comida, roupá e filhos, e para a moça alguém que a sustente e faça adulta frente aos demais. O interesse emocional também está presente, porém é subordinado ao interesse prático.

"(Mulher) - Aqui os home são assim, D. Maria; a terra nem comeu a mulhê e eles tão com outra dentro de casa.

(Homem) - O home precisa de alguém que cozinhe prá ele, que lave as ropa dele, que cuide da casa... ele não vai fazê isto tudo ... os home novo precisam duma costela prá aquecê eles de noite..." (Família 1)

"Eu casei ainda não tinha dezessete ano. Acontece que eu não morava com a mãe, eu não me acertava com ela; eu morava com uma cunhada, aí não-tava gostando muito e a solução foi casã. Casã não, que a gente aqui não casa, mais fugi com o J. (Rosa, Família 5)

"A C. tem que achã um moço que não seja rico, já que ela é pobrezinha, mais também não pode sê um pê-rapado. Eu queria que ela achasse um moço que fosse bom prá ela, não precisava sê rico, mais que fosse do gosto dela. Tem tanto moço por aí que um há de que rê ela." (Alda, Família 1)

### Características das famílias

#### - Tamanho

Há uma clara redução em termos do número de filhos quando comparamos famílias mais antigas, estas bastante numerosas, com as mais recentes, menores. Nas famílias mais antigas, isto é, casal em torno de cinquenta anos ou mais, o número de filhos raramente baixava de dez, considerando-se o número de crianças nascidas vivas. O casal com menos de cinquenta anos, e particularmente os de menos de trinta apresentam no máximo quatro filhos, sendo a maioria com um ou dois filhos.

"Nós temo catorze filho, mais cinco tão fora, trabalhando..." (Alexandra, Família 10)

"Era de ano e meio em ano e meio, dois filho. Esse aí não me dava folga. Foi tanto que quando terminô os filho, terminô a régua, terminô tudo. Acho que se eu inda ti-

vesse rēgua ainda tava tendo filho até hoje." (Dēbora, Família 1)

O depoimento desta mulher, colhido em entrevista informal, dá uma idéia mais clara da alteração do tamanho das famílias, comparando a família de origem, mais antiga, com as atuais, a sua própria e de seus irmãos:

"Nós somo nove. Três filha mulher... e seis irmão, tudo casado. Dos meu sobrinho o que tenho mais é quatro dum pai. Os outro são um, dois ou três. Hoje em dia não dá mais prá tê muito filho, é difícil sustentã família grande, e depois tem a pílula, que é fácil." (Mulher, entrevista informal)

O número menor de filhos é conseguido principalmente pelo uso da pílula anticoncepcional, método que foi difundido entre esta população recentemente. O uso da pílula, que é denominado "baguinha" é largamente difundido entre as mulheres. É considerada uma coisa altamente positiva pelas mulheres. Alguns homens, principalmente os mais velhos, entretanto, não aprovam seu uso.

"Naquele tempo... a gente não podia escolhê, era um filho atrás do outro, não tinha as baguinha que tem hoje. Quando um filho tava começando a gatinhá já vinha outro." (Enilda, Família 7)

"Se no meu tempo tivesse a baguinha eu não tinha tudo isso de família. Agora não é assim, não senhora. As mulher tomam baguinha e não tem mais família se não querem." (Dorvalina, Família 1)

"a бага faz muito mal prá mulher, incha elas..." (Horácio, Família 1)

Uma das famílias respondentes, embora das mais antigas, utilizava outro método anticoncepcional, o que os levou a ter um número reduzido de filhos.

"Tivemo três filho, mais sō uma tã viva, a E. A senhora que sabê o que faz mal prá es-

sas mulhê de hoje? É a tal de baga, a pílula. Faz mal, estraga ela por dentro. E depois não precisa disto prá não tê família. Precisa do homem sabê... depende do home. É assim, se ele for controlado na hora ele tira fora e pronto, não faz família. Mais precisa de sabê, que esses home também sô que fazê filho, não quê perdê nada..." (Jeni, Família 12)

Outro método anticoncepcional bastante difundido é a laqueadura tubária, particularmente nas mulheres com número alto de filhos. A idade parece não ter maior importância para a laqueadura.

"Eu tô com trinta e oito. A misturação começou com catorze. E faz onze ano que eu fiz a ligação." (Margarete, Família 8)

#### .Relações do casal

O casamento, considerado após a fuga do casal, é uma instituição estável. Há poucos casos de separação, chamada "desapartação" o casal permanecendo junto durante toda a vida. Nas famílias respondentes desta pesquisa, apenas duas não tiveram esta característica. Uma delas foi refeita com outro parceiro, e a outra permaneceu como uma família sem o homem.

As causas da desapartação são aquelas que impedem que o homem ou a mulher desempenhem suas funções dentro do casamento, ou seja: o homem que não trabalha para sustentar a família, e a mulher que não faz o serviço da casa nem cuida das crianças.

"Ele era separado da mulher, já tinha com ela doze filho, e veio vivê comigo. A gente teve cinco filho junto, mais ele era mau, bebava, não botava nada dentro de casa; brigava comigo... Ele quis ir embora. Eu disse 'se queres ir vai'. Ele foi. Agora tá morando com uma filha dele, do primeiro casamento." (Marlene, Família 6)

"Ele diz que quē voltā prā casa prā vivē com ela, mais ela tem que melhorā um pouco prā podē fazē uma comida, lavā uma ropa..." (Nilza, Família 11)

Situações como violência no casamento causada por qualquer motivo, atividades sexuais fora do casamento (particularmente para os homens) e outras, que em outros lugares poderiam causar a separação do casal, ali não são consideradas motivo para isto.

"A M. esta é outra que é ciumenta! Mais ela tem razão, porque o marido dela tem uma companheira, uma amante... Ele tem até um filho com a outra." (Sueli, Família 1)

"Eu passei muito trabalho com ele, que era muito brabo, mais graças a Nosso Senhor Jesus Cristo nunca passei fome, que ele era um bom pescador. Ele já me bateu muito por causa do ciúme, eu digo isso na frente dele. Hoje não, que já me acabei-me, tô velha. Mais antes... Não passava um mês sem ele me dā uma surra. Até me pisā com os pē ele já me pisō..." (Isaura, Família 1)

Esta característica do casamento influencia a opinião das moças em idade de casar. Em uma entrevista informal, duas moças dão sua opinião negativa sobre os casamentos que conhecem. Possivelmente estas moças já tem sua visão do casamento influenciada pelo mundo que conhecem além da vila, seja por contatos com outras pessoas, ou pela televisão.

"Aqui na Costa tem muito casamento onde a mulhē não pode falā nada, mais eu acho que nenhum devia mandā no outro. Por que não pode conversā e se entendē? Eu acho que deve sē assim..." (L, 17 anos)

"Eu não gosto de casamento onde o home manda na mulhē. A mulhē é que devia mandā no home... Os home daqui são muito machão." (I, 14 anos)

#### Relações dos pais e filhos

As relações entre pais e filhos são bastante intensas.

Elas variam segundo a idade da família, passando pelo sustento, pelo cuidado físico, orientação para a vida adulta, conselhos sobre os mais diversos assuntos, e outros tipos de ações que são esperadas.

Quando os filhos são crianças, nenês ou rapaz pequeno, a responsabilidade dos pais é lhes garantir a sobrevivência através da alimentação e cuidados físicos. A mãe é a principal responsável pelas crianças nestas idades.

"Eu criei todos os meu filho e o dele com muito sacrifício. Ele saía, ia pro Rio Grande e eu ficava sozinha com eles tudo pequeno." (Gislaine, Família 7)

"Naquele tempo eu era muito pobrezinha, não tinha nada de meu, então eu cuidava dos filho dos otro... Depois que eu casei não cuidei mais dos filho dos otro pois tinha os meu pra cuidã..." (Eloã, Família 1)

Os castigos físicos são responsabilidade principalmente dos pais; as mães também os usam, porém elas mesmo consideram os pais mais 'eficientes' neste ponto .

"Eu tenho pena, mais bem que ele merece. O pai é que bate, às veiz; e diz que se eu não domã, eles vão acabã sem nenhum respeito por mim, mais eu não posso. A gente cria os filho com tanto sacrifício, nê D. Maria?" (Dina, Família 8)

"Ele fugiu, o danado. Eu disse que ia contã pro pai dele, e ele não veio nem almoçã de medo que o pai surrasse ele. Mais ele ainda me paga." (Nadir, Família 4)

Na relação dos pais com os filhos aparece a preocupação, denominada "prensão". Esta "prensão" é referida quando as crianças precisam ser deixadas sozinhas, ou quando correm algum risco, e é usada como argumento para protegê-las.

"Esses tempo ele queria que eu fosse passia com as outra mulhê, mais eu não quis. Eu não gosto de deixã as minha filha. Eu não quero saí a viajá com prensão das minha filha..." (Silvana, Família 9)

"O P. tã andando com vocês? Este menino é mesmo assim... À veiz a gente até fica com prensão porque não se sabe com quem ele tã andando. Assim como pode sê gente boa pode sê gente ruim, nê Dona?" (Mulher, entrevista informal)

A relação dos filhos com os pais é principalmente de obediência e respeito. As crianças devem fazer o que os pais dizem, embora isto não aconteça sempre. Uma das formas de demonstrar respeito é pedir a bênção dos pais. Este costume estende-se também para os avós, bisavós e também padrinhos ou madrinhas. É um costume presente em algumas famílias, porém não são todas que o utilizam. Pedir a bênção é iniciado nesta idade e prolonga-se por toda a vida da pessoa.

"... a gente pedia bênção pai, bênção mãe, todo o dia quando levantava e antes de dormir." (Margo, Família 13)

"Eu não tenho vergonha não! Quando a minha família chega e não pede bênção eu digo: E a bênção, ficô em casa dormindo?" (Jussara, Família 1)

Em relação aos filhos moços, os pais tem o cuidado de orientá-los para a vida adulta, seja no casamento ou em atividades que lhes garantam a sobrevivência e independência. É a idade em que os conselhos são bastante utilizados:

"Eu tenho dado muito conselho prá minha menina, D. Maria, se ela não prestã é porque aquilo é dela mesmo, tã na natureza..." (Moema, Família 1)

"O P. tem vinte anos. Eu não queria que ele casasse, é muito moço ainda, mais a guria fi cô grávida e eles vão se casã." (Mintes, Família 7)

A *prensão* e o respeito também estão presentes nas relações pais-filhos nesta idade. O castigo físico é reservado para situações bastante graves.

- "Quem é que sabe onde é que tá a A.? Ela só que orgia, aquela rapariga... Ela saiu depois da janta. Que vê que ela só vai volta de noite? Mais nem batê eu posso, que a mãe não deixa! Quero vê só no que vai dá isso. Mais tarde ela vai se queixá." (Leopoldo, Família 7)

- "Deixa ela prá mim que eu vô dá uns tapa quando ela voltá..." (Morena, Família 7)

Quando os filhos se tornam adultos, geralmente casam-se, constituindo sua própria família. As relações dos pais com os filhos modificam-se então, passando a sofrer influências de outras pessoas, como o marido ou esposa do filho ou filha. Alguns pais continuam a ter grande influência na vida dos filhos, influenciados por serem "do coração". O oposto também é verdadeiro, os filhos, agora adultos tem grande influência na vida dos pais, principalmente no "arrepertir", descrito no próximo capítulo.

"Agora eles tão com as coisa na casa da mãe dela mais a minha filha não que ficá lá não, porque não se dá com a sogra, então ela vai com as três criança prá minha casa." (Clara, Família 7)

"É, ela confia muito em mim, e eu sempre faço o que posso. A V. não sei, parece que não liga a mamãe! O A. é home, não pode fazê muita coisa." (Natália, Família 3)

#### Relações entre irmãos

As relações entre irmãos são menos intensas que as existentes entre pais e filhos. São frequentes as disputas entre os irmãos pela atenção dos pais, e as acusações de preferências por outro irmão. Tal preferência parece existir em praticamente todas as famílias.

"Tem aqueles que a gente gosta mais, que agrada mais como diz a moda; até as mãe tem um filho que gosta mais, mais isto eu não acho certo, porque os outro ficam com ciúme daquele." (Marina, Família 13)

As relações com os irmãos adultos são marcadas principalmente quando convidam alguns para padrinhos dos filhos, situação em que estes passam a ter importância especial. Geralmente são escolhidos os irmãos do coração para compadres.

### .Conclusão

Pode-se concluir que a vida familiar é realmente o núcleo da vida social na vila. Toda a organização é feita em torno da família, em termos de atividades, moradia, religião, educação, recreação, saúde e muitos outros aspectos da vida cotidiana. As relações familiares são bastante intensas e norteiam a forma como o indivíduo se posiciona quanto aqueles aspectos.

Pode-se concluir que para conhecer a população, e assisti-la profissionalmente, é necessário que o enfermeiro conheça a dinâmica e as características das famílias moradoras desta vila.

## Relações interpessoais na Vila da Costa da Lagoa

O primeiro aspecto que chama atenção nas relações interpessoais mantidas pelos residentes é o fato de todos eles se conhecerem. Isto pode ser notado, por exemplo, quando pessoas de fora, não moradoras do local pedem informações sobre algum morador. Logo esta pessoa é informada, caso mereça confiança, não só sobre onde mora, como também outras coisas sobre ele: se está em casa, onde pode ser encontrado, como está de saúde, se há algum acontecimento especial em sua casa como aniversários, doenças, visitas e outros.

Durante a coleta de dados muitas vezes me utilizei deste conhecimento para confirmar as informações à medida que eram coletadas, e para reunir novas informações. As crianças eram boas fontes, sabiam quem era parente de quem, o que esta ou aquela pessoa fazia, onde estava, como era. Quando eu retornava após afastamento de alguns dias, eu sabia o estado de saúde das pessoas mesmo antes de visitá-las, era só falar o nome de alguém e logo vinham as novidades.

Os moradores reconhecem e divulgam este costume. Em uma das primeiras conversas que mantive logo após a chegada na vila uma das moradoras expressou-se desta maneira:

*"A senhora vai gostã daqui. Num estante a senhora conhece todos..."*

O conhecimento entre as pessoas da vila vai mais além de um relacionamento entre vizinhos e parentes; eles sabem tudo da vila uns dos outros, suas características físicas como o corte de cabelo ou emagrecimento, suas condições econômicas, as roupas que tem, sua personalidade. O depoimento a seguir, de uma mulher da vila sobre uma família moradora da outra extremidade dá uma idéia

sobre o conhecimento entre elas.

"Prã mim foi culpa do Olavo, o marido dela. Ela tava doente, com dor nos rins, tava urinando sangue e ele não deixava ela ir no médico, dizia que ela era mandriona mais não era não; era trabaiaquera."  
(Marta, família 8)

Pode-se dizer que todos os habitantes da vila formam uma grande rede social, com relacionamentos em diferentes graus de profundidade. Todos se conhecem, todos se relacionam, todos interagem. Os moradores, conscientes desta característica, comparam a vila com a cidade, no que tange aos relacionamentos. Esta comparação é depreciativa para a cidade, visto que não há profundidade entre os relacionamentos dos vizinhos. A figura número V mostra a comparação como é vista pelos moradores. A seguir, o depoimento de uma pessoa da vila sobre o assunto.

"Não sei, parece que na cidade todo o mundo vive trancado, não se conhecem, não sabe se os vizinho tão em casa... Quando eu vô visitã a minha irmã e ela não tã eu pergunto prã vizinha e ela sempre diz: 'não sei'. Aqui na Costa não é assim, aqui todo o mundo se conhece." (Ângela, família 4)

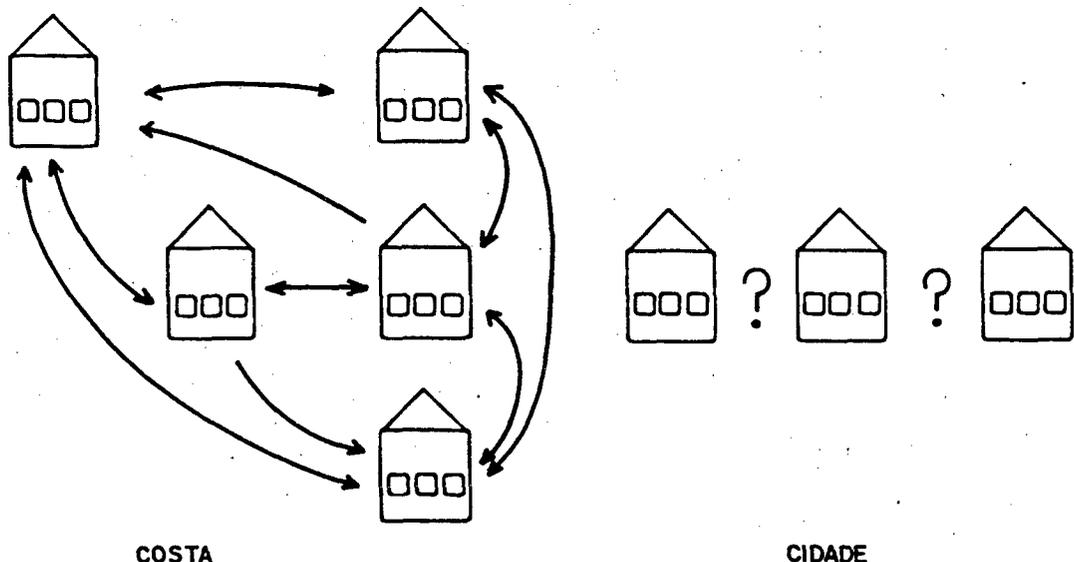


FIGURA V - Comparação dos relacionamentos entre vizinhos na Vila da Costa da Lagoa e na cidade, segundo os respondentes.

Sem ter a pretensão de explicar completamente o fenômeno acima descrito, podemos apontar alguns fatores que podem ter contribuído ao aparecimento do mesmo:

#### .Isolamento Geográfico da Vila

Este fator pode ter feito com que as relações entre os moradores se intensificassem de forma a suprir necessidades mútuas que não tinham outra forma de atender. Muitas vezes pudemos perceber que para os moradores, a vila é o seu mundo, suas referências de vida estão ali e é somente nela que sabem viver.

São frequentes as comparações com "lá fora", os outros lugares, sendo estas comparações quase sempre depreciativas para os outros lugares. Por exemplo, eles dizem frequentemente: "aqui no nosso lugar não tem roubo" ou "aqui se um não tem o outro arreparte", "não tem lugar como a Costa", "por aí não é assim", e outras expressões.

Embora já não se possa dizer que a vila seja hoje tão isolada quanto antes, considerando-se a facilidade de transporte que já existe, o advento dos meios de comunicação, televisão e rádio, e a saída das pessoas para estudo ou trabalho, ainda assim, o isolamento no sentido de ser a principal fonte de relacionamentos persiste ainda.

#### .Parentesco

Em parte devido ao isolamento geográfico, a grande maioria dos jovens forma famílias dentro da própria localidade e nela constrói sua casa. Ao se explorar um pouco mais profundamente as raízes familiares, vimos que a maioria dos habitantes pertencem a quatro grandes famílias. O fato é comentado por todos, até pelas crianças, que fazem brincadeiras com o parentesco, como esse meni-

no de sete anos:

"Maria, o pai do Lúcio é meu cunhado, o que ele é meu? (Digo que é primo). Não! É meu sobrinho, é filho da minha irmã."  
(Pedro, sete anos)

Ainda com relação ao parentesco, como já foi dito anteriormente, uma das características da vila é que, à medida que os filhos vão se casando, as novas famílias constroem suas casas no mesmo terreno de seus pais e avós, aparecendo redutos de diversas casas, todas pertencentes a famílias aparentadas entre si. Sucessivas gerações moram próximas, contribuindo para que todos se conheçam.

#### .Tamanho

Pelo seu tamanho relativamente pequeno, cerca de duzentas casas e mil habitantes, não é difícil que todos eles se conheçam. Embora isto não possa ser apontado como a única causa da intensidade das relações, é de imaginar que, caso o número da população fosse muito superior, seria difícil todos se conhecerem.

Algumas pessoas, especialmente as mais idosas, têm alguma dificuldade de reconhecer as crianças de outras famílias. Isto se deve mais às modificações físicas próprias das crianças e às dificuldades visuais dos idosos. Entretanto, mesmo estas pessoas, quando informadas sobre quem são os pais das crianças, sabem perfeitamente de quem se trata.

#### .Comunicação

A comunicação entre os moradores é muito eficiente. Não há segredos na vila, todos sabem quase imediatamente de um fato novo que aconteça. Este é avaliado geralmente em família, e comentado

a seguir com os demais, de forma que as informações são partilhadas bastante eficientemente.

"O Pedro sorteou agora a cabeça do porco e a irmã dele mora lá em cima. A esta hora ela já sabe que tirou. É assim: se uma pessoa fica doente agora (dezesesseis horas), às seis horas todo o mundo já sabe, já corre lá pra vê se pode fazer alguma coisa. Aqui é assim."  
(Rosana, Família 3)

Algumas pessoas parece que se responsabilizam frente às demais por contar as novidades. São o que se poderia denominar "repórteres", quase sempre rapazes pequenos ou moços que não têm compromisso com atividades domésticas ou de trabalho, o que lhes permite estar nos lugares onde acontecem os fatos, e transmitir as notícias para os demais.

"As meninas da Paula veio aqui me dizer que tu vinhas." (Luciana, Família 4)

Os bares, os ranchos onde guardam material de pesca, a ida ao campo ao entardecer para a pesca do camarão são locais e ocasiões onde os homens recebem e transmitem as informações sobre novidades entre si. Já as mulheres, mais restritas à casa por suas atividades domésticas, costumam conversar durante o tempo gasto com o transporte ao irem às compras, ou em conversas rápidas com as vizinhas no intervalo de seus afazeres.

A comunicação entre os moradores é intensa também no sentido da "fofoca". Muitos moradores se queixam desta característica, que consideram negativa, como nas seguintes expressões:

"Mais a gente daqui é muito fofoqueira, muito faladeira, e podiam inventar coisa. A senhora sabe, inventaram que a Noêmia, do Ricardo tava namorando com o Felício, e até que o filho da Noêmia era filho dele."  
(Jandira, Família 1)

"[...] de maneira que eu não vò na casa de ninguém prã elas também não virem aqui em casa fofocã. A senhora acredita que até inventaram que o meu marido tinha uma amiga, uma amante?" (Neusa, Família 9)

É bastante comum nas conversas o aparecimento de "fofocas". Aliás, comentar alguma coisa que se ouviu é o meio natural de iniciar um diálogo. O comentado pode ser ou não verdade, geralmente são meias-verdades, ou distorções de um fato realmente acontecido. São comuns as divergências entre famílias servirem como assunto das fofocas.

"Eles não são gente. Sabe, Maria, que o filho da Siã Benvinda vasô o olho do Julio? Eles merece sofrê." (Karina, 18 anos)

"A mais fofoqueira é a Antônia, a irmã dele. A família dele não quê que ele case com ela. Essa Antônia, quem conheceu ela, andava com todo o mundo... Até meu marido diz que quantas vez teve com ela embaixo duma canoa virada. E agora tã lã, uma cidadona de respeito. Tem cinco filho, e o marido sabia tudo quando casô com ela; e ainda fala da minha neta." (Luiza, Família 1)

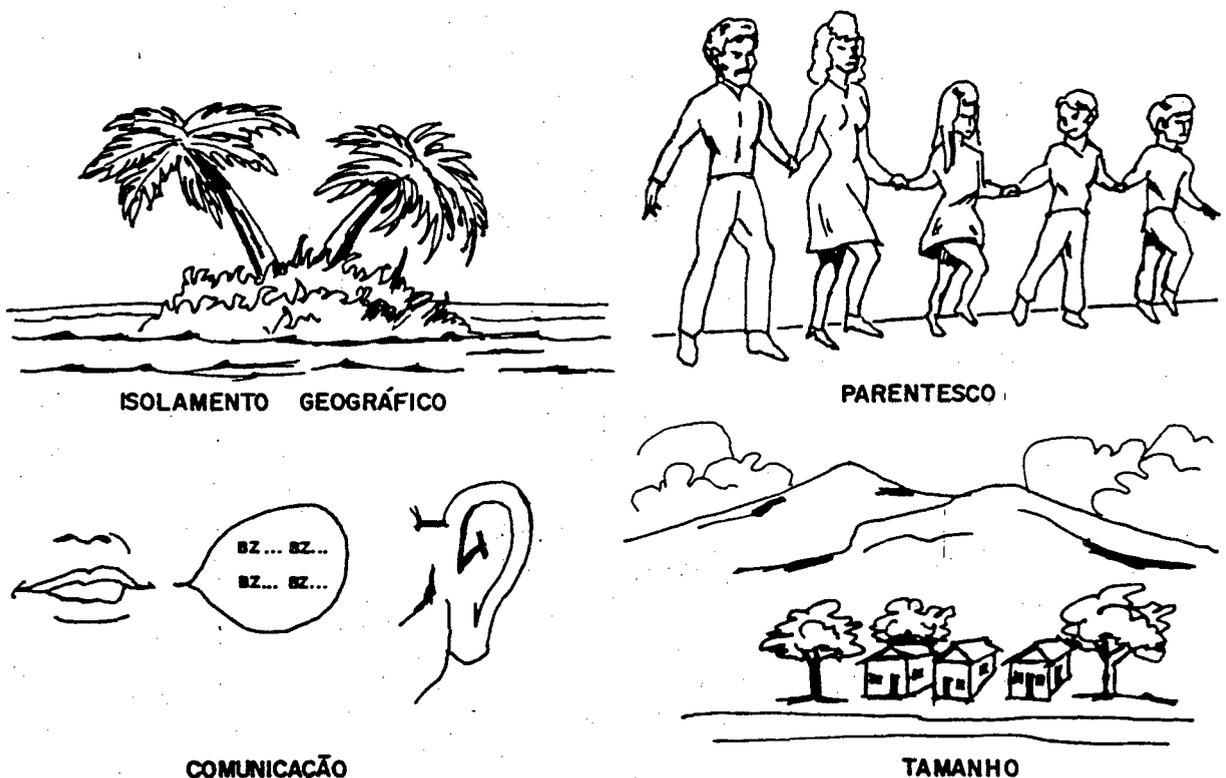


FIGURA VI - Causas da intensidade nos relacionamentos, segundo os respondentes.

## Problemas nas relações interpessoais

O conhecimento profundo que as pessoas têm uma das outras, a maioria das vezes leva à formação de relacionamentos positivos entre os moradores da vila. Em alguns casos, porém, quando as pessoas por algum motivo brigam, ele contribui para torná-las mais opostas umas às outras.

Quando há na Costa algum problema que se transforma em briga, as pessoas passam a não se falar mais, e o termo "não falo com" é usado para significar rompimento definitivo ou temporário das relações com alguém. Neste caso as pessoas envolvidas se ignoram totalmente: não se falam, não se cumprimentam, não se olham. O fato das pessoas não se falarem é conhecido e respeitado pelos demais, normalmente não são feitas tentativas para reconciliação.

*"(...) aqui na Costa tem muita falação e muita gente que não fala c'os seus vizinho, c'os seus parente (...) o pessoal daqui é muito apaixonado, ficam de mal uns com os outro, não se falam mais a vida inteira."*

(Nara, Família 1)

Algumas pessoas utilizam também a expressão "não me dou com" com o mesmo significado de "não falo com", como pode ser visto na expressão seguinte:

*"Agora eles tã com as coisa na casa da mãe dele, mais a minha filha não quē ficã lá não, porque não se dá com a sogra, então ela vai com as criança prá minha casa."*

(Clara, Família 7)

Os motivos da briga são quase sempre derivados da convivência: ciúmes, falar mal da pessoa ou desavenças nas atividades produtivas como a pesca. Quase sempre são as mulheres que não falam com outras mulheres; alguns homens não falam com algumas mulheres, mas raramente tal acontece entre os homens. Quando há de-

sentendimentos entre dois homens, eles freqüentemente partem para lutas corporais. A seguir, exemplos de problemas de relacionamento entre pessoas do sexo feminino, entre sexo masculino e feminino e entre pessoas do sexo masculino.

"Eu não me dô com as minhas duas irmã mais velha, depois de mim. Eu acho que elas têm inveja de mim porque eu tenho muito amigo e porque a tia me dá muito presente."

(Marilda, 19 anos)

"O José é muito ciumento, sabe? Até das nora ele tem ciúme. Um dia eles tavam tudo junto, bebendo e brincando, e o José disse que a nora gostava do Pedro. Ela ficou braba e des' desse dia eles não falam um com o outro."

(Luiza, Família 1)

"Sabe o Carlos, marido da Sílvia? Sabe que ele e o Paulo brigaram? É que o Paulo fez uma ramada lá em frente de casa, que tava dando bastante peixe, e o Carlos tava vindo aqui matã, de tarrafa. Esse não é o nosso costume não, aqui quem quê faz a sua ramada(...) Até que o Paulo não guentô mais, pegô, foi lá e deu nele com uma cana. Foi batendo nece, com uma cana, até um pedaço." (Tânia, Família 4)

Numa mesma família, no sentido anteriormente descrito como sendo o utilizado por esta população, raramente acontecem desentendimentos que cheguem ao ponto de não se falar. Entretanto são comuns entre os parentes mais afastados: sogra e nora, cunhados, primos, e outros. Um exemplo é a descrição desta avó sobre os conselhos que forneceu ao neto antes do casamento.

"(...) ele tava com idêia de morã com a sogra, mais eu disse: com a sogra não dá (...) depois éle queria morã com o irmão dela que é lá da Praia Seca, eu disse que também não dava. Se fosse com uma irmã dela podia sê, mais com irmão não dá certo. A senhora sabe como é, tia. Os home sai prá pescaria e fica as duas cunhada; se não irmã é mais fácil porque irmã briga mais não dura. E se não são nada uma da outra... dá confusão."

(Irma, Família 12)

Em situações especiais a barreira do "não falar" pode ser rompida. Quando uma das pessoas envolvidas, ou alguém da sua famí-

lia adoece gravemente, acidenta-se ou precisa muito de ajuda, a outra pessoa pode ir em auxílio, e é mesmo esperado que o faça, independente de estar brigada. Passada a situação especial as pessoas voltam a não se falar.

"Eu tava acendendo o fogo prá cozinhar os siris, e ouvi aquela gritaria. No começo eu não dei bola, achei que era coisa de criança mesmo. Depois eu vi que aquilo não parava e perguntei prá ela o que era. Ela não fala comigo, mais nessas hora... né Maria?"  
(Carmem, Família 4)

Caso uma pessoa de determinada família brigue ou deixe de falar com uma outra, os membros das duas famílias envolvidas poderão ou não acompanhar a briga. O mais comum é não acontecer isto, os demais membros continuam o mesmo relacionamento de antes.

"Logo depois ele brigou com a Ernestina, não fala mais com ela des'daquele dia. A Ernestina é braba mesmo, sabe como é? Mais eu e a neta sabemo levã ela." (Luiza, Família 1)

Algumas pessoas são conhecidas por serem "briguentas", isto é, brigam com muitas outras. Já outras, ao contrário, são as "mansinhas", que se dão bem com todas ou a maioria das pessoas. Elas consideram que isto depende do "feitio" ou natureza da pessoa. As pessoas "briguentas" são também citadas como "aquilo não é gente" ou "raça ruim". Geralmente consideram determinada família com esta característica, porém pode haver diferenças de natureza dentro da mesma família.

"Ele tá muito aborrecido, D. Maria. É por causa dessa raça aí da Rosa; que raça ruim essa da minha filha... Eu não, senhora, com a graça de Deus sai bem mansinha, se me fazem uma desfeita eu não ligo, faço que não aconteceu nada." (Luiza, Família 1)

## .Relações pessoais especiais

Embora possamos dizer que há um relacionamento profundo, com conhecimento mútuo de todos os moradores desta vila, há algumas pessoas que mantêm entre si relacionamentos especiais. São aquelas com as quais os contatos são mais intensos, mais frequentes e, como poderemos ver adiante, que "arrepartem" mais frequentemente.

Estas pessoas são geralmente importantes para toda a família, mantendo relacionamentos mais intensos com a totalidade ou a maioria de seus membros.

Os relacionamentos mais importantes são aqueles mantidos com os compadres, os colegas, e os vizinhos. Esta classificação não é exclusiva, pois muitas vezes as pessoas ocupam mais de uma dessas posições. Entretanto, descreveremos separadamente cada uma delas, visando a melhor compreensão.

## .Compadres e comadres

São as pessoas escolhidas para batizar os filhos. Geralmente a escolha recai sobre pessoas que têm algum laço de parentesco com um dos pais da criança, como irmãos, primos, avós ou outros. Também podem ser escolhidos amigos do casal ou de um deles, colegas de trabalho ou vizinhos, desde que tenham bom relacionamento. Eis alguns exemplos:

"(a madrinha dela) é a minha irmã que mora lá na Praia Seca(...) Da Eduarda é o home que compra o peixe do marido. Ele convidô porque eles se dão muito bem. O do Luiz é o irmão dele (marido)." (Cléia, Família 4)

"O primeiro que eu cuidei foi o filho da Alzira. Eu e ela se gostava. Depois eu batizei a criança." (Aida, família 6)

Uma família é exceção à esta regra, e escolhe de forma diferente os compadres e comadres. Ela tem razões para isto, como podemos notar a seguir:

"Eu escolhia os padrinho dos meus filho na hora do batizado. Quem tivesse lá eu convidava. Ele (marido) não gostava de padre, dizia que era 'home de vestido' (...) Aí eu saia e convidava quem tivesse ali pra batizã a criança. Eles ficavam assim, não sei, parecia assustado, mais também ficavam contente. Eu não gosto do jeito que fazem aqui, que convidam os padrinho logo depois que a criança nasce. Se acontece alguma coisa..."  
(Clotilde, Família 6)

Uma outra moradora fornece uma graduação de valores na escolha dos padrinhos, que torna clara a importância da afeição, o que chamam "gostar de", na escolha dos padrinhos.

"Mais os compadre e as comadre (...) eu penso que vale mais quando um estranho convida a gente pra batizã do que um parente. Porque um estranho se que a gente pra compadre é porque tem amor a gente, gosta da gente de verdade. Um parente pode sê mais por obrigação." (Fernanda, Família 13)

O papel dos padrinhos e madrinhas em relação aos afilhados é bastante definido. Eles devem arrearpartir com os afilhados, e caso necessário devem criã-los, no caso de morte dos pais ou extrema pobreza da família.

"Eu tive muita sorte, todos eles foram muito bom. Vinham me visitã sempre e traziam alguma coisa pros afilhado. Até hoje dão pra eles roupa, dinheiro, arrearpartem com eles no Natal, sempre trazem uma coisinha."  
(Roberta, Família 6)

"Logo depois o pai dela morreu e a mãe não tinha como cirã as criança, então ela. foi pra cidade e a mãe pegô ela pra criã porque era madrinha dela." (Beatriz, Família 12)

Os afilhados, por sua vez, tem algumas obrigações com os padrinhos, como o respeito, traduzido pela bênção, e a visita oca-

sional.

"Eles vem às vez me vê, pedem benção, porque uma madrinha é como uma mãe, eles devem respeito. Se eu digo uma coisa, eles ouve. Ela pode dá conselho a seu afilhado porque uma madrinha sempre quê o bem de seu afilhado. Ele pode até não fazê o que ela tá 'dizendo, mais deve ouvi." (Leonir, família 13)

A relação dos compadres e comadres com a família é geralmente uma extensão de relações anteriores existentes. O fato de convidar alguém para batizar um filho apenas reforça os laços previamente existentes entre dois casais ou entre o casal e determinada pessoa.

#### .Colegas - Amigos

São chamados colegas ou amigos aquelas pessoas que se relacionam em nível de amizade com alguém. Os colegas são relações mantidas geralmente a nível individual, e não familiar. Isto significa que a pessoa pode ser colega de apenas um dos membros da família, e não ser dos demais. Entretanto é raro que não fale com alguém desta família.

Tanto homens quanto mulheres têm este tipo de relação com pessoas do mesmo sexo. Não foi observada a amizade entre sexos diferentes, provavelmente devido ao ciúme, presente entre casais de namorados ou marido e mulher. Em algumas situações relatadas a palavra "amiga" é usada para designar o que comumente é denominado "amante" ou seja: uma relação extra-conjugal.

"Coisa triste o home que tem amiga(...)  
Assim como a Zilda, aquela que mora ali na  
Ponta da Areia. O marido botô tudo fora com  
as amiga. Diz que ele tem até família com a  
outra." (Araci, Família 12)

Entretanto, o uso acima descrito é exceção à regra, a palavra é mais comumente usada para designar amizade. As mulheres amigas geralmente são chamadas de "colegas", enquanto que os homens são tratados por "companheiros".

"(as filhas) tão por aí com as colega. Tá certo moça tem que namorã prá escolhê o marido." (Arlete, Figura, 8)

"O Pedro escolheu um companheiro de pescaria lá do Rio Grande." (Filomena, Figura 4)

Os companheiros e colegas compartilham os momentos de lazer e trabalho, conversas, visitas e outros. São as atividades nas quais a pessoa é, por assim dizer, uma pessoa momentaneamente desvinculada da família.

"A Nelci é uma moça, uma colega minha. Ela vem aqui em casa a veiz, ela é muito boazinha." (Nair, família 12)

"À veiz eu sinto falta de uma amiga, uma colega prá conversã; mais não, tenho as minhas filha prá tomã conta, e meu marido, tá bom assim." (Célia, família 6)

### Vizinhos

Quando falam nos vizinhos, os respondentes quase sempre estão se referindo àquelas pessoas que moram bastante próximas, e que não são parentes. Quando há laços de parentesco eles dizem "minha sogra ali", ou "a cunhada que mora ao lado", ou "meu irmão ali de baixo". Ser vizinho sem ser parente é uma situação de exceção, já que os grupamentos de casas tendem a ser pertencentes a um mesmo ramo familiar. Frequentemente também, os vizinhos são também colegas ou companheiros, e tornam-se compadres.

As relações entre famílias vizinhas são bastante variadas. Algumas são positivas, outras bastante negativas, porém nunca há indiferença ou desconhecimento. Quando as relações são positivas as

famílias arrepartem e valem-se mutuamente, dando o suporte social de forma intensa. Quando são negativas não se falam, não se visitam, não se cumprimentam. Vejamos exemplos de situações que envolvem vizinhos:

"Na semana passada eu carreguei umas lenha lã da praia tã aqui em casa... eu fiquei com uma dor nas perna que lhe digo (...). Ainda bem que as vizinha me ajudaram a trazê, se não eu tinha deixado a lenha lã que não ia dá de trazê." (Marília, família 13)

"(...) (matam o peixe) prá comê também; agora não vendem pros vizinho não, sabe? Ora, porque tem medo que botem mau olhado nas caixa do peixe. Se uma pessoa bota mau olhado na caixa de peixe do outro, aquele não pega mais peixe." (Maia, família 1)

Os vizinhos que não são moradores permanentes da vila, como os donos de casas de veraneio, não fazem parte da rede social das famílias, e portanto são mantidos como que à parte das relações. É esperado que seus costumes sejam diferentes, com eles raramente as ações de suporte podem ser observadas.

### Ser sô - ficar sózinha

Em algumas oportunidades, apesar da grande interação existente na vila, algumas pessoas sentem-se sôs. Estas pessoas são em sua totalidade mulheres, constatação que talvez se deva ao fato de não fazerem parte do grupo de respondentes homens viúvos ou solteiros, cujo correspondente feminino é onde mais aparece o ser sô ou ficar sozinha.

Estas duas expressões são diferentes no seu significado. Ser sô significa uma condição duradoura, na qual a solidão é permanente. Refere-se à situação na qual as mulheres moram sozinhas, sem companhia, como as idosas cujos filhos já saíram de casa para formarem suas próprias famílias, viúvas e solteiras sem filhos.

"É que eu tenho pouca roupa prá lavã. Sou só, meus filho tão tudo casado."  
(Siã Célia)

Estar sozinha refere-se a uma situação temporária, possível de ser remediada. Como a que as mulheres recém-casadas enfrentam quando seus movidos vão pescar no Rio Grande, ou de viúvas que costumam passar temporadas nas casas dos filhos, ou que chamam alguém para lhes fazer companhia. Também se refere ao sentimento de algumas mulheres que sentem falta de companhia adulta, principalmente de outras mulheres, as "colegas".

"Ela é boa prá mim. A minha sogra quē que eu vā dormi com ela toda a noite prá eu não ficā sozinha." (Heloisa)

"Sō eu fico muito sozinha aqui(...) A Geneveva vem toda a noite dormi comigo. Aquela moça, sabe?" (Paulina)

Ser sō ou ficar sozinha são condições negativas, não desejadas por ninguém, e causa pena nas pessoas. Um morador demonstra preocupação com a pesquisadora por ficar sozinha:

"Se precisar de alguma coisa, em caso de doença... apareça lã em casa prá conversã... É tão triste ficā sozinha." (Cândido, Fam. 1)

A principal preocupação das pessoas que são sōs ou que ficam sozinhas é quanto à noite, ocasião em que uma possível doença poderá não receber assistência.

"Eu vō mesmo porque tenho medo de durmī sō e meus vizinho moram assim longe, e se me dā alguma coisa, se eu fico doente, não dā prá chamã." (Heloisa)

"Eu tenho muito medo de me dā uma doença de noite que eu não possa chamã os vizinho prá me acudí." (Paulina)

Ser sô ou ficar sozinha é uma condição excepcional. São poucas as moradoras que referem esta situação. Entretanto é uma condição marcante na vida destas pessoas visto que as torna substancialmente diferentes das demais.

A identificação da solidão como uma situação negativa e de ameaça reforça a idéia da importância dada pelos respondentes às ligações com os demais. Pode-se deduzir que apesar das possíveis ligações negativas, como é o caso do "não falar com", o contato com os outros é sempre preferível ao ficar sozinha ou ao ser só.

## Relações formais e relações familiares

Há uma hierarquia nas relações interpessoais mantidas por esta população, em termos de importância. As de maior importância, as mais valorizadas são as relações mantidas entre a rede social/família. É com estas pessoas que arrepartem, e são estas que valem em situações especiais. Entretanto, não são somente estas as relações mantidas. Como a vila não é auto-suficiente, os moradores dependem de outras pessoas para serviços, informações e demais aspectos necessários. As relações mantidas para atendimento destas necessidades podem ser consideradas como formais.

As relações das pessoas da vila com os moradores da cidade são as mais superficiais de todas. Isto não quer dizer que sejam indiferentes ou hostis; são antes amáveis, mas desconfiados, solícitos mas reservados. Um exemplo é a declaração deste morador, em entrevista informal:

*"A Costa já não é mais o que era, D. Maria. Tem muita gente de fora morando lá, que a gente não conhece, não sabe quem é, de onde vem... Não sabe se pode ser ladrão, maconheiro... São os "hipi." (Libério)*

Para conviver com os desconhecidos ou seja, as pessoas de fora da vila, seus moradores procuram meios de aproximá-los, de torná-los familiares. Esta aproximação é almejada principalmente com as pessoas que passam mais tempo no local, como professores, profissionais do posto, ou outros. A mudança freqüente destas pessoas não é satisfatória por este motivo.

*"Aqui na Costa é assim: ninguém fica muito tempo. Quando a gente pega a se acostuma troca tudo de novo." (Artur, família 1)*

É difícil para os moradores pensar em coisas abstratas, como as instituições "prefeitura", "hospital", "escola". Eles

pensam no prédio onde tais organizações funcionam, ou nas pessoas que trabalham nesses locais. É a estas pessoas que voltam seus esforços no sentido de compreender e tornar familiar as instituições.

"Eu consegui o vestido dela lá na Catedral. Ela foi lá e disseram que não tinha, mais depois eu fui lá de novo, falei com a senhora que trabalha lá, é tão querida ela, e consegui um." (Sônia, família 11)

"Muita gente que que aibram uma estrada prá qui, eu acho melhor ficã como tã. Aqui é tão bom assim. Ainda mais agora que o prefeito botô uma barca. Assim quem não tem barca não precisa pagã prá subi." (Rosalino, família 5)

Em relação ao atendimento prestado pelas instituições de saúde, diversas foram as situações relatadas em que os respondentes ressentiram-se do tratamento pessoal recebido.

"Quando pára a vista dela... é triste. As baguinha do olho entram prá cima e ela não encherga nada. (...) Ela disse que quando ela tava lá no Sanatório a veiz passava a noite toda com a vista parada e não vinha ninguém ajudã ela." (Olga, família 11)

"Eu tive um pequeno que era gêmeo com esse Manoel, morreu com cinco mezinho. Eu tenho prá mim que foi falta de cuidado dos médico daquele hospital antigo, perto do Hospital do Servidor(...) eles não botaram quicigênio, nem soro, nada..." (Priscila, Fam. 8)

As relações profissionais, ao lado do medo do parto, são motivos de temor por parte desta gestante:

"Eu tenho medo (do parto) eu não sei o que vai me acontecê lá na maternidade, não conheço quase ninguém lá." (Jane)

Devido a este temor, e provavelmente também porque esperam manter com as pessoas das instituições de saúde relações familiares, mais valorizadas que as formais, os moradores tendem a trans-

formar os profissionais de desconhecidos a íntimos. Quando é conseguido algum tipo de ligação pessoal, esta é altamente valorizada, como nesta situação:

"... Os médico examinaro ela e dissero que tinha um dedo de delatação e não era prá hoje. Mandaro ela embora porque não tinha cama(...). Aí a cunhada foi atrás do Doutor Gilmar; ele examinô ela e disse que já tava com quatro centíme; ele brigô com os outro médico porque tinha mandado ela embora."  
(Gisele, Família 8)

Em relação ao posto de saúde local o mesmo processo de familiaridade é tentado, com relação ao médico e ao dentista. Os auxiliares de saúde, por serem parte da rede social da vila, já são tratados familiarmente. Aspectos da vida particular dos profissionais são comentados entre a população, suponho que tendo o objetivo de torná-los parte da rede social da vila.

"Ele disse prá mim que vai ficã fora dois mês, parece que ele vai viajá, atrás duma guria. Eu disse prá ele trazê ela prá cá, mais ele disse que não pode."  
(Luiza, Família 1)

"O remédio eu consegui ali no Posto com a Úrsula." (Leila, família 6)

Podemos concluir que, para esta população, é muito importante que os profissionais que prestam atenção à saúde mantenham o mais possível relações pessoais com estes clientes. Uma relação familiar, entre os profissionais e as pessoas desta população é essencial para alcançar resultado positivo em qualquer ação de saúde que se pretenda realizar.

Para esta população pode ser confirmada a afirmação de NORBECK (1981), quando diz que o suporte dado pelo enfermeiro não é suporte social porque geralmente é unidirecional, e o profissional não é parte da rede social do cliente. Entretanto, dada a gran-

de importância que os respondentes dão às relações familiares, isto é, às relações baseadas em conhecimento pessoal, consideramos imprescindível que os profissionais tenham bastante cuidado quando se relacionarem com estas pessoas. Qualquer demonstração de atenção, ou apreço poderá fazer a diferença entre um trabalho com sucesso ou fracasso. De alguma maneira precisamos nos tornar parte desta rede social, para que possamos realizar um trabalho de assistência positiva.

## Discussão dos achados sobre rede social

Ao compararmos as relações pessoais encontradas na vila com os escritos dos autores consultados, podemos encontrar alguns pontos que merecem ser apontados.

Em primeiro lugar, pode ser claramente observada a importância do fator afeto no estabelecimento e manutenção das relações entre as pessoas. Na família, os laços do coração situam-se ao lado do parentesco e compartilhamento de uma mesma residência, formando o próprio conceito de grupo familiar. As relações pessoais extra familiares também são feitas fundamentadas no afeto. O "gostar de" é que faz com que as pessoas sejam escolhidas para compadres, colegas ou companheiros. Este fator, que denominamos afeto, é para os autores consultados, apenas um entre vários outros que definem a rede social. Tomando a definição de KAPLAN & Col. (1977) por exemplo, referindo-se à rede social como "pessoas com as quais o indivíduo se comunica, e os laços destes relacionamentos", podemos observar que o fator afeto não é sequer citado, o mesmo acontecendo com outros autores. Para os respondentes, entretanto, é impossível relacionar-se em termos pessoais sem o afeto.

Provavelmente devido às diferenças culturais, para esta população, "gostar de" é fator imprescindível quando falarmos em rede social.

Outro ponto importante a considerar é a delimitação dos grupos família e rede social. Onde termina o grupo familiar e onde começa a rede social é um questionamento que não pode ser respondido com esta pesquisa. A definição de família utilizada pelos respondentes inclui pessoas sem ligações consangüíneas, que, segundo os trabalhos consultados, fariam parte de uma rede social, se fossem adotados integralmente. Uma pessoa que não tem nenhum

parentesco poderá fazer parte da família se tiver uma ligação do coração, enquanto os filhos podem não fazer parte da família no caso de não se relacionarem positivamente com os demais membros.

A relação entre compadres é facilmente identificável como um exemplo de indefinição de limites entre rede social e família. Esta situação também foi identificada por DUGAN (s/d) em seu trabalho sobre compadragem entre latinos. Esta autora identificou que para a população estudada, na designação "família", encontravam-se vários compadres. Para os respondentes da presente pesquisa, compadres são figuras importantes, a quem recorrem em situações de necessidade, para arreatirem ou valerem as famílias.

Esta indefinição entre os limites de um e outro conceito será uma indicação de que esta variável da vida das pessoas, a rede social, é inexpressiva para esta população, sendo a família a fonte de suporte? Somente futuras investigações poderão responder a este questionamento.

Com relação ao tamanho da rede, segundo as definições apontadas pelos autores, podemos afirmar que todos os moradores da vila formam uma única rede social. Uma rede social desta extensão não aparece na literatura consultada. Geralmente é considerada a rede social de um determinado foco, seja indivíduo ou grupo, aqui considerada a família. As características da vila são tais que se torna difícil, traçar a rede social de uma família, tão ampla e interligada em outras costuma ser. Achados semelhantes podem ser lidos na tese de ALBUQUERQUE (1983), onde, à página 177 descreve as relações sociais informais de uma vila pesqueira de Santa Catarina com as seguintes palavras: "Portanto, o interconhecimento entre os habitantes de Tainhas é muito grande. Assim esta localidade pode ser encarada como um 'grupo social'..."

Em relação à modificação da rede social com o passar do

tempo, esta pode ser identificada nesta população, em pequena escala. As alterações dos relacionamentos ocorrem principalmente na ocasião do casamento, o início da vida adulta. Nesta etapa, a família em formação mudará os seus relacionamentos pois ao menos um dos membros do casal mudará de residência, aumentando a oportunidade de contato com determinadas pessoas e diminuindo com outras. O "convoy", citado por KAHN & ANTONUCCI (1983) também sofre alteração quando os relacionamentos positivos passam a negativos, como por ocasião das brigas, onde as pessoas passam a "não falar com" outras. Embora geralmente tais brigas sejam com pessoas determinadas e não com a família como um todo, o fato da pessoa não entrar mais na casa da outra também restringe a oportunidade de contato.

Como fechamento, podemos redesenhar a figura II que retrata um modelo idealizado de rede social. Frente a realidade encontrada, o modelo de rede social/família existente na Costa da Lagoa terá a forma aproximada do desenho a seguir:

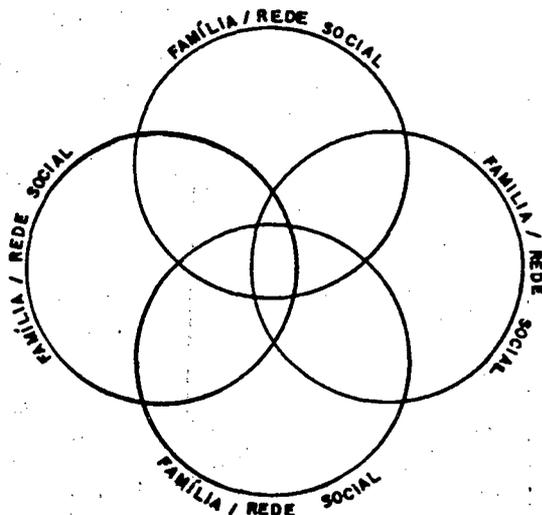


Figura nº VII - Modelo representativo das ligações entre famílias existentes na Costa da Lagoa.

### 4.3 - Suporte social

Para compreender o suporte social existente nesta população, separamos e detalhamos todas as situações em que de alguma forma houvesse ajuda, auxílio, ou outra forma de interação entre pessoas. Também destacamos e detalhamos situações em que o suporte fosse percebido como necessário porém estivesse ausente.

Analisando estas situações, alguns temas emergiram. Esses temas, descritos a seguir, são palavras que encerram idéias-chave sobre o assunto. Os temas que emergiram das situações descritas pelos moradores foram o "arrepartir" e o "valer".

#### 4.3.1 - Arrepartir

Arrepartir tem o sentido de compartilhar algo entre famílias, ou entre a família e determinadas pessoas.

*"Aqui é nosso costume arrepartir. A gente arreparte tudo (...). Se, vamo dizê, eu tenho peixe que os meus filho mataram, e já a Tezeza (irmã) não tem, eu arreparto com ela. Se ela tem uma laranja e eu não tenho, ela arreparte comigo. E assim é tudo."  
(Inã, família 6)*

*"Olha, mulhê, arrepartir é quando um que tem dá ao outro que não tem."  
(Entrevista informal, 11.11.87)*

Observa-se que no que é designado "arrepartir" é utilizado o verbo "dar". Entretanto, o dar é restrito, é praticado em situações especiais, criteriosamente e para determinados objetos ou ações. Tanto se arreparte bens materiais, o mais importante deles sendo a comida, como também roupas, moradia, remédios, e também coisas não palpáveis como conselhos, companhia, e outros.

Vejamos algumas expressões utilizadas pelos moradores, que exemplificam o que pode ser arrepartido.

### .A alimentação:

"(...) o leite eu ganho todo o dia um bocadinho da minha neta Luiza ali, que a veiz é só o que eu como." (Deolinda, Família 1)

### .A moradia:

"Ele é filho do meu mais velho. Eles tão aqui em casa. O Flávio tá meio doente, parece que é úlcera." (Marilene, Família 7)

### .Instrumentos de trabalho

"... eu tô apurando porque o pique não é meu, é daquela vizinha ali e ela precisa prá hoje" (Alexandra, Família 8)

### .Objetos para a "caixa" e para o bebê que vai nascer:

"A minha patroa é muito boa prá mim. Ela é como uma mãe prá mim. Ela me deu quase todo o enxoval do nenê e ainda a banheirinha." (Deise, família 8)

"A Maria me deu uns pano de prato e a tia Laura me deu essas colher." (Milena, Família 1)

### .Conselhos:

"Domingo eu encontrei a Siã Maria na missa. Ela perguntô pela Francisca como tava, que ela tinha ouvido falã sobre a gravidez dela(...) Aí a Siã Maria me deu conselho que não botasse a moça prá fora de casa, que eu cuidasse do neto, e é o que eu vô fazê." (Irene, Família 8)

"Ele bebe muito, sabe? Hoje ele tá com vinte e quatro ano. Ele bebe des' de a idade de quinze ano. É uma tristeza, um moço! Nós já demo conselho a ele prá parã de bebê, mais ele não deixa..." (Gládis, Família 5)

.Ensinamentos para cuidar dos filhos:

"Naquele tempo a mãe morava com nós e foi mostrando como era e eu fui fazendo. Mais na aquele tempo não era que nem hoje, era mais fácil, a gente botava a criança num bercinho e lá ela ficava." (Leonilda, Família 12)

.Companhia:

"A Adelaide e os filho não são capaz de ar-repartir com nós. Nem vê a gente eles não vem..." (Sandra, Família 1)

"Eu sempre agrado eles (as crianças), que é pra eles não ficã com raiva de mim. As mãe dizem pra mim não agrada tanto eles, mais eu tenho pena, eu gosto que eles venham aqui." (Gilsa, família 13)

.Tratamentos para doenças:

"Eu já dei pra ela folha de laranja com aspirina que é muito bom pra gripe. Eu disse pra ela tomã caipirinha que é bom pra gripe, mais ela não quẽ. Eu tinha uma gripe que não melhorava, aĩ peguei a tomã caipirinha e nunca mais me gripei." (Jane, família 3)

"A Márcia tinha isso, aĩ o médico receitô um remédio pra ela, uns comprimido que fizeram muito bem pra ela, ela nem chegô a tomã todo o envelope. Ela deu pra mim experimentã e foi bom. (Para o marido) por que tu não toma um? Da outra vez fez tanto bem..." (Berenice, Família 10)

.Conselhos sobre tratamentos de saúde

"O Paulo (vizinho) disse à Júlia (mulher) que na cidade tem um médico muito bom, o Doutor Bastos que curô o filho dele que sofria do mesmo mal que a Dora (filha)." (Alzira, Família 11)

O fato de terem o costume de ar-repartir é motivo de orgulho entre os moradores. Quando este assunto é comentado, as pessoas falam como é bom este hábito, e se mostram conscientes de

que isto não é comum nos outros lugares.

"Aqui na Costa é muito bom de morã, um dã a mão pro outro." (Leopoldo)

"Quando a gente vai à cidade, se leva dinheiro toma café, se não leva não toma. Não tem ninguém que dê um cafezinho. Aqui a gente não faz questão de uma xícara de café ou um prato de pirão." (Lia, família 6)

"Se a senhora não tem o que comê e eu tenho um quilo de camarão eu dô meio prá senhora. Se a Sílvia não tem, ela pede e eu dô siri, o que tiver. Se a senhora tem e eu não, a senhora arreparte comigo. Por aí não é assim. Se aquele não tem o que comê morre de fome. A gente pode sê pobre mais não passa necessidade." (Lúcia, Família 3)

O arrepartir é um costume que envolve relacionamento afetivo. As pessoas que costumam arrepartir são aquelas ligadas por laços afetivos.

"Se uma pessoa me oferece alguma coisa prá comê eu aceito mais só se for do coração. É só uma conversa, mais se a senhora me oferece uma maçã, é a coisa que eu mais gosto, eu não digo não, mais se eu vejo que a senhora não quê me dá eu não quero." (Albertina, Fam. 3)

Um dos moradores explica por que ele e sua família davam coisas à pesquisadora.

"(...) nós damo porque apreciamo vocês, nós gostamo de vocês, de você e de seu marido. Se fosse outra a gente não dava não. Olha, tinha aqui nesta mesma casa uma negrinha antes da senhora morã. Ninguém dava nada prá ela não. Não é prá todo o mundo que a gente dá. E também não é todo o mundo que dá. A senhora quê vê uma coisa... A Paula, minha filha, já deu alguma coisa prá senhora? Pois é isso..." (Artur, Família 1)

As pessoas que arrepartem mais comumente são a família "do coração", os compadres, colegas e vizinhos que se dão bem. Sempre é feito entre pessoas que se gostam. Este é o ponto importante de

arrepartir. Quando as pessoas não se falam, jamais arrepartem.

"Se não fosse aquela filha dela, a Lúcia não sei não, acho que já tinha morrido. A Lúcia, é que arreparte com ela..."

(Daniela, Família 10)

Outro fator importante é o ter ou não ter o que arrepartir. Esta ação é sempre feita entre quem tem e quem precisa, desde que ambos sejam pessoas que se gostem.

"Quem tem mais, arreparte mais, quem tem menos, arreparte menos." (Gasparina, Família 6)

"A siã Tereza ainda tem quem arreparta com ela. Tem a filha, que o marido é rico (...), e o outro filho que é pobre, mais também arreparte." (Rosângela, Família 10)

A necessidade de arrepartir é baseada principalmente nas necessidades da família. Os membros da rede social que estão ligados afetivamente à família são os que avaliam a necessidade de arrepartir, e agem no sentido de supri-las. Algumas vezes quem está necessitado pede, outras, as pessoas arrepartem espontaneamente, o que é o mais comum.

"-Olha o que o pai mandô prá senhora, (um peixe dentro de uma sacola de plástico)  
-O pai, é? Que bom! Tã tão difícil de conseguir comida, nê D. Maria? Não tem carne, não tem galinha... A sorte é que tem quem arreparta..." (Aline, Família 13)

"Eu trouxe prá mamãe um pedacinho de galinha que o Ricardo trouxe da cidade. É daquela molinha que a mãe gosta. Onde é que a mãe guarda? boto na geladeira?" (Paulina, Família 11)

"... eu vô pedi pro Antônio (filho) comprã prá mim um pedaço de galinha amanhã quando ele for na cidade. Tã me apetecendo um caldinho de galinha." (Miriam, Família 1)

Algumas vezes é sentida a necessidade de que as pessoas arrepartam, porém isto não acontece. Nestas situações as pessoas

costumam condenar aquele do qual é esperado.

"Eu não sei porque a Carolina, aquela outra filha dela também não arreparte, ela pode, mais não arreparte nada com a mãe. À vez a velhinha tã mal em cima duma cama e ela nem vai vê ela." (Raquel, Família 10)

Os moradores costumam dizer que o arrepartir é uma ação que não exige pagamento.

"E ninguém paga não! Quando a gente arreparte a outra pessoa não paga de volta nada." (Manoela, Família 6)

Entretanto, na prática, a pessoa que arreparte espera alguma coisa em retribuição. Geralmente é esperado que a pessoa que recebeu, no futuro, quando tiver, arreparta de volta o mesmo, ou coisa semelhante.

"A senhora quê vê uma coisa? A minha comadre Ana, ali em baixo. Quantas vez ele tava pro Rio Grande e ela e as criança não tinha o que cumê. Eu trazia eles prá dentro da minha casa, dava comida a eles... E agora vê se eles me dão um peixe, um meio quilo de camarão... dão nada! Eles dizem que é prá eu lá pedi, mais quando eu dava eu ia chamã eles. Aí eu não vô, eu acho um desaforo. Eu prefiro comprã galinha na Freguesia..." (Entrevista informal, 22.8.86)

"É, D. Maria, aqui a gente arreparte muito uns com os outro. Onte eu peguei bastante peixe com os filho. A senhora quê vê o que ficô? Tinha muito mais, aí um ou outro pediram prá arrepartí com eles, e eu arrepartí. E eles não pagam não, D. Maria... eu não cobro nada. Eu sei que uns não podem, mais tem outros que podem e mesmo assim não pagam nada. Eu fico assim sem jeito de cobrã e quando eles perguntam quanto é eu digo que não é nada." (Emerenciano, Família 10)

### .Discussão dos Resultados

O arrepartir inclui uma idéia clara de reciprocidade, de compromisso mútuo envolvendo as famílias. Embora não signifique pagamento em dinheiro ou outra forma, é esperado que as pessoas

sejam mutuamente responsáveis por suprir as necessidades que surgirem em novas situações. Está aqui incluída a idéia de que no arrepartir, para cada situação apresentada, quem tem dá ao que não tem. Seja qual for o bem em questão, comida, roupas, conselhos, companhia ou outros, a pessoa que tem mais dará à quem tem menos. Em situação posterior, a situação se inverterá, fazendo com que o doador seja agora receptor de bens. Este acordo não é explícito nem rígido; as pessoas não dizem que esperam retorno do que arrepartem, nem esperam receber alguma coisa para arrepartir novamente. Esta idéia de reciprocidade foi também encontrada por DUGAN, (s/d) em seu trabalho sobre compadragem, no qual a autora identifica que o cuidar dos relacionamentos entre compadres incluem um acordo estreito, socialmente sancionado, de reciprocidade mútua futura.

Um dos mais importantes aspectos do arrepartir, que o aproxima bastante dos conceitos enunciados pelos autores consultados é o envolvimento emocional existente entre as pessoas. Está bastante claro que só arrepartem os que tem entre si um relacionamento afetivo positivo; o gostar de faz a diferença entre as pessoas que arrepartem e as que não o fazem. A ligação emocional é o fator central do suporte social segundo a literatura consultada. Dos autores citados no quadro II apenas CAPLAN (1976) não cita este aspecto. Os demais citam ligação, afeto, apoio emocional, suporte emocional e expressão de afeto.

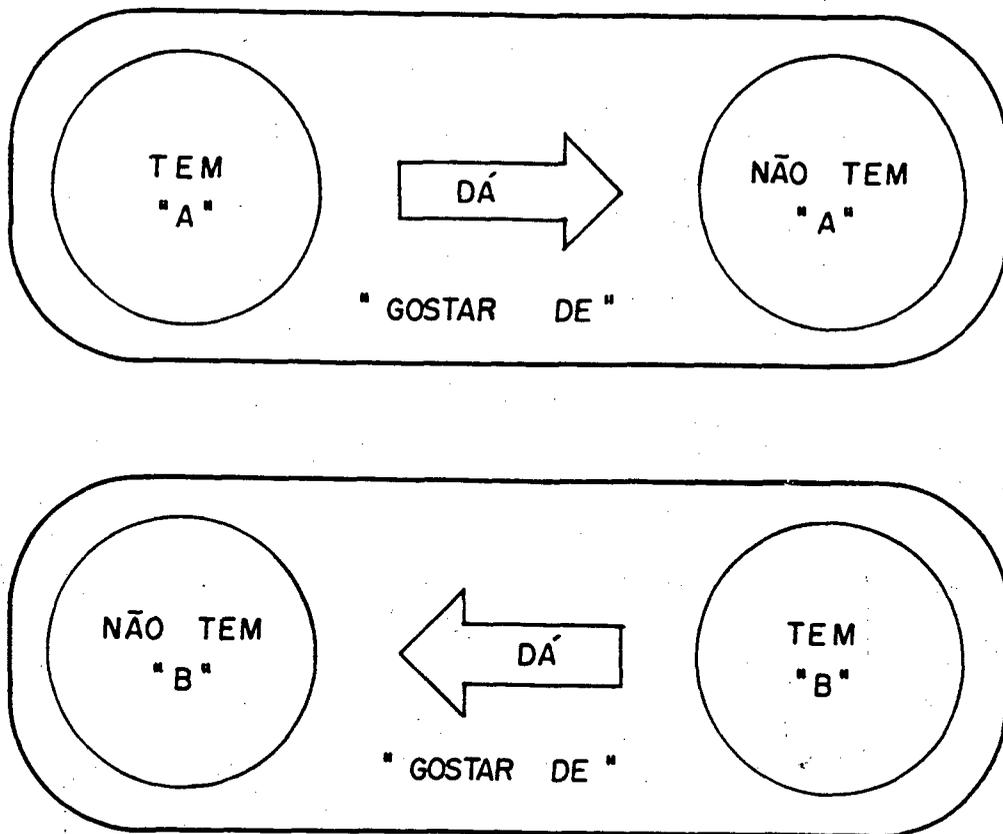


FIGURA VIII - ARREPARTIR

As pessoas que recebem alguma coisa arrepartida têm característica comum de serem necessitados de alguma forma. São as famílias nas quais não há homem que possa suprir as necessidades da família, como as viúvas, separadas, solteiras sem família, casais já velhos quando o homem não pode mais pescar. Quando bens materiais são arrepartidos, como conselhos, os beneficiados são pessoas geralmente jovens, inexperientes, ou que estejam em situação difícil. Já os remédios, indicações de tratamento e outros aspectos relacionados à saúde são arrepartidos indistintamente, ressalvadas as restrições do gostar.

Arrepartir é um tipo de suporte não existente na literatura, pois ao mesmo tempo atende diversas necessidades do indivíduo, principalmente aquelas que envolvem algum tipo de aporte material, principalmente a comida. Na literatura consultada apenas as definições de CAPLAN (1976) e UNGER & POWELL (1980) fazem referência

ao suporte material, que pode ser considerado de alguma forma semelhante ao "arrepartir", referindo-se ao suporte extra de material, ou a suporte instrumental. Esta característica pode ser devida às dificuldades enfrentadas pelos respondentes, como escassez de comida em determinadas situações, dificuldade de acesso a bens materiais pelo isolamento da vila, ou a outras causas. O fato é que o arrepartir é uma prática tão difundida nesta população, que podemos dizer, é o centro do suporte social.

#### 4.4.2 - Valer

Valer, para os moradores, é a ação de prestar um serviço de grande importância para quem necessita.

*"Então eu não sei? Aqui se eu não tenho hoje mais amanhã eu já tenho, se não almoço, já janto... Se não tenho peço aqui pro cunhado, pro sogro, e eles me valem... E por aí como é? Se não tem o que cumê morre de fome porque ninguém socorre. Se eu bato ali na sua casa, é só uma conversa, prá pedi um cruzeiro emprestado, a senhora não empresta? Então, e depois, quando o menino vende o camarão, no outro dia, eu pago a senhora. E por aí? Não tem nada disso." (Eda, família 8)*

O valer difere do arrepartir porque independe do gostar. As pessoas que valem outras podem ou não estarem relacionadas afetivamente. Pode inclusive acontecer entre pessoas que não se falam, desde que a ocasião seja crítica, quando não são consideradas as divergências. Não foi identificada nenhuma situação em que as brigas prévias impedissem ou dificultassem o valer.

*"A Zilda não se dá com minha sogra que é sogra dela também... Quê dizê, fala ela fala, mais assim, por cima do ombro, e com o sogro ela não fala. Mais na doença é outra coisa, quando é doença grave todo o mundo corre." (Mercedes, Família 4)*

As situações que despertam o valer são aquelas de necessidade intensa, quando a família necessita muito de uma determinada coisa, ou serviço. Algumas das situações relatadas são as seguintes:

"Então eu fiquei sozinha com as criança. Quem me valia era meu cumpadre aĩ de cima que me trazia um balaio de peixe. A metade eu deixava prã minha cunhada escalã e a outra metade eu levava prã Ratonés. No mesmo balaio eu levava os peixe, vendia e trazia os gênero." (Requino, família 1)

"Aos sete ano minha mãe morreu e eu fiquei com a avô. Daĩ ela teve uma doença e morreu. Eu fui morã com os tio, eles foram morrendo e eu fiquei sozinha. Ainda ajudei a criã os meus primo. Batizei dois ou três. E eles que me valem hoje. Eles me ajudam com um peixinho, um quilo de farinha... (...) meus vizinho também são muito bom. Eu ajudei a criã muitos deles, e eles me valem muito. Arrepartem comigo." (Vera, família 8)

"... e todo o mundo trabalhava. Quem não tinha nada o avô ou os otro que tinha davam o terreno prãquele plantã e assim não passavam necessidade. Quem plantava ficava com duas parte e o dono do terreno com uma." (Nara, família 3)

O valer implica em devolução ou pagamento em determinado espaço de tempo no futuro. Esta é uma constante nas situações que envolvem bens materiais. Alguns dos exemplos estão a seguir, ilustrando esta afirmação.

"A família dele tã esperando ele voltã. O dinheiro jã se acabô e ela tã pedindo o que precisa numa vizinha ou noutra. Quando ele voltã o dinheiro vai sê prã pagã o que deve, e eles vão ficã na mesma de novo." (Júlia, família 13)

"Me vale e quando... vamo fazê uma conversa sô nôs aqui. A Lídia recebeu a irmã dela em casa queria fazê um agrado prã irmã mais não tinha nada em casa. Aĩ ela mandô um bilhethinho pela menina dela dizendo que emprestasse dois quilo de açúcar e um de arroz e trezentos cruzado. Eu ai mandei prã ela o que ela me pediu. Eu servi a ela quando ela tava precisando. Assim, quando o marido dela arrecebê ela me paga. E assim." (Ana, fam. 4)

O verbo "valer" é usado quando a ação já se concretizou, utilizado em expressões como "fulano me valeu". Quando, porém, a ação está acontecendo, os verbos empregados são "pedir", "empresstar" ou "servir". Após realizada a ação, quando ela é de grande importância para a pessoa necessitada, é avaliada positivamente como uma ação de "valer".

### .Discussão dos resultados

O valer é uma forma do suporte social, destinada a suprir necessidades especiais, que ocorrem em situações específicas. A principal diferença entre o valer e o arrearpartir é o envolvimento emocional, que pode estar ausente no valer.

O fato de nesta população o suporte social poder ser fornecido por pessoas não ligadas afetivamente, e mesmo poder ocorrer entre pessoas que têm algum antagonismo entre si, como aquelas que não se falam, é um fato não encontrado na literatura. Isto sugere novamente que todas as famílias da vila constituem uma grande rede social, de forma que as desavenças podem ser superadas quando de uma necessidade realmente grande de uma das partes.

O valer para esta população lembra os autores consultados no aspecto relativo às ações protetoras do suporte social em "crises vitais", ou "eventos estressantes". A ação da rede social nessas crises, contudo, é diferente daquelas citadas pelos trabalhos, pois refere-se a serviços e materiais, enquanto a literatura refere-se principalmente ao fator protetor contra os efeitos adversos da situação.

## CAPÍTULO V

### CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

#### 5.1 - Conclusões

A partir dos resultados obtidos a frente à bibliografia consultada, podemos concluir o seguinte.

5.1.1 - A rede social existente nesta população é consideravelmente diferente da encontrada na bibliografia consultada. A característica de ser uma única rede composta pela totalidade dos moradores em comparação como número restrito das descritas na literatura indica que para os respondentes não há limites de elementos da rede social. Esta constatação, somada à indefinição dos limites entre rede social e família leva à conclusão de que, para esta população, os conceitos de rede social não podem ser aplicados tal como aparecem nos demais estudos, devendo ser levadas em conta as diferenças culturais entre as populações.

5.1.2 - Em relação ao suporte social, este é também diferente, pois sua divisão entre o arrearpartir e valer não encontra correspondência na literatura. As ações do suporte social se referem principalmente ao aporte material, enquanto na literatura as ações predominantes são de natureza não material.

A importância dos laços afetivos é um ponto em que a li-

teratura e os resultados se aproximam. Porém é bastante mais intensa nesta população. No arrepartir, os laços afetivos traduzidos para esta população pelo "gostar de" é a principal exigência entre as partes. Por outro lado, as ações de valer desconsideram estes laços, podendo se dar mesmo entre pessoas brigadas.

Em relação à Enfermagem, podemos concluir que nós, enquanto profissionais, dificilmente poderemos "arrepartir" com eles. Para esta ação não temos o requisito "gostar de", e tampouco fazemos parte da rede social. Entretanto, poderemos, se tivermos cuidado nos nossos relacionamentos, "valer" eles. Se pudermos nos fazer conhecer, e conhecê-los, nos tornarmos familiares e não formais, colegas, e não desconhecidos, poderemos assistir a esta população. Só desta forma alcançaremos uma assistência eficaz e satisfatória, para ambas as partes.

## 5.2 - Recomendações

Considerando-se esta uma pesquisa inicial sobre o assunto, é recomendável que novos estudos sejam realizados visando elucidar pontos obscuros, explorar novas situações, conhecer realidades diferentes. Como sugestão para novas pesquisas podemos indicar a exploração dos limites entre família e rede social, o estudo da rede social de famílias moradoras de zonas urbanas, e a realização de estudos semelhantes em outras etnias.

Com relação ao ensino de Enfermagem, é desejável que haja divulgação dos resultados desta pesquisa entre o corpo discente e docente, tendo por objetivo a adaptação constante do ensino à realidade. Um conhecimento de como a população deste local vive e age em relação ao suporte social poderá contribuir para tornar o ensino voltado à satisfação das necessidades da clientela.

Para a prática de Enfermagem, é extremamente importante o conhecimento dos resultados desta pesquisa. Em qualquer área da nossa atividade profissional, conhecer como a população apoia-se mutuamente poderá auxiliar a enfermeira no sentido de desenvolver, manter e usar o suporte social em benefício do cliente.

## CAPÍTULO VI

### CONTRIBUIÇÕES E LIMITAÇÕES

#### 6.1 - Contribuições

Costumamos nos referir a saúde como um fenômeno não só físico, como também psíquico e social. Entretanto, esquecemos frequentemente os outros aspectos da saúde para nos concentrarmos no físico. Muitas vezes passam-nos despercebidas as diferenças existentes entre a nossa maneira de pensar e a das pessoas de quem cuidamos. Suas atitudes em relação à saúde muitas vezes nos surpreenderão se não levarmos em conta que são frutos de sua vivência em um meio diferente do nosso. Este estudo poderá contribuir para compreendermos o ponto de vista de uma parte da nossa clientela, seus valores, sentimentos e ações em relação à saúde.

A assistência de enfermagem poderá ser beneficiada por este trabalho, considerando-se que, com conhecimentos sobre as formas culturais de ajuda poderemos planejar e executar uma assistência mais efetiva, utilizando os recursos da rede social ou famílias para pacientes de risco.

#### 6.2 - Limitações

Encontrei alguma dificuldade em registrar todas as entre-

vistas formais e informais, encontros ocasionais, visitas, e toda a situação em que estive frente aos respondentes. O fato de morar na vila, se por um lado favoreceu a coleta de dados, por outro dificultou muito o seu registro pois os respondentes e demais moradores, especialmente as crianças tinham por hábito visitar-me diariamente, e isto deixava pouca margem de tempo para registros. Inúmeras vezes eu só conseguia escrever à noite, depois de várias entrevistas e conversas informais mantidas durante o dia.

Considerando que o tempo estimado para registrar uma hora de entrevista são três horas de escrita, pode-se deduzir que foi extremamente difícil, ou quase impossível registrar horas seguidas de conversa. Por este motivo, após algumas tentativas infrutíferas, deixei de registrar as conversas mantidas com as pessoas que não faziam parte das famílias respondentes. Este fato pode ser considerado uma limitação porque uma quantidade de informações pode ter sido perdida, principalmente aquelas referentes aos costumes da vila.

Entretanto, este fato não chega a invalidar a pesquisa, pois os registros das entrevistas com os respondentes foram feitos cuidadosamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALBUQUERQUE, C.M.C.P. Tecendo redes sociais: a articulação de instituições sociais numa localidade pesqueira de Santa Catarina. Florianópolis, 1983 360p. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais da UFSC.
2. BERKMAN, L. & SYME, L. Social networkes, Host resistance and mortality: a nine-year fllow-up study of Alameda County residents. Am. J. Epidemiology, 109:186-204, fev. 1979.
3. BOTT, E. Family and social networks. London Tavistock, 1957.
4. BOWEN, M. Family Therapy in clinical practice. New York, Jason Aronson, 1978.
5. CLAPLAN, G. The family as a support systems and mutual help. New York, Grune & Stratton, 1976.
6. CASSEL, J. The contribution of the social environment to hast resistance. Am. J. Epidem. 40(2):107-23, 1976.
7. COBB, S. Social support as a moderator of life stress. Psychosomat Medicine. 38(5) sep.oct, 1976.
8. DEAN, A. & LIN, N. The stress - buffering role of social support. J. Nerv. Ment. Dis. 165(6) 1977.
9. DUGAN, B.D. Cuidado: A essência da Enfermagem e saúde. /Compoutuagem, um fenômeno de cuidar entre latinos urbanos e seu relacionamento com a saúde - Polígrafo.
10. DUVALL, E. Marriage and Family Development. New York, Harper & Row, 1977.
11. EVANESHKO, V. & KAY, M. The ethnoscience research technique. Western Journ. of. Nurs. Research. 4(1):49-63, 1982.
12. FIORE, J. et alii. Social networkes interaction. Am. Journ of Comm. Psychol. II(4):423-39, 1983.
13. GORE, S. The effect of social support in moderating the health consequences of unemployment. Journ. of. Health and. Soc. Behav. 19:157-65, june - 1978.
14. HAMMER, M. Influence of small social networkes as factors on mental admission. Hum. Org. 22:243-51, 1963.
15. HIRSH, B. Psychological dimensions of social networks: a multimehod analisis. Am. Journ. of Comum. Psychol. 7(3):263-77, 1979.
16. HELLER, K. The effects of social support: prevention and treatment implication. In: Goldstein, A.P. & Kanfer, F.H. (Eds). Maximizing treatment gain: Transfer enhancement in psychoterapy. New York, Acad. Pres., 1979.
17. HUBBARO, P. et alii. The relationship between social support and self-care practices. Nurs. Research 5(33):266-69, 1984.
18. KAPLAN, et alii. Social support and Health. Med. Care XV (5):47-58, 1977.
19. LEININGER, M. Qualitative research methods in nursing. Orlando, Grune & Stratton, 1985.

20. LIN, N. et alii. Social support, stressful life events and illness: a model and a empirical test. Journal of Halth and Soc. Behav. 20:108-9, june, 1979.
21. MALINOWSKI, B. Os argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo, Abril, Coleção Os pensadores, 1976.
22. NORBECK, J. Social support: a model for clinical research and application. Adv. in Nurs. Science. 3:43-59, 1981.
23. NOVO MICHAELIS, Dicionário Ilustrado. São Paulo, Interamericana, 33<sup>a</sup> ed., 1983.
24. NUCKOLS et alii. Psychosocial assets, life crisis and pregnancy. American Journ. of. Epidem. 95(5)431-41, 1972.
25. PARSE, R. et alii. Nursing Research Qualitative Methods. Maryland, Brady Comm., 1985.
26. RAGUCCI, A. The ethnographic approach and nursing research. Nursing Research 21(6):485-90, 1972.
27. RODGERS, R. Toward a theory of family development. Journal of Marriage and Family 262-270, 1964.
28. SHATZMANN, L. & STRAUSS, A. Field research. Engleswood Cliffs. N.J. Prentice Hall, 1973. /
29. TOLSDORF, C. Social networkes, support and coping: an exploratoty study. Family Proc. 15:407-17, 1976.
30. TILDEN, V. The relation of the life stress and social support to emotional disequilibrium during pregnancy. Research in Nursing and Health 6:167-75, 1983.
31. UNGER, D. & POWELL, D. Supporting Families under stress: the role of social networks. Family Relat. 29:566-74, 1980.
32. WALTER, S. et alii. Social support, networks and the crisis of be-reavement. Soc.Sci & Med. 11:35-41, 1977.
33. WEISS, R. The provisions of social relationship. Doing unit others, Englewood Cliffs, New York, Prentice Hall, 1974.
34. WILCOX, B. Social support, life stress and psychological adjust-ment. Am. Journ. of Camm. Psychology 9(4):37-85, 1981.

## ABSTRACT

Wishing to understand deeply whom the families that live in a village ask for support, and what species of support they get, the author researched in an exploratory way, the subject.

Ethnography was used, quality research method, aiming to apprehend the meaning of a phenomenon from the responsive point of view. As the technique of reserach, it was used the participant observation.

The researcher cliving for six continous months in the village, and for sporadic twelve months coming back to validate the result, gathered data from thirteen families that lived in the same place.

These families were the responsive of the research.

The raw data were organized situations in whisch other people had participated somehow. From these situations, the themes emerged, that is, words frequently repeated which indicated the kind of support given and received as well as the types of existing relation ships.

These constitute the social support.

Regarding the social support, an indefihition of limits between the family and other relations that could be named social net was observed. This brought up the question whether the social

support for this population is not provided by the family it self.

Other differences can be found, as the importance of the affection and the change of the personal relation ships as times passes.

Two Kinds of support were identified, the "arrepatriar" (sharing) and the "valer" (value). The first refers to the action of sharing something, principally goods. It also includes services, event the ones related to health the "arrepatriar" (sharing) is an acting performed among the person tied by the bonds of affection and is reciprocal.

The "valer" (value) refers to an action of rendering a service of great importance to whom receives it.

It refers to the support in emergencial situations or when in extreme need. It generally deals with transportation, money or food.

It is an acting which occurs independently from any affective bond, being likely to occur even among people who do not get along well.

It implies payment or repay an equal or similar object.

It can be concluded that the net as well as the social support have characteristics which are different from the ones postulated by the consulted bibliography.

Before being validated in our country, the studies about the subject must be carefully evaluated under the focus of our culture.